

ÉTIENNE DE LA BOÉTIE

# DISCURSO DA SERVIDÃO VOLUNTÁRIA

EDIÇÃO BILÍNGUE PORTUGUÊS - FRANCÊS



Montecristo  
Editora

ÉTIENNE DE LA BOÉTIE

DISCURSO DA SERVIDÃO  
VOLUNTÁRIA

"RESOLVAM NÃO SERVIR MAIS, E SERÃO  
IMEDIATAMENTE LIBERTADOS"

*Tradução, introdução e notas de*  
ALEXANDRE PIRES VIEIRA



**Montecristo**  
Editora

©2020 Copyright Montecristo Editora - versão 07.07.2022

# DISCURSO DA SERVIDÃO VOLUNTÁRIA

**Título Original**

Discours de la servitude volontaire

**Supervisão de Editoração/Capa**

Montecristo Editora

**Tradução**

Alexandre Pires Vieira

**Revisão**

Renata Russo Blazek

**Original em francês**

[Internet Archive](#)

**Imagem da Capa**

Jeune homme nu assis por Hippolyte Flandrin (1805-1864)

**ISBN:**

**978-1-61965-222-4 – Edição Digital**

978-1-61965-223-1 – Edição impressa

978-1-61965-325-2 – Edição audiolivro

**Montecristo Editora Ltda.**

**e-mail:** editora@montecristoeditora.com.br



**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

**La Boétie, Étienne de;** Discurso da Servidão Voluntária  
introdução, tradução e notas de *Alexandre Pires Vieira*  
*Montecristo Editora, 2020. Título Original:* Discours de la servitude volontaire  
**ISBN:** 978-1-61965-222-4

1. Ciência Política. 2. Filosofia Política 3. Liberdade. I. Vieira, Alexandre Pires. II.  
Título

20-32770 CDD-323.44

# SUMÁRIO

## ÉTIENNE DE LA BOÉTIE DISCURSO DA SERVIDÃO VOLUNTÁRIA

[Sobre o Autor](#)

[Nota introdutória do tradutor](#)

[Discurso da Servidão Voluntária](#)

[Notas](#)

[Original Francês - Discours de la servitude volontaire](#)

[Notes:](#)

[Bônus](#)

[Carta I. Sobre aproveitar o tempo](#)

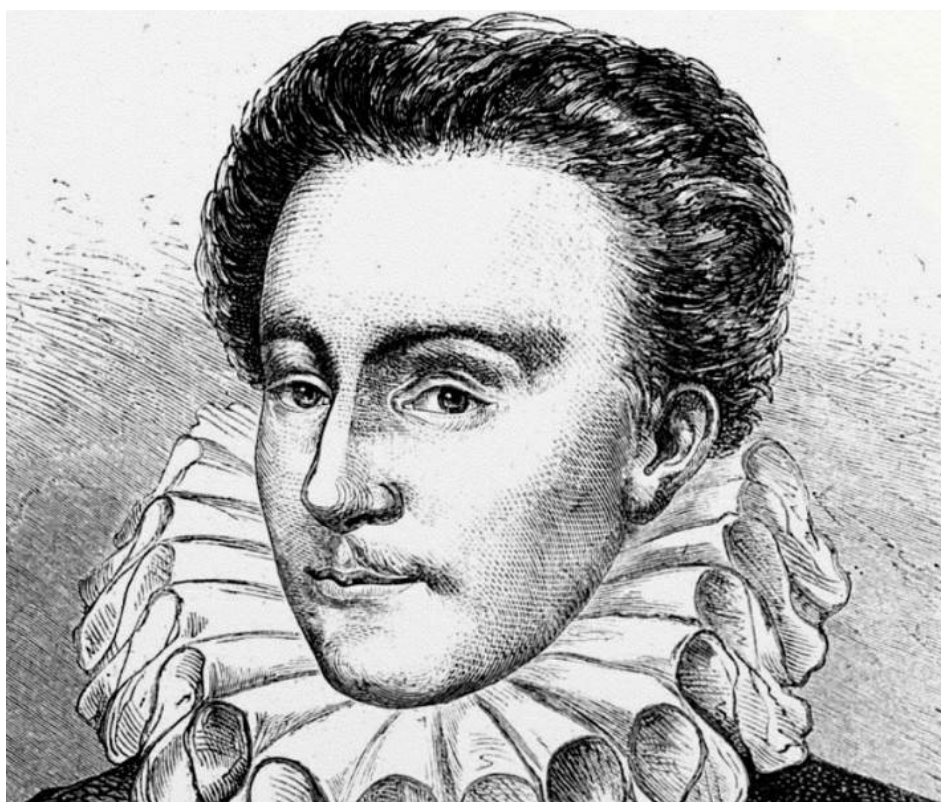
[Carta LXVI. Sobre vários aspectos da virtude](#)

# Sobre o Autor

**Étienne de La Boétie** nasceu em Sarlat, no sudoeste da França, em 1530, de uma família aristocrática, e tornou-se um estimado amigo de Michel de Montaigne. Mas ele deve ser lembrado por este ensaio surpreendentemente importante, escrito quando o autor tinha apenas 18 anos de idade e considerado um dos maiores textos da história do pensamento político.

Poucos anos antes de morrer, aos 32 anos, Étienne de La Boétie deixou seus escritos em testamento a Montaigne, o qual, mais tarde, destacou os méritos nos Ensaios e em várias cartas. Entre os trabalhos de Étienne de La Boétie estão as traduções do grego para o francês de obras de Xenofonte e Plutarco.



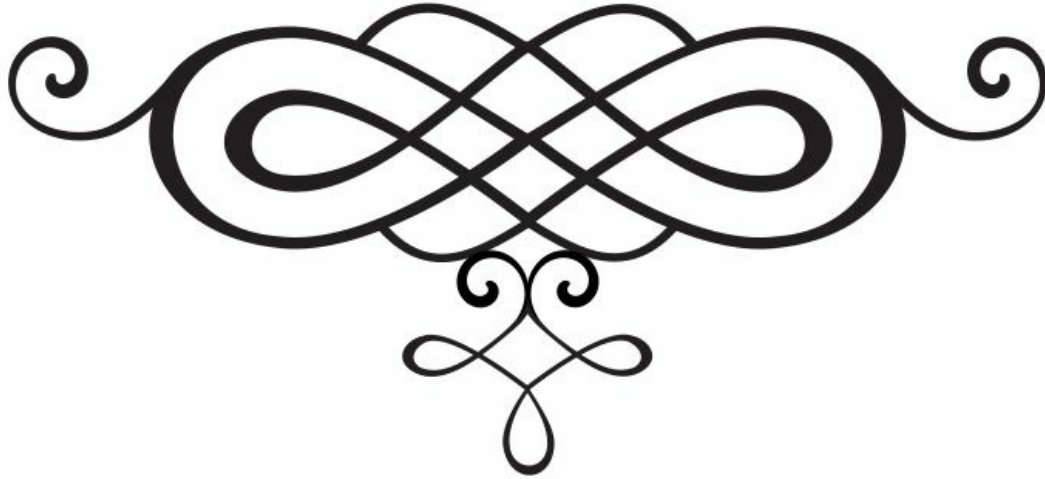


**Obras relacionadas publicadas pela Montecristo:**

- [A Desobediência Civil](#), por Henry David Thoreau
- [Fascismo e Democracia](#), por George Orwell

- [Por que Escrevo](#), por George Orwell
- [O Manifesto Comunista](#), por Marx e Engels
- [Deus e o Estado](#), por Mikhail Bakunin
- [A América Latina: Males de Origem](#), por Manoel Bomfim
- [Dicionário Filosófico](#), por Voltaire
- [A Comuna de Paris](#), por Lênin
- [1984](#), por George Orwell





# Nota introdutória do tradutor

O *Discurso da servidão voluntária* de Étienne de La Boétie é uma análise política sobre a obediência. Afirma que estados e governos são mais vulneráveis do que as pessoas imaginam e podem entrar em colapso em um instante: assim que o consentimento dos governados é retirado. Esta é a fascinante tese defendida por La Boétie.

Em tempos que corporações e governos ampliam de forma nunca antes imaginada o controle e poder sobre a população, este livro, escrito há quase 500 anos, é verdadeiramente o traço profético de nossos tempos.

Étienne de La Boétie nasceu em Sarlat, no sudoeste da França, em 1530, de uma família aristocrática, e tornou-se um estimado amigo de Michel de Montaigne. Mas ele deve ser lembrado por este ensaio surpreendentemente importante, escrito quando o autor tinha apenas 18 anos de idade, que é um dos maiores da história do pensamento político. Sua tese e seu argumento são a melhor resposta a Maquiavel, bem como um dos ensaios fundamentais em defesa da liberdade.

No texto a natureza do Estado é investigada. O autor mostra seu assombro ao perceber como uma pequena minoria cria regras e reivindica autoridade para governar todos os outros, mantendo o monopólio da lei. Parece-lhe implausível que tal instituição tenha qualquer poder real pois pode ser derrubada em um instante, bastando para isso as pessoas simplesmente retirarem seu consentimento ao governo.

La Boétie então investiga o mistério que faz as pessoas não se recusarem a obedecer, dado que é óbvio para ele que todos estariam melhor sem o Estado. Isto o envia numa jornada especulativa para investigar o poder da propaganda, do medo e da ideologia em fazer com que as pessoas se conformem com sua própria sujeição. Seria covardia? Talvez. Hábito e tradição? Talvez. Talvez seja ilusão ideológica e confusão intelectual. Segundo Etienne, o governante cria uma pirâmide ilusória e transfere um pouco do poder para meia dúzia de tenentes, que repetem o processo. Esses

subalternos, achando que realmente têm algum poder, submetem os abaixo deles com mão forte. Assim, o Estado submete uns por intermédio dos outros e dá razão ao adágio que diz ser a lenha rachada com cunhas feitas da mesma madeira. Para ele, ninguém deve trabalhar para o Estado, pois mesmo homens de caráter, com boas intenções, viram instrumentos da tirania e logo experimentaram os efeitos dessa tirania às suas próprias custas. Ele cita os exemplos de Sêneca, Burro e Trásea no principado de Nero.

La Boétie prossegue, argumentando porque as pessoas devem retirar imediatamente seu consentimento ao governo. Ele exorta todas as pessoas a se erguerem e a abandonarem a tirania simplesmente recusando-se a admitir que o Estado está no comando. Para ele, o tirano não tem nada mais do que *“o poder que vocês lhe conferem para destruí-los”. “Onde ele iria adquirir olhos suficientes para espioná-lo, se você mesmo não os fornece? Como ele pode ter tantos braços para bater em vocês, se não os pega emprestados de vocês? Os pés que pisam em suas cidades, onde ele os adquire, se não são os seus próprios pés? Como ele tem qualquer poder sobre vocês, exceto através de vocês?”*

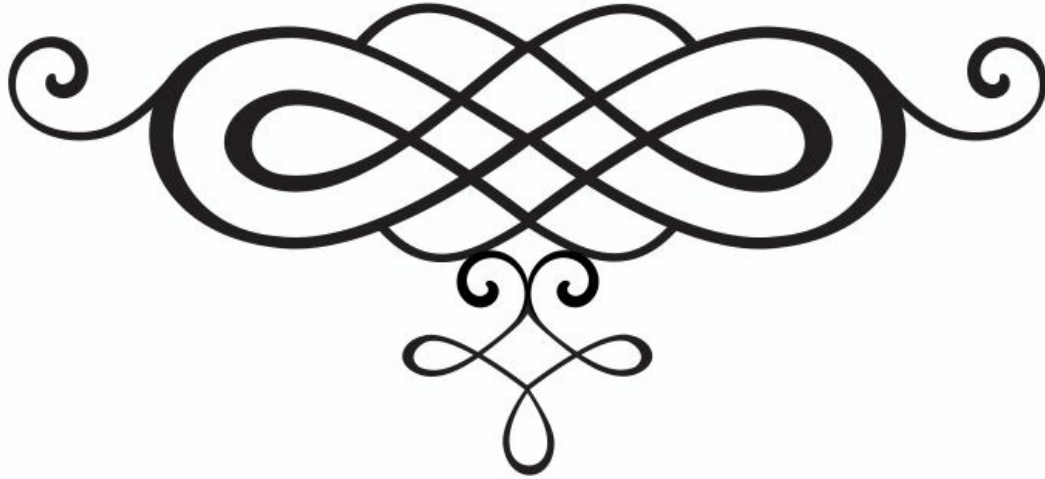
Então apresenta estas palavras inspiradoras: *“Resolvam não servir mais, e serão imediatamente libertados. Não peço que coloquem as mãos sobre o tirano para derrubá-lo, mas simplesmente que não o apoiem mais; então o observarão, como um grande Colosso cujo pedestal foi arrancado, cair de seu próprio peso e quebrar-se em pedaços”*.

Em todas estas áreas, o autor antecipou Jefferson, Thoreau, Arendt, Gandhi, Luther King e aqueles que derrubaram a tirania soviética. O ensaio tem profunda relevância para a compreensão da história sendo o grande inspirador da desobediência civil.

Como Rothbard escreve em sua famosa introdução, *“O discurso de La Boétie tem uma importância vital para o leitor moderno – uma importância que vai além do puro prazer de ler uma grande e seminal obra sobre filosofia política ou, para o libertário, de ler o primeiro filósofo político libertário”*. Para La Boétie, o problema que todos os adversários do despotismo encontram de forma particularmente difícil é de estratégia. Diante do poder devastador e aparentemente avassalador do Estado moderno, como se pode criar um mundo livre e diferente? Como é possível ir de um mundo de tirania para um mundo de liberdade? Com sua metodologia abstrata e atemporal, La

Boétie oferece perspectivas vitais sobre este eterno problema.

***Alexandre Pires Vieira***  
***Viena, outono de 2020***



# Discurso da Servidão Voluntária

*Não vejo nenhum bem em ter vários senhores;*

*Que um só seja senhor, que um só seja rei.*

Estas palavras Homero coloca na boca de Ulisses, enquanto se dirige ao povo. Se ele não tivesse dito nada mais que “*Não vejo nenhum bem em ter vários senhores*”, teria sido bem falado.

Por uma questão de lógica, ele deveria ter mantido que a regra de vários não poderia ser boa, já que até mesmo o poder de um só homem, assim que ele adquire o título de mestre, torna-se abusivo e irracional. Em vez disso, ele declarou o que parece absurdo: “*Que um só seja senhor, que um só seja rei*”.

Não devemos criticar Ulisses, que no momento talvez tenha sido obrigado a pronunciar estas palavras para reprimir um motim no exército, por esta razão, em minha opinião, escolhendo a linguagem para atender à emergência em vez da verdade. No entanto, à luz da razão, é uma grande desgraça estar às ordens de um mestre, pois é impossível ter certeza de que ele será gentil, pois está sempre em seu poder ser cruel quando desejar. Quanto a ter vários mestres, isso equivale a ser tantas vezes infeliz.

Embora eu não queira neste momento discutir esta questão tão debatida, ou seja, se outros tipos de governo são preferíveis à monarquia, gostaria de saber, antes de lançar dúvidas sobre o lugar que a monarquia deveria ocupar entre as sociedades comuns, se ela pertence ou não a tal grupo, pois é difícil acreditar que exista algo de comum na riqueza de um país onde tudo pertence a um só mestre. Esta questão, entretanto, pode permanecer por mais um tempo e realmente exigiria um tratamento separado envolvendo, por sua própria natureza, todo tipo de discussão política.

Por enquanto, gostaria apenas de entender como acontece que tantos homens, tantas aldeias, tantas cidades, tantas nações, às vezes sofrem sob um único tirano que não tem outro poder além do poder que eles lhe dão; que só é capaz de prejudicá-los na medida em que eles têm a vontade de aceitá-lo; que não poderia causar-lhes absolutamente nenhum dano, a menos que eles

preferissem aceitá-lo em vez de contradizê-lo. Certamente uma situação impressionante! No entanto, é tão comum que é preciso lamentar mais e maravilhar-se menos com o espetáculo de um milhão de homens servindo na miséria, seus pescoços sob o jugo, não constrangidos por uma multidão maior do que eles, mas simplesmente, ao que parece, encantados e maravilhados com o nome de um único homem cujo poder não precisam temer, pois ele é evidentemente a única pessoa cujas qualidades não podem admirar por causa de sua desumanidade e brutalidade para com eles. Uma fraqueza característica da espécie humana é que muitas vezes temos que obedecer à força; temos que fazer concessões; nós mesmos nem sempre podemos ser os mais fortes.

Portanto, quando uma nação é constrangida pela sorte da guerra a servir a um único grupo, como aconteceu quando a cidade de Atenas serviu aos Trinta Tiranos,<sup>1</sup> não se deve ficar surpreso que a nação obedeça ou simplesmente ficar triste com a situação; o melhor, em vez de ficar surpreso ou triste, é considerar pacientemente o mal e olhar em frente com esperança em direção a um futuro mais feliz.

Nossa natureza é tal que os deveres comuns das relações humanas ocupam uma grande parte do curso de nossa vida. É razoável amar a virtude, estimar as boas ações, ser grato pelo bem de qualquer fonte que possamos recebê-lo e, muitas vezes, abrir mão de algum de nosso conforto para aumentar a honra e a vantagem de algum homem que amamos e que o merece. Portanto, se os habitantes de um país encontraram algum grande personagem que demonstrou rara previdência em protegê-los numa emergência, rara ousadia em defendê-los, rara solicitude em governá-los, e se, a partir daí, eles contraem o hábito de obedecê-lo e depender dele a tal ponto que lhe concedem certas prerrogativas, temo que tal procedimento não seja prudente, na medida em que o afastam de uma posição em que estava fazendo o bem e o elevam a uma dignidade na qual ele pode fazer o mal. Certamente, enquanto ele continua a manifestar a boa vontade, não é preciso temer nenhum mal de um homem que parece estar geralmente bem disposto.

Mas, ó bom Deus! Que fenômeno estranho é este? Que nome devemos dar a ele? Qual é a natureza deste infortúnio? Qual é o vício, ou melhor, qual a degradação? Ver uma infinita multidão de pessoas não apenas obedecendo, mas levadas ao servilismo? Não governada, mas tiranizada? Estes infelizes



não têm riqueza, nem parentes, nem esposa, nem filhos, nem mesmo a própria vida que eles podem chamar de sua. Eles sofrem pilhagens, arbitrariedades, crueldade, não de um exército, não de uma horda bárbara, por causa de quem devem derramar seu sangue e sacrificar suas vidas, mas de um único homem; não de um Hércules ou de um Sansão, mas de um único homenzinho. Muito frequentemente este mesmo homenzinho é o mais covarde e efeminado da nação, um estranho ao pó da batalha e hesitante nas areias do torneio; não apenas sem energia para dirigir os homens pela força, mas com pouca virilidade para dormir com uma mulher comum!

Devemos chamar de covardia a submissão a um líder assim? Devemos dizer que aqueles que o servem são covardes e hesitantes? Se dois, se três, se quatro, não se defenderem de um, podemos chamar essa circunstância de surpreendente, mas ainda assim concebível. Em tal caso, pode ser justificada a suspeita de falta de coragem. Mas se cem, se mil suportam o capricho de um único homem, não deveríamos antes dizer que lhes falta não a coragem, mas o desejo de se levantar contra ele, e que tal atitude indica indiferença em vez de covardia? Quando não cem, não mil homens, mas cem províncias, mil cidades, um milhão de homens, se recusam a atacar um único homem do qual o tratamento mais bondoso recebido é o influxo da servidão e da escravidão, como chamaremos isso? É covardia? É claro que há em cada vício inevitavelmente algum limite além do qual não se pode ir. Dois, possivelmente dez, podem temer um; mas quando mil, um milhão de homens, mil cidades, não conseguem se proteger contra o domínio de um homem, isso não pode ser chamado de covardia, pois a covardia não afunda a tal profundidade, assim como o valor não pode ser chamado de esforço de um indivíduo para escalar uma fortaleza, para atacar um exército ou para conquistar um reino. Que vício monstruoso, então, é este que não merece sequer ser chamado de covardia, um vício para o qual nenhum termo suficientemente vil pode ser encontrado, que a própria natureza nega e nossas línguas se recusam a nomear?

Colocar de um lado cinquenta mil homens armados, e do outro o mesmo número; deixá-los participar da batalha, um lado lutando para manter sua liberdade, o outro para tirá-la; a qual você, por acaso, prometeria a vitória? Que homens você acha que marchariam mais galantemente para combater - aqueles que antecipam como recompensa por seu sofrimento a manutenção

de sua liberdade, ou aqueles que não podem esperar nenhum outro prêmio pelos golpes trocados do que a escravidão dos outros? Um lado terá diante de seus olhos as bênçãos do passado e a esperança de uma alegria semelhante no futuro; seus pensamentos se deterão menos sobre a dor relativamente breve da batalha do que sobre o que eles podem ter que suportar para sempre, eles, seus filhos e toda a sua posteridade. O outro lado não tem nada que o inspire de coragem, exceto o fraco impulso da ganância, que se desvanece diante do perigo e que nunca poderá ser tão aguçado, parece-me, que não se desanimará com a menor gota de sangue das feridas. Considere as justamente famosas batalhas de Milcíades, Leônidas e Temístocles,<sup>2</sup> ainda hoje frescas na história e na mente dos homens como se tivessem ocorrido ainda ontem, batalhas travadas na Grécia pelo bem-estar dos gregos e como um exemplo para o mundo. Que poder você acha que deu a um punhado tão pequeno de homens não a força, mas a coragem de resistir ao ataque de uma frota tão vasta que até os mares foram sobrecarregados, e de derrotar os exércitos de tantas nações, exércitos tão imensos que seus oficiais, sozinhos, superaram em número toda a força grega? O que foi senão o fato de que, naqueles gloriosos dias, esta luta representava não tanto uma luta dos gregos contra os persas, mas uma vitória da liberdade sobre a dominação, da liberdade sobre a ganância?

Surpreende-nos ouvir relatos do valor que a liberdade desperta nos corações daqueles que a defendem; mas quem poderia acreditar em relatos do que acontece todos os dias entre os habitantes de alguns países, quem poderia realmente acreditar que apenas um homem pode maltratar cem mil e privá-los de sua liberdade? Quem acreditaria em tal relato se ele apenas o ouvisse, sem estar presente para testemunhar o evento? E se esta condição ocorresse apenas em terras distantes e nos fosse relatada, qual de nós não assumiria a história como imaginada ou inventada, e não realmente verdadeira? Obviamente não há necessidade de lutar para superar este único tirano, pois ele é automaticamente derrotado se o país se recusar a consentir com sua própria escravidão: não é necessário privá-lo de nada, mas simplesmente não lhe dar nada; não há necessidade de que o país faça um esforço para fazer algo por si mesmo, desde que não faça nada contra si mesmo. São, portanto, os próprios habitantes que permitem, ou melhor, provocam, sua própria sujeição, pois ao deixarem de se submeter poriam um fim à sua servidão. Um

povo se escraviza, corta sua própria garganta quando, tendo a escolha entre ser vassalo ou ser homem livre, deserta suas liberdades e assume o jugo, dá consentimento a sua própria miséria, ou melhor, aparentemente a acolhe. Se custou ao povo alguma coisa para recuperar sua liberdade, não deveria insistir em agir nesse sentido, embora não haja nada que um humano deva ter mais apreço do que a restauração de seu próprio direito natural, para mudar a si mesmo de uma besta de carga, de volta para um homem, por assim dizer. Não exijo dele tanta ousadia; deixe-o preferir a segurança duvidosa de viver miseravelmente à esperança incerta de viver como lhe apraz. O que então? Se para ter liberdade nada mais é necessário do que ansiar por ela, se apenas um simples ato de vontade é necessário, existe alguma nação no mundo que considera um único desejo um preço demasiado alto para pagar a fim de recuperar direitos que deveria estar pronta a resgatar à custa de seu sangue, direitos tais cuja perda deve levar todos os homens de honra ao ponto de sentir a vida insuportável e a própria morte uma libertação?

Todos sabem que o fogo de uma pequena faísca aumentará e arderá cada vez mais, desde que encontre madeira para queimar; no entanto, embora sem ser apagado pela água, mas simplesmente por não encontrar mais combustível para se alimentar, ele se consome, morre, e não é mais uma chama. Da mesma forma, quanto mais os tiranos pilham, mais anseiam, mais arruinam e destroem; quanto mais alguém cede a eles e os obedece, tanto mais poderosos e formidáveis se tornam, mais prontos para aniquilar e destruir. Mas se não lhes é cedida uma coisa, se, sem qualquer violência, eles simplesmente não são obedecidos, ficam nus e desfeitos e passam a ser nada, assim como, quando a raiz não recebe alimento, o ramo murcha e morre.

Para alcançar o bem que desejam, os ousados não temem o perigo; os inteligentes não se recusam a sofrer. São os estúpidos e covardes que não são capazes de suportar as dificuldades nem de reivindicar seus direitos; eles param de desejar apenas por eles, e perdem, devido ao medo, o valor despertado pelo esforço de reivindicar seus direitos, embora o desejo de desfrutá-los ainda permaneça como parte de sua natureza. Um desejo comum aos sábios e aos tolos, aos valentes e aos covardes, é este desejo por todas aquelas coisas que, quando adquiridas, os fariam felizes e contentes. No entanto, um elemento parece estar faltando. Não sei como acontece que a natureza não coloca no coração dos homens um ardente desejo de liberdade,

uma bênção tão grande e tão desejável que, quando é perdida, todos os males seguem depois, e até mesmo as bênções que permanecem perdem o gosto e o sabor por causa de sua corrupção pela servidão. A liberdade é a única alegria sobre a qual os homens não parecem insistir; pois certamente se eles realmente a quisessem, a receberiam. Aparentemente, eles recusam este maravilhoso privilégio porque ele pode ser tão facilmente adquirido.

Pobres, miseráveis e estúpidos povos, nações determinadas por seu próprio infortúnio e cegas ao seu próprio bem! Vocês se deixam privar diante de seus próprios olhos da melhor parte de suas riquezas; seus campos são saqueados, seus lares roubados, suas heranças de família tomadas. Vocês vivem de tal forma que não podem reivindicar uma única coisa como sua; e parece que se consideram sortudos por serem privados de seus bens, de suas famílias e de suas próprias vidas. Todo este caos, esta desgraça, esta ruína, recai sobre vocês não de inimigos estrangeiros, mas do único inimigo que vocês mesmos tornam tão poderoso, aquele pelo qual vão corajosamente para a guerra, por cuja grandeza não recusam oferecer seus próprios corpos até a morte. Aquele que assim os domina tem apenas dois olhos, apenas duas mãos, apenas um corpo, que são possuídos por não mais do que o menor homem entre os infinitos que habitam em suas cidades; ele de fato não tem nada mais do que o poder que vocês lhe conferem para destruí-los. Onde ele iria adquirir olhos suficientes para espioná-lo, se você mesmo não os fornece? Como ele pode ter tantos braços para bater em vocês, se não os pega emprestados de vocês? Os pés que pisam em suas cidades, onde ele os adquire, se não são os seus próprios pés? Como ele tem qualquer poder sobre vocês, exceto através de vocês? Como ele ousaria atacar vocês se não tivesse nenhuma cooperação de vocês? O que ele poderia fazer com vocês se vocês mesmos não fossem cúmplices do assassino que os mata, se vocês não fossem traidores de si mesmos? Vocês semeiam suas colheitas a fim de que ele as devore, vocês instalam e equipam suas casas para dar-lhe bens para pilhar; vocês criam suas filhas para que ele possa satisfazer sua luxúria; vocês criam seus filhos a fim de que ele lhes confira o maior privilégio que ele conhece - serem levados para suas batalhas, serem entregues ao matadouro, serem feitos servos de sua ganância e instrumentos de sua vingança; vocês cedem seus corpos ao trabalho árduo para que ele possa se entregar às suas delícias e chafurdar em seus prazeres imundos; vocês se enfraquecem para torná-lo o mais forte e

mais poderoso, a fim de mantê-los sob controle. De todas essas indignidades, as quais nem bestas de carga suportariam, vocês podem se livrar se tentarem, não agindo, mas simplesmente desejando ser livres. Resolvam não servir mais, e serão imediatamente libertados. Não peço que coloquem as mãos sobre o tirano para derrubá-lo, mas simplesmente que não o apoiem mais; então o observarão, como um grande Colosso cujo pedestal foi arrancado, cair de seu próprio peso e quebrar-se em pedaços.

Os médicos sem dúvida estão certos ao nos advertir para não tocarmos em feridas incuráveis; e eu estou presumivelmente correndo riscos na minha pregação, como faço com um povo que há muito perdeu toda a sensibilidade e, não mais consciente de sua enfermidade, está claramente sofrendo de doença mortal. Entendamos por lógica, se pudermos, a forma como essa obstinada disposição de submissão se tornou tão profundamente enraizada em uma nação que o próprio amor à liberdade agora parece não ser mais natural.

Em primeiro lugar, todos concordariam que, se conduzíssemos nossas vidas de acordo com os caminhos pretendidos pela natureza e as lições por ela ensinadas, deveríamos ser intuitivamente obedientes a nossos pais; mais tarde deveríamos adotar a razão como nosso guia e jamais tornarmo-nos escravos de alguém. Quanto à obediência dada instintivamente ao pai e à mãe, estamos de acordo, cada um admitindo-se como um modelo. Quanto à razão nascer conosco ou não, esta é uma questão discutida em voz alta pelos acadêmicos e tratada por todas as escolas de filósofos. Por ora, acho que não erro ao afirmar que há em nossas almas alguma semente nativa da razão que, se nutrida por bons conselhos e treinamento, floresce em virtude, mas que, por outro lado, se incapaz de resistir aos vícios que a cercam, é sufocada e arruinada. Mas certamente se há algo neste mundo claro e óbvio, ao qual não se pode fechar os olhos, é o fato de que a natureza, serva de Deus, governante dos homens, nos fundiu a todos no mesmo molde, para que possamos contemplar uns aos outros companheiros, ou melhor, irmãos. Se ao distribuir seus dons, a natureza favoreceu uns mais do que outros com respeito ao corpo ou ao espírito, ela não planejou nos colocar dentro deste mundo como se fosse um campo de batalha, e não dotou os mais fortes ou os mais espertos para que possam agir como bandidos armados em uma floresta e atacar os mais fracos. Devemos antes concluir, que ao distribuir quotas maiores para uns e quotas menores para outros, a natureza pretendeu dar ocasião para que

o amor fraterno se manifestasse, tendo alguns de nós a força para dar ajuda a outros que dela necessitam. Assim, uma vez que este tipo de mãe nos deu o mundo inteiro como um lugar de moradia, nos alojou na mesma casa, nos moldou de acordo com o mesmo modelo para que, ao nos vermos uns aos outros quase pudéssemos nos reconhecer; uma vez que ela nos concedeu a todos o grande dom da voz e do discurso para o relacionamento fraterno, conseguindo assim, pela declaração comum e mútua de nossos pensamentos, uma comunhão de nossas vontades; e já que ela tentou de todas as maneiras estreitar e fortalecer os laços de nossa união e parentesco; já que ela revelou de todas as maneiras possíveis sua intenção, não tanto de nos associar, mas de fazer de nós um todo orgânico, não pode haver mais dúvidas de que somos todos naturalmente livres, já que somos todos correligionários. Assim, não deve ocorrer na mente de ninguém que a natureza tenha colocado alguns de nós na escravidão, uma vez que ela realmente nos criou a todos de uma só forma.

Portanto, é inútil discutir se a liberdade é natural ou não, pois ninguém pode ser mantido na escravidão sem ser injustiçado, e em um mundo governado por uma natureza, o que é razoável, não há nada tão contrário como uma injustiça. Como a liberdade é nosso estado natural, não só estamos de posse dela, mas temos o desejo de defendê-la. Agora, se por acaso alguns lançam dúvidas sobre esta conclusão e são tão corruptos que não são capazes de reconhecer seus direitos e tendências inatas, terei que lhes dar a honra que merecem e colocar animais brutos no púlpito para lançar luz sobre sua natureza e condição. Os próprios animais, Deus me ajude! Se os homens não forem muito surdos, clamem-lhes: “Viva a Liberdade”! Muitos entre eles morrem assim que são capturados: como o peixe que perde a vida assim que deixa a água, também essas criaturas fecham os olhos sobre a luz e não têm nenhum desejo de sobreviver à perda de sua liberdade natural. Se os animais constituíssem seu reino por ordem, sua nobreza seria escolhida a partir deste tipo. Outros, do maior para o menor, quando capturados resistem tão fortemente por meio de garras, chifres, bico e patas, que mostram claramente como se agarram ao que estão perdendo; depois, em cativeiro, manifestam por tantos sinais evidentes a consciência de seu infortúnio, que é fácil ver que estão definhando em vez de vivendo, e continuam sua existência mais no lamento de sua liberdade perdida do que no gozo de sua servidão. O que mais

pode explicar o comportamento do elefante que, após defender-se até o último grama de suas forças e sabendo-se a ponto de ser apanhado, trava suas mandíbulas contra as árvores e quebra suas presas, manifestando assim seu desejo de permanecer livre como estava e provando sua inteligência e capacidade de subornar os caçadores na esperança de que, através do sacrifício de suas presas, lhe seja permitido oferecer seu marfim como resgate por sua liberdade? Alimentamos o cavalo desde o nascimento, a fim de treiná-lo para fazer nosso desejo. No entanto, ele é domado com tanta dificuldade que, quando começamos a domá-lo, ele morde o freio, como que para revelar seu instinto e mostrar por suas ações que, se obedece, ele o faz não de sua livre vontade, mas sob coação. O que mais podemos dizer? Que

*“Até os bois sob o jugo andam gemendo*

*E na gaiola as aves vão chorando”*

como o expressei há algum tempo atrás, brincando com nossa poesia francesa. Pois não hesitarei em escrever-lhe, ó Longa,<sup>3</sup> para lhe apresentar alguns de meus versos, que eu nunca lhe li por causa de seu óbvio encorajamento, o que muito provavelmente me deixará presunçoso. E agora, já que todos os seres, porque sentem, sofrem miséria na submissão e anseiam pela liberdade; já que os próprios animais, embora feitos para o serviço do homem, não podem acostumar-se a serem controlados sem protesto, que má sorte desnaturou tanto o homem que ele, a única criatura realmente nascida para ser livre, carece da memória de sua condição original e do desejo de retornar a ela?

Há três tipos de tiranos; alguns recebem sua posição de destaque através de eleições pelo povo, outros pela força das armas, outros pela herança. Aqueles que adquiriram o poder por meio da guerra agem de forma tão judiciosa que é evidente que governam um país conquistado. Aqueles que nascem para a realeza não são melhores, porque se alimentam do peito da tirania, sugam com seu leite os instintos do tirano, e consideram o povo sob eles como seus servos herdados; e de acordo com sua disposição individual, avarento ou pródigo, tratam seu reino como sua propriedade. Aquele que recebeu o estado do povo, entretanto, deveria ser, parece-me, mais suportável e o seria, não fosse o fato de que, tão logo se veja superior aos outros, lisonjeado por aquela qualidade que chamamos de grandeza, ele planeja nunca desistir de sua



posição. Tal homem geralmente determina transmitir a seus filhos a autoridade que o povo lhe conferiu; e uma vez que seus herdeiros tomaram esta atitude, é estranho até onde eles superaram outros tiranos em todos os tipos de vícios, e especialmente na crueldade, porque eles não encontram outro meio de impor esta nova tirania do que apertar o controle e afastar seus súditos de qualquer noção de liberdade que, mesmo estando fresca na memória, logo será erradicada. No entanto, para falar com precisão, percebo que há alguma diferença entre estes três tipos de tirania, mas quanto a declarar uma preferência, não posso conceder que haja alguma. Pois embora os meios para chegar ao poder sejam diferentes, o método de governar ainda é praticamente o mesmo; aqueles que são eleitos agem como se estivessem domando novilhos; aqueles que são conquistadores fazem do povo sua presa; aqueles que são herdeiros planejam tratá-los como se fossem seus escravos naturais.

Em conexão com isto, imaginemos alguns indivíduos recém-nascidos, que não conhecem a escravidão nem desejam a liberdade, ignorando de fato as próprias palavras. Se lhes fosse permitido escolher entre ser escravos e homens livres, aos quais dariam seu voto? Não há dúvida de que eles prefeririam ser guiados pela própria razão do que ser ordenados pelos caprichos de um único homem. A única exceção possível poderiam ser os israelitas que, sem qualquer compulsão ou necessidade, nomearam um tirano. Nunca consigo ler sua história sem me enfurecer e até mesmo sem ser suficientemente desumano para encontrar satisfação nas muitas mazelas que os afligiram por este motivo. Mas certamente todos os homens, enquanto permanecerem homens, antes de se deixarem escravizar, devem ser impelidos pela força ou levados a ela por fraude; conquistados por exércitos estrangeiros, como foram Esparta e Atenas pelas forças de Alexandre ou por facções políticas ou como quando, em um período anterior, o controle de Atenas havia passado para as mãos de Pisístrato.<sup>4</sup> Quando perdem sua liberdade através do embuste, não são tão frequentemente traídos pelos outros como enganados por eles mesmos. Este era o caso do povo de Siracusa, a principal cidade da Sicília (dizem-me que o lugar agora se chama Saragoça) quando, no auge da guerra e sem prestar atenção apenas ao perigo atual, eles promoveram Denis, seu primeiro tirano, confiando a ele o comando do exército, sem perceber que lhe haviam dado tal poder que, em seu retorno

vitorioso, este digno homem se comportaria como se tivesse vencido não seus inimigos, mas seus compatriotas, transformando-se de capitão para rei, e depois de rei para tirano.

É incrível como, assim que um povo se torna submisso, cai prontamente em um esquecimento tão completo de sua liberdade que dificilmente pode ser despertado a ponto de recuperá-la, obedecendo tão fácil e voluntariamente que, ao contemplar tal situação, podemos dizer que este povo perdeu sua liberdade tanto quanto conquistou sua escravidão. É verdade que no início os homens se submetem sob coação e pela força; mas aqueles que vêm depois dos primeiros obedecem sem arrependimento e executam de boa vontade o que seus antecessores faziam porque eram obrigados. É por isso que os homens nascidos sob o jugo e depois alimentados e criados na escravidão se contentam, sem mais esforço, em viver em sua circunstância nativa, sem conhecimento de qualquer outro estado ou direito, considerando como bastante natural a condição em que nasceram. No entanto, não há herdeiro tão esbanjador ou indiferente que às vezes não examine os livros de contabilidade de seu pai para ver se está desfrutando de todos os privilégios de seu legado ou se, por acaso, seus direitos e os de seu antecessor não foram usurpados. No entanto, é bastante claro que a poderosa influência do costume não é, em nenhum aspecto, mais convincente do que neste, ou seja, no hábito à sujeição. Diz-se que Mitrídates<sup>5</sup> se treinou para beber veneno. Como ele, aprendemos a engolir, sem achar amargo, o veneno da servidão. Não se pode negar que a natureza é influente em nos moldar à sua vontade e nos fazer revelar nosso rico ou escasso dom; no entanto, deve-se admitir que ela tem menos poder sobre nós do que o costume, uma vez que o dom nativo, por melhor que seja, a menos que encorajado, se dissipa, enquanto que o ambiente em que vivemos sempre nos molda à sua maneira, seja o que for, apesar dos dons da natureza. A boa semente que a natureza planta em nós é tão leve e tão escorregadia que não pode suportar o mínimo dano de uma alimentação errada; floresce com menos facilidade, torna-se frágil, murcha e não chega a nada. As árvores frutíferas conservam sua própria qualidade particular, se permitidas a crescer sem perturbações, mas perdem-na prontamente e dão frutos bizarros que não são seus quando enxertadas. Cada erva tem suas características peculiares, suas virtudes e propriedades; no entanto, a geada, o clima, o solo ou a mão do jardineiro aumentam ou

diminuem sua força; a planta vista em um local pode não ser reconhecida em outro.

Quem poderia ter observado os primeiros venezianos, um punhado de pessoas vivendo tão livremente que nem mesmo os mais impiedosos entre eles desejariam ser o rei deles, nascidos e criados de tal forma que não disputariam uns com os outros, exceto quanto a qual se poderia dar o melhor conselho e cultivar sua liberdade com mais cuidado, instruídos e desenvolvidos de tal forma desde seus berços, que não trocariam nem um pouco de sua liberdade por nenhuma outra delícia do mundo; quem, digo eu, familiarizado com a natureza original de tal povo, poderia visitar hoje os territórios do homem conhecido como o Grande Doge e ali contemplar com compostura um povo que não quer viver senão para servi-lo, e manter seu poder à custa de suas vidas? Quem acreditaria que estes dois grupos de pessoas tinham uma origem idêntica? Não seria mais fácil concluir que havia deixado uma cidade de homens e entrado no meio de um agrupamento de animais? Licurgo, o legislador de Esparta, é relatado como tendo criado dois cães da mesma ninhada, engordando um na cozinha e treinando o outro no campo ao som da corneta e do trompete, para assim demonstrar aos lacedemônios<sup>6</sup> que os homens também se desenvolvem de acordo com seus primeiros hábitos. Ele colocou os dois cães no mercado aberto, e entre eles colocou uma tigela de sopa e uma lebre. Um correu para a tigela da sopa, o outro para a lebre; no entanto eles eram, como ele sustentava, irmãos nascidos dos mesmos pais. De tal forma, este líder, por suas leis e costumes, moldou e instruiu os espartanos tão bem que qualquer um deles teria preferido morrer mais cedo do que reconhecer qualquer soberano que não fosse a lei e a razão.

É um prazer recordar uma conversa de antigamente entre um dos favoritos de Xerxes, o grande rei da Pérsia, e dois lacedemônios. Quando Xerxes equipou seu grande exército para conquistar a Grécia, ele enviou seus embaixadores para as cidades gregas para pedir água e terra. Esse era o procedimento adotado pelos persas ao convocar as cidades para a rendição. Nem para Atenas nem para Esparta, no entanto, ele enviou tais mensageiros, pois aqueles que haviam sido enviados por Dario, seu pai, haviam sido jogados pelos atenienses e espartanos, uns em valas e outros em poços, com o convite para se servirem livremente ali de água e solo para levar de volta a seu

príncipe. Aqueles gregos não podiam permitir nem mesmo a mínima sugestão de invasão de sua liberdade. Os espartanos suspeitavam, no entanto, que haviam incorrido na ira dos deuses por sua ação, e especialmente na ira de Taltíbio, o deus dos arautos; para apaziguá-lo, decidiram enviar a Xerxes dois de seus cidadãos em reparação pela morte cruel infligida aos embaixadores de seu pai. Dois espartanos, um chamado Specto e o outro Bulis, se ofereceram como um sacrifício. Então eles partiram, e no caminho chegaram ao palácio do persa chamado Gidarno, tenente do rei para todas as cidades asiáticas situadas na costa do mar. Ele os recebeu com grande honra, os banqueteu, e então, falando de uma coisa e de outra, perguntou-lhes por que recusaram tão obstinadamente a amizade de seu rei. *“Considerai bem, espartanos”, disse ele, “e percebeis pelo meu exemplo que o rei sabe honrar aqueles que são dignos, e acreditais que se fôsseis seus homens ele faria o mesmo por vós; se vós pertencêsseis a ele e ele vos tivesse conhecido, não haveria entre vós nenhum que não fosse o senhor de alguma cidade grega”.*

*“Com tais palavras, Gidarno, você não nos dá bons conselhos”, responderam os lacedemônios, “porque você experimentou apenas a vantagem de que fala; você não conhece o privilégio de que desfrutamos. Você tem a honra do favor do rei; mas não sabe nada sobre a liberdade, prazer que ela trás e como é doce. Pois se tivesse algum conhecimento sobre ela, você mesmo nos aconselharia a defendê-la, não com lança e escudo, mas com nossos próprios dentes e unhas.”*

Somente os espartanos poderiam dar tal resposta e certamente ambos falaram como haviam sido treinados. Era impossível para os persas sentirem falta da liberdade, não a tendo conhecido, e para os lacedemônios acharem a submissão aceitável, depois de terem gozado da liberdade.

Catão de Útica, quando era ainda menino de escola, poderia entrar e sair na casa de Sila, o ditador. Por causa do lugar e da família de sua origem e porque ele e Sila eram parentes próximos, a porta nunca lhe foi fechada. Ele sempre teve seu professor com ele quando lá ia, como era costume para as crianças de nascimento nobre. Ele notou que na casa de Sila, na presença do ditador ou sob seu comando, alguns homens eram presos e outros condenados; um era banido, outro era estrangulado; um exigia os bens de outro cidadão, outro sua cabeça; em suma, todos iam para lá, não como quem vai à casa de um magistrado da cidade, mas como quem vai à casa do tirano

do povo, e isto não era, portanto, um tribunal de justiça, mas sim um reduto da tirania. Em seguida, o jovem rapaz disse ao seu professor: *“Por que você não me dá uma adaga? Vou escondê-la debaixo do meu manto. Muitas vezes vou ao quarto de Sila antes que ele se levante, e meu braço é forte o suficiente para livrar a cidade dele”*. Foi um discurso verdadeiramente característico de Catão; foi um verdadeiro começo para este herói tão digno de seu fim. E se não se mencionasse seu nome ou seu país, mas se se contasse apenas o fato como ele é, o episódio em si falaria eloquentemente, e qualquer um adivinharia que ele era um romano nascido em Roma na época em que fora livre.

E por que tudo isso? Certamente não porque acredito que a terra ou a região tenha algo a ver com isso, pois em qualquer lugar e em qualquer condição climática a sujeição é amarga e ser livre é agradável; mas simplesmente porque sou da opinião de que se deve ter pena daqueles que, ao nascer, chegam com o jugo no pescoço. Devemos exonerá-los e perdoá-los, pois eles não viram nem mesmo a sombra da liberdade e, não tendo consciência disso, não podem perceber o mal suportado através de sua própria escravidão. Se houvesse realmente um país como o dos cimérios<sup>7</sup> mencionados por Homero, onde o sol brilha de outra forma que a nossa, derramando seu brilho durante seis meses sucessivos e depois deixando a humanidade se afogar na escuridão até seu retorno ao final de outro semestre, deveríamos ficar surpresos ao saber que aqueles nascidos durante esta longa noite crescem tão acostumados à escuridão que, a menos que lhes fosse dito sobre o sol, não teriam desejo de ver a luz? Nunca se deseja o que jamais se conheceu; a saudade só vem depois do prazer e constitui, em meio à experiência da tristeza, a memória da alegria do passado. É verdadeiramente a natureza do homem ser livre e desejar sê-lo, mas seu caráter é tal que ele segue instintivamente as tendências que seu treinamento lhe dá.

Admitamos, portanto, que todas aquelas coisas às quais ele é treinado e acostumado parecem naturais para o homem e que apenas o que ele recebe com sua individualidade primitiva e não treinada é verdadeiramente nativo para ele. Assim, o costume torna-se a primeira razão para a servidão voluntária. Os homens são como belos cavalos de corrida que primeiro mordem o freio e mais tarde gostam, e que, sendo criados desde cedo sob a sela, logo aprendem a gostar de exhibir seus arreios e se empinam

orgulhosamente sob seus adereços. Da mesma forma, os homens se acostumarão à ideia de que sempre estiveram subjugados, que seus pais viveram da mesma maneira; pensarão que são obrigados a sofrer este mal, e se persuadirão através do exemplo e da imitação dos outros, finalmente investindo direitos de propriedade àqueles que os subjugam, com base na premissa de que sempre foi assim.

Há sempre uns poucos, melhor dotados que outros, que sentem o peso do jugo, não podem se conter e tentam sacudi-lo: estes são os homens que nunca se deixam domar pela sujeição e que sempre, como Ulisses na terra e no mar em constante busca pela fumaça de sua chaminé, não podem se impedir de procurar seus privilégios naturais e de se lembrar de seus antepassados e de seus modos anteriores. Estes são de fato os homens que, possuidores de mentes claras e espírito clarividente, ao contrário da grande massa, não estão satisfeitos em ver apenas o que está a seus pés, mas sim olhar sobre eles, atrás e antes, e até mesmo lembrar as coisas do passado para julgar as do futuro, e comparar ambas com sua condição atual. Estes são os que, tendo boas mentes próprias, as treinaram ainda mais através do estudo e do aprendizado. Mesmo se a liberdade tivesse perecido completamente da terra, tais homens a inventariam. Para eles, a escravidão não tem gratificações, por mais bem disfarçada que esteja.

O Grão-Turco<sup>8</sup> estava bem ciente de que os livros e o ensino, mais do que qualquer outra coisa, dão aos homens o sentido de compreender sua própria natureza e de detestar a tirania. Entendo que em seu território há poucas pessoas instruídas, pois ele não quer muitas. Por causa desta restrição, homens de forte zelo e devoção, que apesar do passar do tempo preservaram seu amor pela liberdade, ainda permanecem ineficazes porque, por mais numerosos que sejam, não são conhecidos uns dos outros; sob o tirano perderam a liberdade de ação, de fala e quase de pensamento; estão sozinhos em suas aspirações. De fato, Momo, deus do escárnio, não estava apenas brincando quando criticou isso no homem formado por Vulcano, ou seja, que o criador não tinha colocado uma pequena janela no coração de sua criatura para tornar seus pensamentos visíveis.

É relatado que Bruto, Cássio e Casca, ao empreenderem a libertação de Roma, e para esse fim do mundo inteiro, recusaram-se a incluir em sua aliança Cícero, aquele grande entusiasta do bem-estar público, se é que

alguma vez houve um, porque consideravam seu coração tímido demais para um ato tão sublime; confiavam em sua vontade, mas não tinham muita certeza de sua coragem.<sup>9</sup> No entanto, quem quer que estude os feitos dos primeiros dias e os anais da antiguidade não encontrará praticamente nenhum exemplo de heróis que não tenham conseguido livrar seu país de mãos malévolas quando iniciaram sua tarefa com uma intenção firme, sincera e de todo o coração. A liberdade, como que para revelar sua natureza, parece ter-lhes dado uma nova força.

Harmódio, Aristogíton, Trasíbulo, Bruto o Velho, Valério e Díon alcançaram com sucesso o que planejaram virtuosamente: pois quase nunca a boa sorte falha para uma forte vontade. Bruto o Jovem e Cássio conseguiram eliminar a servidão e, embora tenham perecido em sua tentativa de restaurar a liberdade, não morreram miseravelmente (que blasfêmia seria dizer que havia algo de miserável nestes homens, seja em sua morte ou em sua vida!) Sua perda causou grandes danos, infortúnio eterno e destruição total da República, que parece ter sido enterrada com eles. Outros e posteriores empreendimentos contra os imperadores romanos foram apenas conspirações de pessoas ambiciosas, que não merecem piedade pelos infortúnios que os atingiram, pois é evidente que eles procuraram não destruir, mas apenas usurpar a coroa, planejando expulsar o tirano, mas manter a tirania. Para mim, não se poderia desejar que tais homens prosperassem e estou feliz que eles tenham mostrado com seu exemplo que o nome sagrado da Liberdade nunca deve ser usado para encobrir um empreendimento falso.

Mas voltando ao fio do nosso discurso, que praticamente perdi: a razão essencial pela qual os homens aceitam ordens voluntariamente é que eles nascem servos e são criados como tal. Desta causa decorre outro resultado, a saber, que as pessoas facilmente se tornam covardes e submissas sob tiranos. Por esta observação sou profundamente grato a Hipócrates, o renomado pai da medicina, que a notou e relatou em um tratado seu intitulado “A Respeito das Doenças”. Este famoso homem foi certamente dotado de um grande coração e o provou claramente através de sua resposta ao Grande Rei, que queria vinculá-lo a sua pessoa por meio de privilégios especiais e grandes dons. Hipócrates respondeu francamente que seria um peso para sua consciência fazer uso de sua ciência para a cura de bárbaros que desejavam matar seus companheiros gregos, ou para servir fielmente com sua habilidade



qualquer um que se compromettesse a escravizar a Grécia. A carta que ele enviou ao rei ainda pode ser lida entre suas outras obras e testemunhará para sempre seu grande coração e seu caráter nobre.

A esta altura já deve ser evidente que, uma vez perdida a liberdade, parece também a coragem. Um sujeito não mostra nem alegria nem anseio em combater: seus homens marcham amargamente para o perigo quase como se fossem obrigados, e se imobilizam; não sentem dentro de si esse anseio de liberdade que gera desprezo pelo perigo e dá a disposição de adquirir honra e glória por meio de uma morte corajosa em meio aos seus camaradas. Entre os homens livres há competição quanto a quem mais fará, cada um pelo bem comum, cada um por si, todos esperando compartilhar das desgraças da derrota, ou dos benefícios da vitória; mas um povo escravizado perde, além dessa coragem guerreira, todos os sinais de entusiasmo, pois seus corações estão degradados, submissos e incapazes de qualquer grande ação. Os tiranos estão bem conscientes disto e, para degradar ainda mais seus súditos, os encorajam a assumir esta atitude e torná-la instintiva.

Xenofonte, historiador sério de primeira linha entre os gregos, escreveu um livro no qual faz Simonides falar com Hieron, Tirano de Siracusa, a respeito das ansiedades do tirano. Este livro está repleto de belas e sérias recordações que, na minha opinião, são tão persuasivas quanto as palavras podem ser. Deus queira que todos os déspotas que já viveram possam tê-lo tido uma vez diante dos olhos e usado como um espelho! Não posso acreditar que eles teriam falhado em reconhecer suas verrugas e em ter concebido alguma vergonha por suas manchas. Neste tratado é explicado o tormento em que os tiranos se encontram quando obrigados a temer a todos porque fazem o mal a todos os homens. Entre outras coisas, encontramos a afirmação de que os reis maus empregam estrangeiros em suas guerras e os pagam, não ousando confiar armas nas mãos de seu próprio povo, a quem eles fizeram mal. (Houve bons reis que usaram mercenários de nações estrangeiras, mesmo entre os franceses, embora mais antigamente do que hoje, mas com o propósito de preservar seu próprio povo, considerando como nada a perda de dinheiro no esforço de poupar vidas francesas. Isto é, creio, o que Cipião, o grande africano, quis dizer quando disse que preferia salvar um cidadão do que derrotar uma centena). Pois é claramente evidente que o ditador não considera seu poder firmemente estabelecido até que ele tenha chegado ao

ponto em que não há nenhum homem sob ele que tenha algum valor.

Portanto, pode ser-lhe aplicada justamente a censura ao mestre dos elefantes feita por Trasão e relatada por Terêncio:

*Você realmente se orgulha, apenas por ser obedecido por animais selvagens?*

Este método que os tiranos usam para estupidificar seus súditos não pode ser mais claramente observado do que no que Ciro fez com os Lídios depois de ter tomado Sardes, sua principal cidade, e ter à sua mercê capturado Creso, seu riquíssimo rei.<sup>10</sup> Quando lhe foi dada a notícia de que o povo de Sardes havia se rebelado, teria sido fácil para ele reduzi-los pela força; mas não estando disposto a saquear uma cidade tão bela ou a manter um exército para policiar a cidade, ele pensou em um expediente incomum para reduzi-la. Ele estabeleceu nela bordéis, tabernas e jogos públicos, e emitiu a proclamação de que os habitantes iriam desfrutá-los. Ele achou este tipo de guarnição tão eficaz que nunca mais teve que desembainhar a espada contra os lídios. Essas pessoas miseráveis se divertiram inventando todo tipo de jogos, de modo que os latinos passaram a chamar de *ludi* o que chamamos de passatempos, como se quisessem dizer lídio. Nem todos os tiranos manifestaram tão claramente sua intenção de efeminizar suas vítimas; mas na verdade, o que o déspota acima mencionado proclamou publicamente e colocou em prática, a maioria dos outros perseguiram secretamente como um fim. É realmente da natureza da população, cuja densidade é sempre maior nas cidades, desconfiar de alguém que tem seu bem-estar no coração e ser crédulo de alguém que os engana. Não imaginem que há ave mais facilmente capturada por engodo, nem peixe mais rapidamente preso no anzol por isca de verme, do que todos esses pobres tolos, que são pura e simplesmente enganados em servidão pela mais leve plumagem passada, por assim dizer, diante de suas bocas. Realmente é uma coisa maravilhosa que eles se deixem apanhar tão rapidamente ao menor tilintar de sua fantasia. Peças, farsas, espetáculos, gladiadores, bestas estrangeiras, medalhas, quadros e outros opiáceos do gênero, eram para os povos antigos a isca para a escravidão, o preço de sua liberdade, os instrumentos da tirania. Por estas práticas e seduções, os antigos ditadores conseguiram dominar com tanto sucesso seus súditos sob o jugo, que os povos estupefatos, fascinados pelos passatempos e pelos prazeres vãos que se manifestavam diante de seus olhos, admitiram a subserviência com

ingenuidade, mas não tão crédulos, quanto as crianças pequenas que aprendem a ler olhando para livros ilustrados com imagens brilhantes. Os tiranos romanos inventaram um novo refinamento. Muitas vezes, eles proporcionavam às alas da cidade festas para cativar a multidão, sempre mais facilmente tentada pelo prazer de comer do que por qualquer outra coisa. Os mais inteligentes e compreensivos entre eles não teriam desistido de sua tigela de sopa para recuperar a liberdade da República de Platão. Os tiranos distribuiriam grandes quantidades, um alqueire de trigo, um galão de vinho e um sestércio<sup>11</sup> e então todos gritariam sem pudor: “*Viva o Rei!*” Os tolos não percebiam que estavam apenas recuperando uma porção de sua própria propriedade e que seu governante não poderia ter lhes dado o que estavam recebendo sem antes tê-lo tirado deles. Um homem poderia um dia ser presenteado com um sestércio e se deslumbrar na festa pública, elogiando Tibério e Nero pela generosidade, e no dia seguinte, ser obrigado a abandonar sua propriedade à sua avareza, seus filhos à sua luxúria, seu próprio sangue à crueldade destes magníficos imperadores, sem oferecer mais resistência que uma pedra ou um tronco de árvore. A turba sempre se comportou desta maneira - avidamente aberta a subornos, que não poderiam ser honradamente aceitos, e dissimuladamente insensível à degradação e ao insulto, que não podem ser tolerados com honra. Hoje não encontro ninguém que, ao ouvir a menção de Nero, não estremeça com o próprio nome daquele monstro hediondo, daquela peste nojenta e vil. Mas quando ele morreu - quando este incendiário, este carrasco, esta besta selvagem, morreu tão vilmente quanto tinha vivido - o notável povo romano, lembrando-se de seus jogos e de seus festivais, entristeceu-se a ponto de vestir-se em luto por ele. Assim escreveu Cornélio Tácito, um autor competente e sério, e um dos mais confiáveis. Isto não será considerado peculiar em vista do que este mesmo povo havia feito anteriormente com a morte de Júlio César, que havia varrido suas leis e sua liberdade, em cujo caráter, parece-me, não havia nada que valesse a pena, pois sua própria liberalidade, tão elogiada, era mais ruinosa do que o tirano mais grosseiro que já existiu, pois na verdade era esta amabilidade venenosa dele que adoçava a servidão para o povo romano. Após sua morte, aquele povo, ainda preservando em seu paladar o sabor de seus banquetes e em sua mente a lembrança de sua prodigalidade, vinha lhe prestar homenagem. Lotaram os assentos do Fórum para o grande incêndio que reduziu seu corpo

a cinzas, e mais tarde levantaram uma coluna para ele como “*O Pai de seu Povo*” (Tal era a inscrição no capitel). Prestaram-lhe mais homenagens morto, como ele estava, do que poderiam conferir a qualquer homem do mundo, exceto talvez àqueles que o tinham matado.

Eles nem mesmo esqueceram, estes imperadores romanos, de assumir genericamente o título de Tribuno do Povo, em parte porque este cargo foi considerado sagrado e inviolável e também porque foi fundado para a defesa e proteção do povo e gozava do favor do Estado. Com isso, eles se certificavam de que a população confiaria totalmente neles, como se eles simplesmente usassem o título e não abusassem dele. Hoje existem alguns que não se comportam de maneira muito diferente: eles nunca empreendem uma política injusta, mesmo que de alguma importância, sem prefaciá-la com algum discurso bonito sobre o bem-estar público e o bem comum. Você bem conhece, ó Longa, esta fórmula que eles usam de forma bastante inteligente em certos lugares; embora, na maioria das vezes, para ter certeza, não possa haver esperteza onde há tanta insolência. Os reis dos assírios e mesmo depois deles os dos medos, se mostravam em público tão raramente quanto possível, a fim de colocar em dúvida na mente da multidão se eles não eram de alguma forma mais do que homens, e assim encorajar as pessoas a usar sua imaginação para aquelas coisas que não podem julgar pela vista. Assim muitas nações que por muito tempo residiram sob o controle dos assírios, acostumaram-se, com todo esse mistério, à sua própria sujeição, e submeteram-se mais prontamente por não saberem que tipo de mestre tinham, ou quase nem mesmo se tinham um, todos eles temendo por relatos, alguém que nunca tinham visto. Os primeiros reis do Egito raramente se mostravam sem carregar um gato, ou às vezes um ramo, ou aparecendo com fogo na cabeça, mascarando-se com esses objetos e desfilando como magos. Ao fazer isso, eles inspiraram seus súditos com reverência e admiração, enquanto que, parece-me, com pessoas nem muito estúpidas nem muito serviais, eles teriam simplesmente despertado divertimento e gargalhadas. É lamentável rever a lista de dispositivos que os primeiros déspotas usavam para estabelecer sua tirania; para descobrir quantos pequenos truques eles empregavam, sempre encontrando a população convenientemente ingênua, prontamente presa na teia assim que ela era estendida. De fato, eles sempre enganavam suas vítimas tão facilmente que enquanto zombavam delas,

escravizavam-nas ainda mais.

Que comentário posso fazer a respeito de outra fina contrafação que os povos antigos aceitavam como sendo dinheiro verdadeiro? Eles acreditavam firmemente que o grande dedo do pé de Pirro,<sup>12</sup> rei do Epiro, realizava milagres e curava doenças do baço; eles até mesmo enriqueceram a história com a lenda de que este dedo do pé, depois que o cadáver tinha sido queimado, foi encontrado entre as cinzas, intocado pelo fogo. Nessa lenda, o próprio povo tolo inventa mentiras e depois acredita nelas. Muitos homens recontaram tais coisas de tal forma, que é fácil ver que as suas partes foram unidas por fofocas fúteis da cidade e relatos bobos da ralé. Quando Vespasiano, retornando da Assíria, passa por Alexandria a caminho de Roma para tomar posse do império, ele faz maravilhas: faz os aleijados endireitarem-se, devolve a visão aos cegos e faz muitas outras coisas boas, em relação às quais os crédulos eram, em minha opinião, mais cegos do que os curados. Os próprios tiranos se maravilhavam ao notar como os homens podem suportar a perseguição de um único homem; eles insistem em usar a religião para sua própria proteção e, sempre que possível, tomam emprestado um pouco de divindade para reforçar seus maus costumes. Se quisermos acreditar na Sibila de Virgílio, o Salmoneu,<sup>13</sup> em tormento por ter desfilado como Júpiter na velhice para enganar a população, agora expiando no inferno mais profundo:<sup>14</sup>

*... As penas vi cruéis e penetrantes  
De Salmoneu soberbo, que tanto erra,  
De Júpiter Tonante o raio horrendo  
E do Olimpo os trovões contrafazendo.  
De quatro frisões este conduzido  
Uma tocha acendida meneando, Pelos povos de Grécia ia atrevido,  
E pelo meio de Elides triunfando.  
O culto aos altos deuses só devido  
Pedia: mentecapto, que rodando  
Pela ponte no coche miserável, Fingia a chuva e o raio imitável.  
Mas de uma nuvem densa um raio horrendo, Vibrando irado, o*

*padre onipotente O derrubou com ímpeto tremendo,  
Não com fumoso raio ou tocha ardente...*

Se tal pessoa, que em seu tempo agiu meramente através da loucura da insolência, é tão bem recebida no inferno, penso que aqueles que usaram a religião como manto para esconder sua maldade serão ainda mais merecidamente alojados no mesmo lugar.

Nossos próprios líderes empregaram na França alguns dispositivos similares, como sapos, fleurs-de-lys, vasos sagrados e Auriflamas.<sup>15</sup> Independente de como tenha que ser, não desejo, de minha parte, ser incrédulo, já que nem nós nem nossos antepassados tivemos até agora qualquer ocasião de cepticismo. Nossos reis sempre foram tão generosos em tempos de paz e tão valentes em tempos de guerra, que desde o nascimento parecem não ter sido criados pela natureza como muitos outros mas, mesmo antes do nascimento, terem sido designados pelo Deus Todo-Poderoso para o governo e preservação deste reino.

Mesmo que não fosse assim, ainda assim eu não entraria em discussão para questionar a verdade de nossas tradições, ou para examiná-las tão rigorosamente a ponto de tirar-lhes seus belos conceitos. Este é um campo para nossa poesia francesa, agora não apenas honrada, mas, a meu ver, renascida através de nosso Ronsard,<sup>16</sup> nosso Baïf,<sup>17</sup> nosso Bellay.<sup>18</sup> Estes poetas estão defendendo nossa língua tão bem que ousa acreditar que muito em breve nem os gregos nem os latinos terão qualquer vantagem sobre nós, exceto possivelmente a de antiguidade.

E eu certamente ofenderia a nossa poesia - gosto de usar essa palavra pois, apesar de vários terem feito rimas mecanicamente, ainda hoje posso identificar muitos homens capazes de enobrecer a poesia e restaurá-la ao seu brilho inicial - mas, como eu dizia, eu causaria grande dano à Musa se a privasse agora daqueles belos contos sobre o rei Clovis, nos quais julgo ver despontar fácil e elegantemente a veia do nosso Ronsard e da sua Franciada. Pressinto o seu alcance, reconheço lhe a graça e finura de espírito. Tem arte para fazer da auriflama o que os romanos fizeram das ancilas, como diz Virgílio: – *E os escudos do céu jazendo em terra*. Ele usará nosso frasco de óleo sagrado tanto quanto os atenienses usaram a cesta de Erictônio; e ganhará aplausos por nossos atos heroicos tanto quanto o ganhamos pela

coroa de oliveira que ainda hoje se encontra na torre de Minerva. Eu certamente seria presunçoso se tentasse lançar calúnias em nossos registros e assim invadir o reino de nossos poetas.

Mas voltando ao assunto de que sem querer me afastei, quem mais do que os tiranos têm conseguido para sua segurança, habituar o povo não só à obediência e à servidão, mas até à devoção? Tudo, pois, o que até aqui disse sobre o hábito de as pessoas serem voluntariamente escravas aplica-se apenas às relações entre os tiranos e a arraia miúda e embrutecida.

Chego agora a um ponto que é, em minha opinião, a mola mestra e o segredo da dominação, o apoio e o fundamento da tirania. Quem pensa que alabardas, sentinelas, o posicionamento da guarda, servem para proteger e blindar os tiranos está, a meu ver, completamente equivocado. Estes são usados, me parece, mais para cerimônia e uma demonstração de força do que para qualquer confiança neles depositada. Os arqueiros proíbem a entrada no palácio aos mal-vestidos que não têm armas, não aos bem armados que podem realizar alguma trama. Certamente é fácil dizer dos imperadores romanos, que menos escaparam do perigo devido a ajuda de seus guardas do que foram mortos por seus próprios arqueiros. Não são as tropas a cavalo, não são as companhias em marcha, não são as armas que defendem o tirano. Isto não parece crível à primeira vista, mas é verdade que existem apenas quatro ou cinco que mantêm o ditador, quatro ou cinco que mantêm o país em cativeiro para ele. Cinco ou seis sempre tiveram acesso a seu ouvido, e ou foram a ele de livre vontade, ou foram convocados por ele, para serem cúmplices em suas crueldades, companheiros em seus prazeres, exploradores de suas luxúrias e partidários de seus saques. Estes seis administram os negócios do tirano com tanto sucesso, que ele é responsabilizado não apenas por seus próprios delitos, mas também pelos deles. Os seis têm seiscentos que lucram com eles, e com os seiscentos eles fazem o que querem com seu tirano. Os seiscentos mantêm debaixo deles seiscentos, a quem promovem em posto, a quem conferem o governo das províncias ou a direção das finanças, para que possam servir como instrumentos da cobiça e da crueldade, executando ordens na hora certa e trabalhando em torno de tal caos que não poderiam resistir, exceto sob a sombra dos seiscentos, nem ser isentos da lei e da punição, exceto por sua influência.

A consequência de tudo isso é realmente fatal. E quem tiver o prazer de

desenrolar a meada observará que não os seis mil, mas cem mil, e até mesmo milhões, se agarram ao tirano por este cordão ao qual estão amarrados. Segundo Homero, Júpiter gaba-se de poder atrair para si todos os deuses quando puxa uma corrente. Tal esquema causou o aumento do senado sob Júlio, a formação de novas fileiras, a criação de cargos; não realmente, se devidamente considerado, para reformar a justiça, mas para proporcionar novos partidários do despotismo. Em resumo, quando se chega ao objetivo, através de grandes ou pequenos favores, de que grandes ou pequenos lucros são obtidos sob um tirano, são encontradas quase tantas pessoas a quem a tirania parece vantajosa quanto aquelas a quem a liberdade parece desejável. Os médicos declaram que se, quando alguma parte do corpo tem gangrena uma perturbação surge em outro ponto, ela flui imediatamente para a parte perturbada. Mesmo assim, sempre que um governante se faz ditador, todas as escórias perversas da nação - não me refiro ao bando de pequenos ladrões e rufiões sem orelha<sup>19</sup> que, numa república, não têm relevância no mal ou no bem - mas todos aqueles que são corrompidos por ambição incendiária ou avareza extraordinária, estes se reúnem em torno dele e o apóiam para participar do saque e para se constituírem em chefes mesquinhos sob o grande tirano. Esta é a prática entre ladrões notórios e piratas famosos: alguns vasculham o país, outros perseguem os viajantes; alguns se deitam em emboscadas, outros vigiam; alguns cometem assassinatos, outros roubam; e embora haja entre eles diferenças de posto, alguns são apenas subalternos, enquanto outros são chefes de gangues, mas não há um único entre eles que não se sinta participante, se não do saque principal, pelo menos na busca do mesmo. Está comprovadamente relatado que os piratas sicilianos se reuniram em tão grande número que se tornou necessário enviar contra eles Pompeu Magno, e que eles atraíram para sua aliança belas e grandes cidades em cujos portos se refugiaram ao retornarem de suas expedições, pagando generosamente pelo refúgio dado a seus bens roubados.

O tirano submete a uns por intermédio dos outros. É assim protegido por aqueles que, se algo valessem, antes devia rezear, e dá razão ao adágio que diz ser a lenha rachada com cunhas feitas da mesma lenha. Vejam-se os arqueiros, os guardas e porta estandartes que do tirano recebem não poucos agravos.

Mas os desgraçados, banidos por Deus e pelos homens, suportam de boa



alma o mal e descarregam depois esse mal não naquele que os maltrata, mas nos que são, como ele, maltratados e não têm defesa. Tendo em vista os que servilmente giram em redor do tirano, a executar as suas tiranias e a oprimir o povo, fico muitas vezes espantado com sua maldade e sinto igualmente pena de tanta estupidez. Porque, em boa verdade, o que fazem eles, ao acercarem-se do tirano, senão afastarem-se da liberdade, darem (por assim dizer) ambas as mãos à servidão e abraçarem a escravatura? Ponham eles algum freio à ambição, renunciem um pouco à avariza, olhem depois para si próprios, vejam-se bem e perceberão claramente que os camponeses, os servos que eles espezinham e tratam como escravos, são em comparação com eles, livres e felizes.

O camponês e o artesão, embora servos, limitam-se a fazer o que lhes mandam e, feito isso, ficam quites. Os que giram em volta do tirano e mendigam seus favores, não se poderão limitar a fazer o que ele diz, têm de pensar o que ele deseja e, muitas vezes, para ele se dar por satisfeito, têm de lhe adivinhar os pensamentos. Não basta que lhe obedeçam, têm de lhe fazer todas as vontades, têm de se matar de trabalhar nos negócios dele, de ter os gostos que ele tem, de renunciar à sua própria pessoa e de se despojar do que a natureza lhes deu. Têm de se acautelar com o que dizem, com as mínimas palavras, os mínimos gestos, com o modo como olham; não têm olhos, nem pés, nem mãos, têm de consagrar tudo ao trabalho de espiar a vontade e descobrir os pensamentos do tirano.

Isso pode ser chamado de vida feliz? Pode ser chamado de vida? Há algo mais intolerável do que essa situação, não direi para um homem de coragem nem mesmo para um homem de alto nascimento, mas simplesmente para um homem de bom senso ou, para ir ainda mais longe, para alguém que tenha o rosto de um homem? Que condição é mais miserável do que viver assim, sem nada para chamar de seu, recebendo de outra pessoa o seu sustento, o seu poder de agir, o seu corpo, a sua própria vida?

Os homens ainda aceitam o servilismo para adquirir riqueza; como se pudessem adquirir algo próprio quando não podem sequer afirmar que pertencem a si mesmos, ou como se alguém pudesse possuir sob um tirano uma única coisa em seu próprio nome. No entanto, agem como se sua riqueza realmente lhes pertencesse e esquecem que são eles mesmos que dão ao governante o poder de privar a todos de tudo, não deixando nada que alguém

possa identificar como pertencente a alguém. Eles notam que nada torna os homens tão subservientes à crueldade de um tirano como propriedade; que a posse da riqueza é o pior dos crimes contra ele, punível até mesmo com a morte; e que ele não ama nada tanto quanto o dinheiro e arruína apenas os ricos, que vêm perante ele como diante de um açougueiro, oferecendo-se tão recheados e salpicados que fazem sua boca salivar. Estes favoritos não devem se lembrar tanto daqueles que ganharam grandes riquezas dos tiranos, mas daqueles que, depois de algum tempo acumuladas, perderam para ele seus bens e suas vidas; eles devem considerar não quantos outros ganharam uma fortuna, mas como poucos a conservaram. Quer examinemos a história antiga ou simplesmente os tempos em que vivemos, veremos claramente quão grande é o número daqueles que, tendo por meios vergonhosos conquistado o ouvido dos príncipes - que ou lucraram com sua vilania ou se aproveitaram de sua ingenuidade - acabaram sendo reduzidos a nada por esses mesmos príncipes; e embora no início tais servos tenham sido recebidos por uma pronta vontade de promover seus interesses, mais tarde encontraram uma inconstância igualmente óbvia que os levaram à ruína. Certamente, entre um número tão grande de pessoas que em algum momento tiveram alguma relação com maus governantes, houve poucos ou praticamente nenhum que não sentiram aplicada a si mesmos a animosidade do tirano, que antes tinham incitado contra outros. Na maior parte das vezes, depois de enriquecerem, despojando os outros, sob a proteção dele, acabam por enriquecê-lo com seus próprios despojos.

Mesmo homens de caráter - se às vezes acontece de um tirano gostar o suficiente de um homem assim para mantê-lo em suas boas graças, porque nele brilham a virtude e a integridade que inspiram uma certa reverência mesmo nos mais depravados - mesmo homens de caráter, digo eu, não conseguiram por muito tempo evitar sucumbir à maldade comum e logo experimentaram os efeitos da tirania às suas próprias custas. Um Sêneca, um Burro, um Trásea, este triunvirato de homens esplêndidos,<sup>20</sup> são um lembrete suficiente de tal infortúnio. Dois deles estavam próximos ao tirano pela responsabilidade fatal de ter nas mãos a administração de seus assuntos, e ambos eram estimados e amados por ele. Um deles, além disso, tinha uma reivindicação peculiar sobre sua amizade, tendo instruído seu mestre quando criança. No entanto, estes três, por suas mortes brutais, dão provas suficientes

de quão pouca fé se pode depositar na amizade de um governante maligno. De fato, que amizade pode ser esperada de alguém cujo coração é amargo o suficiente para odiar até mesmo seu próprio povo, que não faz outra coisa senão obedecê-lo? É por não saber amar que ele acaba empobrecendo seu próprio espírito e destruindo seu próprio império.

Agora, se alguém argumentar que estes homens caíram em desgraça porque queriam agir honradamente, deixe-o olhar em volta com ousadia para outros próximos a esse mesmo tirano, e ele verá que aqueles que vieram em seu favor e se mantiveram por meios desonrosos não se saíram muito melhor. Quem já ouviu falar de um amor mais centrado, de um afeto mais persistente, quem já leu sobre um homem mais desesperadamente ligado a uma mulher do que Nero era a Popeia? No entanto, ela foi mais tarde envenenada por sua própria mão.<sup>21</sup> Agrippina, sua mãe, havia matado seu marido, Cláudio, para enaltecer seu filho; para gratificá-lo, ela nunca hesitou em fazer ou carregar nada; e, no entanto, esse mesmo filho, sua descendência, seu imperador, erguido por sua mão, depois de decepcioná-la com frequência, finalmente tirou-lhe a vida. É verdade que ninguém nega que ela teria merecido este castigo, se ao menos ele lhe tivesse chegado por outra mão que não a do filho que ela havia trazido ao mundo. Onde houve já homem mais fácil de manobrar, mais simples, digamos até mais ingênuo do que o Imperador Cláudio? Quem se apaixonou algum dia por uma mulher mais do que ele por Messalina? Nem por isso deixou de entregá-la ao carrasco. A simplicidade é uma crueldade de todos os tiranos: tanto que todos ignoram o que seja praticar o bem. Mas, não sei como, chega sempre o dia em que usam de crueldade para com os que os rodeiam e a pouca inteligência que possuem desperta de imediato.

É bem conhecida a palavra daquele que, vendo descoberto o colo da mulher amada, sem a qual parecia não poder viver, a acariciou, dizendo: “Este belo pescoço, logo que eu o ordene, pode ser cortado”. Por isso é que a maior parte dos antigos tiranos eram geralmente mortos pelos seus favoritos, os quais, uma vez conhecida a natureza da tirania, perdiam toda a fé na vontade do tirano e desconfiavam do seu poder. Assim foi que Domiciano morreu às mãos de Estevão, Cômodo assassinado por uma das suas amantes, Antonino por Macrino, e o mesmo aconteceu com quase todos os outros. A verdade é que o tirano nunca é amado nem ama.

A amizade é uma palavra sagrada, uma coisa santa; nunca se desenvolve a não ser entre pessoas de caráter e nunca se enraíza a não ser através do respeito mútuo; floresce não tanto pela gentileza, mas pela sinceridade. O que faz um amigo ter certeza de outro é o conhecimento de sua integridade: como garantia, ele tem a bela natureza de seu amigo, sua honra e sua constância. Não pode haver amizade onde há crueldade, onde há deslealdade, onde há injustiça. E nos lugares onde os ímpios se reúnem, há apenas conspiração, não companheirismo: estes não têm afeição uns pelos outros; só o medo os mantém unidos; não são amigos, são meramente cúmplices.

Ainda que assim não fosse, havia de ser sempre difícil achar num tirano um amor firme. É que, estando ele acima de todos e não tendo companheiros, situa-se para lá de todas as raías da amizade, a qual tem seu alvo na equidade, não aceita a superioridade, antes quer que todos sejam iguais. Por isso é que entre os ladrões reina a maior confiança, no dividir do que roubaram; todos são pares e companheiros e, se não se amam, temem-se pelo menos uns aos outros e não querem, desunindo-se, tornar-se mais fracos. Quanto ao tirano, nem os próprios favoritos podem ter confiança nele, pois aprenderam que ele pode tudo, que não há direitos nem deveres a que esteja obrigado, a sua única lei é a sua vontade, não é companheiro de ninguém, antes, é senhor de todos. Quão dignos de piedade, portanto, são aqueles que, perante exemplos tão evidentes, face a um perigo tão iminente, não aprendem com o que outros já sofreram!

Como pode haver tanta gente que gosta de conviver com os tiranos e como nem apenas um tenha inteligência e ousadia que bastem para lhe dizer o que (no dizer do conto) a raposa respondeu ao leão que se fingia doente: *“De boa mente entraria no seu covil; mas só vejo pegadas de bichos que entram e nenhuma dos que dele tenham saído”*.

Esses desgraçados só veem o brilho dos tesouros do tirano e ficam olhando espantados para o fulgor das suas joias, deslumbrados com tanto esplendor; aproximam-se e não veem que estão a atirar-se para o meio de uma fogueira que não tardará a consumi-los. O Sátiro indiscreto (segundo a fábula), ao ver acesa a chama descoberta por Prometeu, achou-a tão bela que foi beijá-la e se queimou. A borboleta que, esperando encontrar algum prazer, se atira ao fogo, vendo-o luzir, acaba por ser vítima de uma outra qualidade que o fogo tem: a de tudo queimar (diz o poeta Lucano<sup>22</sup>).

Além disso, mesmo admitindo que os favoritos podem às vezes escapar das mãos daquele que servem, eles nunca estão a salvo do governante que vem após ele. Se ele for bom, eles devem prestar contas de seu passado e reconhecer finalmente que a justiça existe; se ele for mau e se parecer com seu falecido mestre, ele certamente terá seus próprios favoritos, que normalmente não se contentam em ocupar por sua vez apenas os postos de seus antecessores, mas insistirão mais amiúde em sua riqueza e em suas vidas. Será possível encontrar alguém, então, que sob tais circunstâncias perigosas e com tão pouca segurança ainda será ambicioso para ocupar uma posição tão infeliz e servir, apesar de tais perigos, um mestre tão perigoso? Bom Deus, que sofrimento, que martírio tudo isso envolve! Estar ocupado noite e dia no planejamento para agradar a uma pessoa e ainda temê-la mais do que qualquer outra pessoa no mundo; estar sempre atento, com os ouvidos abertos, perguntando-se de onde virá o golpe; procurar a conspiração, estar em guarda contra ciladas, varrer os rostos dos companheiros em busca de sinais de traição, sorrir para todos e ter medo mortal de todos, ter confiança em ninguém, seja um inimigo aberto ou um amigo verdadeiro; mostrar sempre um semblante alegre apesar de um coração apreensivo, incapaz de ser alegre, mas não ousando parecer triste!

No entanto, há satisfação em examinar o que eles obtêm de todo esse tormento, que vantagem obtêm de todo o problema de sua miserável existência. Na verdade, o povo nunca culpa o tirano pelos males que sofre, mas coloca a responsabilidade sobre aqueles que o influenciam; povos, nações, todos competem uns com os outros, até mesmo os camponeses, até os lavradores do solo, ao mencionar os nomes dos favoritos, ao analisar seus vícios e ao amontoar sobre eles mil insultos, mil obscenidades, mil maledicências. Todas as suas orações, todos os seus votos são dirigidos contra essas pessoas; eles os responsabilizam por todos os seus infortúnios, suas pestes, suas fomes; e, se às vezes eles lhes mostram respeito exterior, nesses mesmos momentos eles estão fumegando em seus corações e os mantêm em maior horror do que os animais selvagens. Esta é a glória e a honra que se acumulam sobre os favoritos influentes por seus serviços feitos às pessoas que, se pudessem dilacerar seus corpos vivos, ainda clamariam por mais, apenas meio saciados pela agonia que poderiam contemplar. Pois mesmo quando os favoritos estão mortos, aqueles que vivem depois nunca

são preguiçosos demais para negar os nomes desses devoradores de homens<sup>23</sup> com a tinta de mil canetas, rasgar sua reputação em pedaços em mil livros e arrastar, por assim dizer, seus ossos para além da posteridade, castigando-os para sempre após sua morte por suas vidas perversas.

Aprendamos portanto, enquanto ainda há tempo, aprendamos a fazer o bem. Levantemos nossos olhos para o céu em nome de nossa honra, pelo próprio amor à virtude ou, para falar sabiamente, pelo amor e louvor a Deus Todo-Poderoso, que é a infalível testemunha de nossas ações e o justo juiz de nossas faltas. Quanto a mim, acredito verdadeiramente que estou certo, pois não há nada tão contrário a um Deus generoso e amoroso como a ditadura - acredito que Ele reservou, num lugar à parte no Inferno, algum castigo muito especial para os tiranos e seus cúmplices.



# Notas

**1 Tirania dos Trinta** (em grego οἱ Τριάκοντα, hoi Triakonta) foi um governo oligárquico de Atenas composto por trinta magistrados chamados tiranos, que sucedeu à democracia ateniense ao final da Guerra do Peloponeso, durante menos de um ano, em 404 a. C.

**2 Milcíades, Leônidas e Temístocles:** Referência aos heróis das Guerras Médicas são os conflitos entre os antigos gregos e o Império Aquemênida durante o século V a.C., de 499 até 449 a.C..

**3** Quando La Boétie chegou em Bordeau para assumir um cargo de magistrado, ele encontrou Longa, o magistrado anterior, ainda lá. La Boétie então “*revisa seu manuscrito para incluir o nome de Longa como um amante da poesia, para homenageá-lo*”. Afirmção de Harry Kurz, “Montaigne e La Boétie no Capítulo sobre Amizade”, Publications of the Modern Language Association of America, Vol. 65, No. 4 (Junho, 1950) p. 486

**4 Pisístrato**, em grego Πεισίστρατος, translit. Pissístratos, (ca. 600 a.C. — 528 a.C.) foi um tirano da antiga Atenas que governou entre 546 a.C. e 527 a.C. Da primeira vez foi derrubado por Licurgo. Da segunda por Hermódio e Aristogíton. Deve-se, contudo, a **Pisístrato** a compilação das obras de Homero, como a *Ilíada* e a *Odisséia*.

**5 Mitrídates** (em grego, Μιθριδάτης) (132 a.C. — 63 a.C.), chamado Eupátor Dionísio, também conhecido como Mitrídates, o Grande, foi rei do Ponto de 120 a 63 a.C. na Anatólia e um dos mais formidáveis e sucedidos inimigos de Roma, havendo enfrentado três dos melhores generais romanos da Baixa República. A lenda relata que Mitrídates procurou imunizar-se contra um eventual envenenamento, tomando doses crescentes (mas nunca letais) dos venenos de que tinha conhecimento, até que fosse capaz de tolerar até mesmo uma dose mortal. Alguns chamam esta prática de “mitridatismo”. Conforme a lenda, após ser derrotado por Pompeu, Mitrídates tentou o suicídio por envenenamento, sem efeito devido a sua imunidade. Teria, então, forçado um de seus servos a matá-lo à espada. Esta história é contada na peça *Mitrídates* (1673), de Jean Racine, e na ópera *Mitridate*, re di Ponto (1770), de Mozart.

**6** Outro nome para os espartanos.

**7 Os cimérios** (em grego: Κιμμέριοι, Kimmerioi) foram um antigo povo indo-europeu que viveu ao norte do Cáucaso e do mar de Azov por volta de 1300 a.C.,[1] até que foram expulsos para o sul, pelos citas, chegando à Anatólia por volta do século VIII a.C. Linguisticamente costumam ser classificados como iranianos.

**8** O sultão otomano de Constantinopla costumava ser chamado de Grão-Turco ou Grande Turco.

**9** Referência ao assassinato de Júlio César. Bruto e Cássio ajudaram a assassinar Júlio César em 44 a.C. Eles cometeram suicídio após serem derrotados por Marco Antônio nas Batalhas de Filipos em 42 a.C..

**10 Cresos** foi o último rei da Lídia, da dinastia Mermnada, (560 a.C.–546 a.C.), filho e sucessor de Alíates que morreu em 560 a.C. Submeteu as principais cidades da Anatólia.

**11 O sestércio** (*sestertius*, em latim) era uma antiga moeda romana. O nome provém das palavras

latinas semis (“meio”) e tres (“três”), isto é, “meio terceiro”, porque valia dois asses e meio.

**12 Pirro** (318 a.C. — 272 a.C.) (em grego – Πυρρος — “cor de fogo”, “ruivo”) foi rei do Epiro e da Macedônia, tendo ficado famoso por ter sido um dos principais opositores a Roma.

**13 Salmoneu** (em grego antigo Σαλμονεύς) é um personagem da mitologia grega. Filho de Éolo e Enarete, foi rei da Élide. Era descendente de Deucalião e Pirra e irmão de Sísifo. Pertence à série de mortais que quiseram rivalizar com os deuses.

**14** Ver **Virgílio**, Eneida, Cap. VI

**15 Auriflama** (do latim *aurea flamma*, “chama dourada”) ou *Oriflamme* foi o estandarte de batalha do rei da França na Idade Média. Era originalmente a bandeira sagrada da Abadia de St. Denis, um mosteiro perto de Paris. Quando a auriflama era levantada em batalha pela realeza francesa durante a Idade Média, mais notavelmente durante a Guerra dos Cem Anos, nenhum adversário deveria ser preso até ser abatido. Através dessa tática, eles esperavam causar medo no coração do inimigo, especialmente os nobres, que normalmente poderiam esperar ser levados vivos para resgates durante tais encontros militares. Em francês, o termo “*oriflamme*” passou a significar qualquer bandeira com pontas pontiagudas; por associação com a forma do original.

**16 Pierre de Ronsard** (11 de dezembro de 1524 — 27 de dezembro de 1585) foi um poeta renascentista francês nascido no castelo de La Possonnière, condado de Vendôme, é o principal representante da La Pléiade, grupo de poetas cujos principais modelos foram os líricos greco-romanos e italianos, de grande importância na renovação da literatura francesa.

**17 Jean-Antoine de Baïf** (Veneza, 19 de fevereiro de 1532 - Paris, 19 de setembro de 1589) foi um poeta, tradutor e comediógrafo da França, e membro da Pléiade. Nasceu quando sua família vivia na Itália, com seu pai, Lazare de Baïf, na condição de embaixador francês. O menino cresceu num mundo de arte e cultura, sendo educado com os melhores professores, aprendendo latim e grego.

**18 Guillaume du Bellay** (1491-1543), historiador francês, conhecido pelas medidas diplomáticas que tomou durante o reinado de Francisco I da França. Foi governador de Turim em 1537 e também vice-rei de Piemonte.

**19** O corte das orelhas como punição por roubo é muito antigo. Na Idade Média, ainda era praticado sob St. Louis. Homens assim mutilados eram desonrados e não podiam entrar no clero ou na magistratura.

**20** Referência aos principais assessores de Nero, responsáveis pelos excelentes cinco primeiros anos de seu principado. Ver Sêneca, Vida e Filosofia.

**21** A causa e a data da morte de Popeia são incertas. De acordo com Suetônio, quando Popeia estava grávida do segundo filho, no verão de 63, ela discutiu furiosamente com o marido sobre o tempo que ele passava nas corridas. Num acesso de fúria, o imperador chutou Popeia na barriga, o que provocou a sua morte. Tácito, por outro lado, data sua morte depois do Quinquenália e alega que o chute de Nero foi uma “explosão casual”. Ele também menciona que alguns autores (perdidos) alegavam que Nero teria envenenado a esposa, mas demonstrou não acreditar nessas histórias. Dião Cássio alega que Nero teria pulado sobre a sua barriga, mas admitiu que não sabia se fora intencionalmente ou não.

**22 Marco Aneu Lucano** (em latim: *Marcus Annaeus Lucanus*; Corduba, Hispânia, 3 de novembro de 39 — Roma, 30 de abril de 65), também conhecido em português como Lucano, foi um poeta romano, nascido na província da Bética. Apesar de sua vida curta, é tido como uma das figuras de maior



destaque do período dito clássico do latim. Sua juventude, além de sua proficuidade, fizeram com que se destacasse entre os poetas da época. Sobrinho de Sêneca, fez parte da malograda conspiração de Pisão contra a vida do imperador Nero, e ao ser preso foi obrigado a se suicidar. Restou de sua extensa obra apenas uma epopeia inacabada, a Farsália.

23 O termo foi usado por Homero na *Ilíada*, Livro I, 341

# **Original Francês: Discours de la servitude volontaire <sup>(1)</sup>**

12234

COLLECTION  
DES  
CHEFS-D'ŒUVRE MÉCONNUS

Étienne de LA BOÉTIE

DISCOURS  
DE LA  
SERVITUDE VOLONTAIRE  
SUIVI DU

MÉMOIRE

TOUCHANT L'ÉDIT DE JANVIER 1562

[*inédit*]

et d'une LETTRE de M. LE CONSEILLER DE MONTAIGNE

INTRODUCTION ET NOTES

DE PAUL BONNEFON

CONSERVATEUR DE LA BIBLIOTHÈQUE DE L'ARSENAL

Orné d'un portrait gravé sur bois par OUVRE



184869  
26-10-23

EDITIONS BOSSARD

43, RUE MADAME, 43

PARIS

1922

*D'avoir plusieurs seigneurs aucun bien je n'y voi :*

*Qu'un, sans plus, soit le maître et qu'un seul soit le roi,*

ce disait Ulysse en Homère, parlant en public. S'il n'eût rien plus dit, sinon

*D'avoir plusieurs seigneurs aucun bien je n'y voi... (2)*

c'était autant bien dit que rien plus ; mais, au lieu que, pour le raisonner, il fallait dire que la domination de plusieurs ne pouvait être bonne, puisque la puissance d'un seul, dès lors qu'il prend ce titre de maître, est dure et déraisonnable, il est allé ajouter, tout au rebours.

*Qu'un, sans plus, soit le maître, et qu'un seul soit le roi.*

Il en faudrait, d'aventure, excuser Ulysse, auquel, possible, lors était besoin d'user de ce langage pour apaiser la révolte de l'armée ; conformant, je crois, son propos plus au temps qu'à la vérité. Mais, à parler à bon escient, c'est un extrême malheur d'être sujet à un maître, duquel on ne se peut jamais assurer qu'il soit bon, puisqu'il est toujours en sa puissance d'être mauvais quand il voudra ; et d'avoir plusieurs maîtres, c'est, autant qu'on en a, autant de fois être extrêmement malheureux. Si ne veux-je pas, pour cette heure, débattre cette question tant pourmenée, si les autres façons de république sont meilleures que la monarchie, encore voudrais-je savoir, avant que mettre en doute quel rang la monarchie doit avoir entre les républiques, si elle en y doit avoir aucun, pour ce qu'il est malaisé de croire qu'il y ait rien de public en ce gouvernement, où tout est à un. Mais cette question est réservée pour un autre temps, et demanderait bien son traité à part, ou plutôt amènerait quant et soi toutes les disputes politiques.

Pour ce coup, je ne voudrais sinon entendre comme il se peut faire que tant d'hommes, tant de bourgs, tant de villes, tant de nations endurent quelquefois un tyran seul, qui n'a puissance que celle qu'ils lui donnent ; qui n'a pouvoir de leur nuire, sinon qu'ils ont pouvoir de l'endurer ; qui ne saurait leur faire mal aucun, sinon lorsqu'ils aiment mieux le souffrir que lui contredire. Grand'chose certes, et toutefois si commune qu'il s'en faut de tant plus douloir et moins s'ébahir <sup>(1)</sup> voir un million de millions d'hommes servir misérablement, ayant le col sous le joug, non pas contraints par une plus grande force, mais aucunement (ce semble) enchantés et charmés par le nom seul d'un, duquel ils ne doivent ni craindre la puissance, puisqu'il est seul, ni

aimer les qualités, puisqu'il est en leur endroit inhumain et sauvage. La faiblesse d'entre nous hommes est telle, [qu']il faut souvent que nous obéissions à la force, il est besoin de temporiser, nous ne pouvons pas toujours être les plus forts. Donc, si une nation est contrainte par la force de la guerre de servir à un, comme la cité d'Athènes aux trente tyrans, il ne se faut pas ébahir qu'elle serve, mais se plaindre de l'accident ; ou bien plutôt ne s'ébahir ni ne s'en plaindre, mais porter le mal patiemment et se réserver à l'avenir à meilleure fortune.

Notre nature est ainsi, que les communs devoirs de l'amitié l'emportent une bonne partie du cours de notre vie ; il est raisonnable d'aimer la vertu, d'estimer les beaux faits, de reconnaître le bien d'où l'on l'a reçu, et diminuer souvent de notre aise pour augmenter l'honneur et avantage de celui qu'on aime et qui le mérite. Ainsi donc, si les habitants d'un pays ont trouvé quelque grand personnage qui leur ait montré par épreuve une grande prévoyance pour les garder, une grande hardiesse pour les défendre, un grand soin pour les gouverner ; si, de là en avant, ils s'appriivoisent de lui obéir et s'en fier tant que de lui donner quelques avantages, je ne sais si ce serait sagesse, de tant qu'on l'ôte de là où il faisait bien, pour l'avancer en lieu où il pourra mal faire ; mais certes, si ne pourrait-il faillir d'y avoir de la bonté, de ne craindre point mal de celui duquel on n'a reçu que bien.

Mais, ô bon Dieu ! que peut être cela ? comment dirons-nous que cela s'appelle ? quel malheur est celui-là ? quel vice, ou plutôt quel malheureux vice ? Voir un nombre infini de personnes non pas obéir, mais servir ; non pas être gouvernés, mais tyrannisés ; n'ayant ni biens ni parents, femmes ni enfants, ni leur vie même qui soit à eux ! souffrir les pilleries, les paillardises, les cruautés, non pas d'une armée, non pas d'un camp barbare contre lequel il faudrait défendre son sang et sa vie devant, mais d'un seul ; non pas d'un Hercule ni d'un Samson, mais d'un seul hommeau, et le plus souvent le plus lâche et femelin de la nation ; non pas accoutumé à la poudre des batailles, mais encore à grand peine au sable des tournois ; non pas qui puisse par force commander aux hommes, mais tout empêché de servir vilement à la moindre femmelette <sup>(1)</sup> ! Appellerons-nous cela lâcheté ? dirons-nous que ceux qui servent soient couards et recrues ? Si deux, si trois, si quatre ne se défendent d'un, cela est étrange, mais toutefois possible ; bien pourra-l'on dire, à bon droit, que c'est faute de cœur. Mais si cent, si mille endurent d'un seul, ne

dira-l'on pas qu'ils ne veulent point, non qu'ils n'osent pas se prendre à lui, et que c'est non couardise, mais plutôt mépris ou dédain ? Si l'on voit, non pas cent, non pas mille hommes, mais cent pays, mille villes, un million d'hommes, n'assaillir pas un seul, duquel le mieux traité de tous en reçoit ce mal d'être serf et esclave, comment pourrons-nous nommer cela ? est-ce lâcheté ? Or, il y a en tous vices naturellement quelque borne, outre laquelle ils ne peuvent passer : deux peuvent craindre un, et possible dix ; mais mille, mais un million, mais mille villes, si elles ne se défendent d'un, cela n'est pas couardise, elle ne va point jusque-là ; non plus que la vaillance ne s'étend pas qu'un seul échelle une forteresse, qu'il assaille une armée, qu'il conquête un royaume. Donc quel monstre de vice est ceci qui ne mérite pas encore le titre de couardise, qui ne trouve point de nom assez vilain, que la nature désavoue avoir fait et la langue refuse de nommer ?

Qu'on mette d'un côté cinquante mille hommes en armes, d'un autre autant ; qu'on les range en bataille ; qu'ils viennent à se joindre, les uns libres, combattant pour leur franchise, les autres pour la leur ôter : auxquels promettra-l'on par conjecture la victoire ? Lesquels pensera-l'on qui plus gaillardement iront au combat, ou ceux qui espèrent pour guerdon <sup>(1)</sup> de leurs peines l'entretienement de leur liberté, ou ceux qui ne peuvent attendre autre loyer des coups qu'ils donnent ou qu'ils reçoivent que la servitude d'autrui ? Les uns ont toujours devant les yeux le bonheur de la vie passée, l'attente de pareil aise à l'avenir ; il ne leur souvient pas tant de ce qu'ils endurent, le temps que dure une bataille, comme de ce qu'il leur conviendra à jamais endurer, à eux, à leurs enfants et à toute la postérité. Les autres n'ont rien qui les enhardie qu'une petite pointe de convoitise qui se rebouche<sup>(2)</sup> soudain contre le danger et qui ne peut être si ardente qu'elle ne se doive, ce semble, éteindre par la moindre goutte de sang qui sorte de leurs plaies. Aux batailles tant renommées de Miltiade, de Léonide, de Thémistocle, qui ont été données deux mille ans y a et qui sont encore aujourd'hui aussi fraîches en la mémoire des livres et des hommes comme si c'eût été l'autre hier, qui furent données en Grèce pour le bien des Grecs et pour l'exemple de tout le monde, qu'est-ce qu'on pense qui donna à si petit nombre de gens comme étaient les Grecs, non le pouvoir, mais le cœur de soutenir la force de navires que la mer même en était chargée, de défaire tant de nations, qui étaient en si grand nombre que l'escadron des Grecs n'eût pas fourni, s'il eût fallu, des capitaines aux armées

des ennemis, sinon qu'il semble qu'à ces glorieux jours-là ce n'était pas tant la bataille des Grecs contre les Perses, comme la victoire de la liberté sur la domination, de la franchise sur la convoitise ?

C'est chose étrange d'ouïr parler de la vaillance que la liberté met dans le cœur de ceux qui la défendent ; mais ce qui se fait en tous pays, par tous les hommes, tous les jours, qu'un homme mâtine<sup>(1)</sup> cent mille et les prive de leur liberté, qui le croirait, s'il ne faisait que l'ouïr dire et non le voir ? Et, s'il ne se faisait qu'en pays étranges et lointaines terres, et qu'on le dit, qui ne penserait que cela fut plutôt feint et trouvé que non pas véritable ? Encore ce seul tyran, il n'est pas besoin de le combattre, il n'est pas besoin de le défaire, il est de soi-même défait, mais que le pays ne consente à sa servitude ; il ne faut pas lui ôter rien, mais ne lui donner rien ; il n'est pas besoin que le pays se mette en peine de faire rien pour soi, pourvu qu'il ne fasse rien contre soi. Ce sont donc les peuples mêmes qui se laissent ou plutôt se font gourmander, puisqu'en cessant de servir ils en seraient quittes ; c'est le peuple qui s'asservit, qui se coupe la gorge, qui, ayant le choix ou d'être serf ou d'être libre, quitte la franchise et prend le joug, qui consent à son mal, ou plutôt le pourchasse. S'il lui coûtait quelque chose à recouvrer sa liberté, je ne l'en presserais point, combien qu'est-ce que l'homme doit avoir plus cher que de se remettre en son droit naturel, et, par manière de dire, de bête revenir homme ; mais encore je ne désire pas en lui si grande hardiesse ; je lui permets qu'il aime mieux je ne sais quelle sûreté de vivre misérablement qu'une douteuse espérance de vivre à son aise. Quoi ? si pour avoir liberté il ne faut que la désirer, s'il n'est besoin que d'un simple vouloir, se trouvera-t-il nation au monde qui l'estime encore trop chère, la pouvant gagner d'un seul souhait, et qui plaigne la volonté à recouvrer le bien lequel il devrait racheter au prix de son sang, et lequel perdu, tous les gens d'honneur doivent estimer la vie déplaisante et la mort salutaire ? Certes, comme le feu d'une petite étincelle devient grand et toujours se renforce, et plus il trouve de bois, plus il est prêt d'en brûler, et, sans qu'on y mette de l'eau pour l'éteindre, seulement en n'y mettant plus de bois, n'ayant plus que consommer, il se consomme soi-même et vient sans force aucune et non plus feu : pareillement les tyrans, plus ils pillent, plus ils exigent, plus ils ruinent et détruisent, plus on leur baille, plus on les sert, de tant plus ils se fortifient et deviennent toujours plus forts et plus frais pour anéantir et détruire tout ; et si on ne leur

baille rien, si on ne leur obéit point, sans combattre, sans frapper, ils demeurent nus et défaits et ne sont plus rien, sinon que comme la racine, n'ayant plus d'humeur ou aliment, la branche devient sèche et morte.

Les hardis, pour acquérir le bien qu'ils demandent, ne craignent point le danger ; les avisés ne refusent point la peine : les lâches et engourdis ne savent ni endurer le mal, ni recouvrer le bien ; ils s'arrêtent en cela de le souhaiter, et la vertu d'y prétendre leur est ôtée par leur lâcheté ; le désir de l'avoir leur demeure par la nature. Ce désir, cette volonté est commune aux sages et aux indiscrets, aux courageux et aux couards, pour souhaiter toutes choses qui, étant acquises, les rendraient heureux et contents : une seule chose est à dire <sup>(1)</sup>, en laquelle je ne sais comment nature défaut aux hommes pour la désirer ; c'est la liberté, qui est toutefois un bien si grand et si plaisant, qu'elle perdue, tous les maux viennent à la file, et les biens même qui demeurent après elle perdent entièrement leur goût et saveur, corrompus par la servitude : la seule liberté, les hommes ne la désirent point, non pour autre raison, ce semble, sinon que s'ils la désiraient, ils l'auraient, comme s'ils refusaient de faire ce bel acquêt, seulement parce qu'il est trop aisé.

Pauvres et misérables peuples insensés, nations opiniâtres en votre mal et aveugles en votre bien, vous vous laissez emporter devant vous le plus beau et le plus clair de votre revenu, piller vos champs, voler vos maisons et les dépouiller des meubles anciens et paternels ! Vous vivez de sorte que vous ne vous pouvez vanter que rien soit à vous ; et semblerait que meshui ce vous serait grand heur de tenir à ferme vos biens, vos familles et vos vies ; et tout ce dégât, ce malheur, cette ruine, vous vient, non pas des ennemis, mais certes oui bien de l'ennemi, et de celui que vous faites si grand qu'il est, pour lequel vous allez si courageusement à la guerre, pour la grandeur duquel vous ne refusez point de présenter à la mort vos personnes. Celui qui vous maîtrise tant n'a que deux yeux, n'a que deux mains, n'a qu'un corps, et n'a autre chose que ce qu'a le moindre homme du grand et infini nombre de nos villes, sinon que l'avantage que vous lui faites pour vous détruire. D'où a-t-il pris tant d'yeux, dont il vous épie, si vous ne les lui baillez ? Comment a-t-il tant de mains pour vous frapper, s'il ne les prend de vous ? Les pieds dont il foule vos cités, d'où les a-t-il, s'ils ne sont des vôtres ? Comment a-t-il aucun pouvoir sur vous, que par vous ? Comment vous oserait-il courir sus, s'il n'avait intelligence avec vous ? Que vous pourrait-il faire, si vous n'étiez



recéleurs du larron qui vous pille, complices du meurtrier qui vous tue et traîtres à vous-mêmes ? Vous semez vos fruits, afin qu'il en fasse le dégât ; vous meublez et remplissez vos maisons, afin de fournir à ses pilleries ; vous nourrissez vos filles, afin qu'il ait de quoi soûler sa luxure ; vous nourrissez vos enfants, afin que, pour le mieux qu'il leur saurait faire, il les mène en ses guerres, qu'il les conduise à la boucherie, qu'il les fasse les ministres de ses convoitises, et les exécuteurs de ses vengeances ; vous rompez à la peine vos personnes, afin qu'il se puisse mignarder en ses délices et se vautrer dans les sales et vilains plaisirs ; vous vous affaiblissez, afin de le rendre plus fort et roide à vous tenir plus courte la bride ; et de tant d'indignités, que les bêtes mêmes ou ne les sentiraient point, ou ne l'endureraient point, vous pouvez vous en délivrer, si vous l'essayez, non pas de vous en délivrer, mais seulement de le vouloir faire. Soyez résolus de ne servir plus, et vous voilà libres. Je ne veux pas que vous le poussiez ou l'ébranliez, mais seulement ne le soutenez plus, et vous le verrez, comme un grand colosse à qui on a dérobé sa base, de son poids même fondre en bas et se rompre.

Mais certes les médecins conseillent bien de ne mettre pas la main aux plaies incurables, et je ne fais pas sagement de vouloir prêcher en ceci le peuple qui perdu, longtemps a, toute connaissance, et duquel, puisqu'il ne sent plus son mal, cela montre assez que sa maladie est mortelle. Cherchons donc par conjecture, si nous en pouvons trouver, comment s'est ainsi si avant enracinée cette opiniâtre volonté de servir, qu'il semble maintenant que l'amour même de la liberté ne soit pas si naturelle.

Premièrement, cela est, comme je crois, hors de doute que, si nous vivions avec les droits que la nature nous a donnés et avec les enseignements qu'elle nous apprend, nous serions naturellement obéissants aux parents, sujets à la raison, et serfs de personne. De l'obéissance que chacun, sans autre avertissement que de son naturel, porte à ses père et mère, tous les hommes s'en sont témoins, chacun pour soi ; de la raison, si elle naît avec nous, ou non, qui est une question débattue à fond par les académiques et touchée par toute l'école des philosophes. Pour cette heure je ne penserai point faillir en disant cela, qu'il y a en notre âme quelque naturelle semence de raison, laquelle, entretenue par bon conseil et coutume, florit en vertu, et, au contraire, souvent ne pouvant durer contre les vices survenus, étouffée, s'avorte. Mais certes, s'il y a rien de clair ni d'apparent en la nature et où il

ne soit pas permis de faire l'aveugle, c'est cela que la nature, le ministre de Dieu, la gouvernante des hommes, nous a tous faits de même forme, et, comme il semble, à même moule, afin de nous entreconnaître tous pour compagnons ou plutôt pour frères ; et si, faisant les partages des présents qu'elle nous faisait, elle a fait quelque avantage de son bien, soit au corps ou en l'esprit, aux uns plus qu'aux autres, si n'a-t-elle pourtant entendu nous mettre en ce monde comme dans un camp clos, et n'a pas envoyé ici-bas les plus forts ni les plus avisés, comme des brigands armés dans une forêt, pour y gourmander les plus faibles ; mais plutôt faut-il croire que, faisant ainsi les parts aux uns plus grandes, aux autres plus petites, elle voulait faire place à la fraternelle affection, afin qu'elle eût où s'employer, ayant les uns puissance de donner aide, les autres besoin d'en recevoir. Puis donc que cette bonne mère nous a donné à tous toute la terre pour demeure, nous a tous logés aucunement en même maison, nous a tous figurés à même patron, afin que chacun se put mirer et quasi reconnaître l'un dans l'autre ; si elle nous a donné à tous ce grand présent de la voix et de la parole pour nous accointer et fraterniser davantage, et faire, par la commune et mutuelle déclaration de nos pensées, une communion de nos volontés ; et si elle a tâché par tous moyens de serrer et étreindre si fort le nœud de notre alliance et société ; si elle a montré, en toutes choses, qu'elle ne voulait pas tant nous faire tous unis que tous uns, il ne faut pas faire doute que nous ne soyons naturellement libres, puisque nous sommes tous compagnons, et ne peut tomber en l'entendement de personne que nature ait mis aucun en servitude, nous ayant tous mis en compagnie.

Mais, à la vérité, c'est bien pour néant de débattre si la liberté est naturelle, puisqu'on ne peut tenir aucun en servitude sans lui faire tort, et qu'il n'y a rien si contraire au monde à la nature, étant toute raisonnable, que l'injure. Reste donc la liberté être naturelle, et par même moyen, à mon avis, que nous ne sommes pas nés seulement en possession de notre franchise, mais aussi avec affectation de la défendre. Or, si d'aventure nous nous faisons quelque doute en cela, et sommes tant abâtardis que ne puissions reconnaître nos biens ni semblablement nos naïves affections, il faudra que je vous fasse l'honneur qui vous appartient, et que je monte, par manière de dire, les bêtes brutes en chaire, pour vous enseigner votre nature et condition. Les bêtes, ce maid' Dieu ! si les hommes ne font trop les sourds, leur crient : Vive liberté !

Plusieurs en y a d'entre elles qui meurent aussitôt qu'elles sont prises : comme le poisson quitte la vie aussitôt que l'eau, pareillement celles-là quittent la lumière et ne veulent point survivre à leur naturelle franchise. Si les animaux avaient entre eux quelques prééminences, ils feraient de celles-là leur noblesse. Les autres, des plus grandes jusqu'aux plus petites, lorsqu'on les prend, font si grande résistance d'ongles, de cornes, de bec et de pieds, qu'elles déclarent assez combien elles tiennent cher ce qu'elles perdent ; puis, étant prises, elles nous donnent tant de signes apparents de la connaissance qu'elles ont de leur malheur, qu'il est bel à voir que ce leur est plus languir que vivre, et qu'elles continuent leur vie plus pour plaindre leur aise perdue que pour se plaire en servitude. Que veut dire autre chose l'éléphant qui, s'étant défendu jusqu'à n'en pouvoir plus, n'y voyant plus d'ordre, étant sur le point d'être pris, il enfonce ses mâchoires et casse ses dents contre les arbres, sinon que le grand désir qu'il a de demeurer libre, ainsi qu'il est, lui fait de l'esprit et l'avise de marchander avec les chasseurs si, pour le prix de ses dents, il en sera quitte, et s'il sera reçu de bailler son ivoire et payer cette rançon pour sa liberté ? Nous apprêtons le cheval dès lors qu'il est né pour l'appriivoiser à servir ; et si ne le savons-nous si bien flatter que, quand ce vient à le dompter, il ne morde le frein, qu'il ne rue contre l'éperon, comme (ce semble) pour montrer à la nature et témoigner au moins par là que, s'il sert, ce n'est pas de son gré, ainsi par notre contrainte. Que faut-il donc dire ?

*Même les bœufs sous le poids du joug geignent,  
Et les oiseaux dans la cage se plaignent,*

comme j'ai dit autrefois, passant le temps à nos rimes françaises <sup>(1)</sup> ; car je ne craindrai point, écrivant à toi, ô Longa <sup>(2)</sup>, mêler de mes vers, desquels je ne lis jamais que, pour le semblant que tu fais de t'en contenter, tu ne m'en fasses tout glorieux. Ainsi donc, puisque toutes choses qui ont sentiment, dès lors qu'elles l'ont, sentent le mal de la sujétion et courent après la liberté, puisque les bêtes, qui encore sont faites pour le service de l'homme, ne se peuvent accoutumer à servir qu'avec protestation d'un désir contraire, quel malencontre a été cela qui a pu tant dénaturer l'homme, seul né, de vrai, pour vivre franchement, et lui faire perdre la souvenance de son premier être et le désir de le reprendre ?

Il y a trois sortes de tyrans <sup>(1)</sup> : les uns ont le royaume par élection du peuple,

les autres par la force des armes, les autres par succession de leur race. Ceux qui les ont acquis par le droit de la guerre, ils s'y portent ainsi qu'on connaît bien qu'ils sont (comme l'on dit) en terre de conquête. Ceux-là qui naissent rois ne sont pas communément guère meilleurs, ainsi étant nés et nourris dans le sein de la tyrannie, tirent avec le lait la nature du tyran, et font état des peuples qui sont sous eux comme de leurs serfs héréditaires ; et, selon la complexion de laquelle ils sont plus enclins, avares ou prodigues, tels qu'ils sont, ils font du royaume comme de leur héritage. Celui à qui le peuple a donné l'état devrait être, ce me semble, plus insupportable, et le serait, comme je crois, n'était que dès lors qu'il se voit élevé par-dessus les autres, flatté par je ne sais quoi qu'on appelle la grandeur, il délibère de n'en bouger point ; communément celui-là fait état de rendre à ses enfants la puissance que le peuple lui a laissée : et dès lors que ceux-là ont pris cette opinion, c'est chose étrange de combien ils passent en toutes sortes de vices et même en la cruauté, les autres tyrans, ne voyant autres moyens pour assurer la nouvelle tyrannie que d'êtreindre si fort la servitude et étranger tant leurs sujets de la liberté, qu'encore que la mémoire en soit fraîche, ils la leur puissent faire perdre. Ainsi, pour en dire la vérité, je vois bien qu'il y a entre eux quelque différence, mais de choix, je n'y en vois point ; et étant les moyens de venir aux règnes divers, toujours la façon de régner est quasi semblable : les élus, comme s'ils avaient pris des taureaux à dompter, ainsi les traitent-ils ; les conquérants en font comme de leur proie ; les successeurs pensent d'en faire ainsi que de leurs naturels esclaves.

Mais à propos, si d'aventure il naissait aujourd'hui quelques gens tout neufs, ni accoutumés à la sujétion, ni affriandés à la liberté, et qu'ils ne sussent que c'est ni de l'un ni de l'autre, ni à grand peine des noms ; si on leur présentait ou d'être serfs, ou vivre francs, selon les lois desquelles ils ne s'accorderaient : il ne faut pas faire doute qu'ils n'aimassent trop mieux obéir à la raison seulement que servir à un homme ; sinon, possible, que ce fussent ceux d'Israël, qui, sans contrainte ni aucun besoin, se firent un tyran : duquel peuple je ne lis jamais l'histoire que je n'en aie trop grand dépit, et quasi jusqu'à en devenir inhumain pour me réjouir de tant de maux qui leur en advinrent. Mais certes tous les hommes, tant qu'ils ont quelque chose d'homme, devant qu'ils se laissent assujétir, il faut l'un des deux, qu'ils soient contraints ou déçus : contraints par des armes étrangères, comme

Sparte ou Athènes par les forces d'Alexandre, ou par les factions, ainsi que la seigneurie d'Athènes était devant venue entre les mains de Pisistrate. Par tromperie perdent-ils souvent la liberté, et, en ce, ils ne sont pas si souvent séduits par autrui comme ils sont trompés par eux-mêmes : ainsi le peuple de Syracuse, la maîtresse ville de Sicile (on me dit qu'elle s'appelle aujourd'hui Saragousse), étant pressé par les guerres, inconsidérément ne mettant ordre qu'au danger présent, éleva Denis, le premier tyran, et lui donna la charge de la conduite de l'armée, et ne se donna garde qu'il l'eût fait si grand que cette bonne pièce-là, revenant victorieux, comme s'il n'eût pas vaincu ses ennemis mais ses citoyens, se fit de capitaine roi, et de roi tyran. Il n'est pas croyable comme le peuple, dès lors qu'il est assujetti, tombe si soudain en un tel et si profond oubli de la franchise, qu'il n'est pas possible qu'il se réveille pour la ravoir, servant si franchement et tant volontiers qu'on dirait, à le voir, qu'il a non pas perdu sa liberté, mais gagné sa servitude. Il est vrai qu'au commencement on sert contraint et vaincu par la force ; mais ceux qui viennent après servent sans regret et font volontiers ce que leurs devanciers avaient fait par contrainte. C'est cela, que les hommes naissant sous le joug, et puis nourris et élevés dans le servage, sans regarder plus avant, se contentent de vivre comme ils sont nés, et ne pensent point avoir autre bien ni autre droit que ce qu'ils ont trouvé, ils prennent pour leur naturel l'état de leur naissance. Et toutefois il n'est point d'héritier si prodigue et nonchalant que quelquefois ne passe les yeux sur les registres de son père, pour voir s'il jouit de tous les droits de sa succession, ou si l'on n'a rien entrepris sur lui ou son prédécesseur. Mais certes la coutume, qui a en toutes choses grand pouvoir sur nous, n'a en aucun endroit si grande vertu qu'en ceci, de nous enseigner à servir et, comme l'on dit de Mithridate qui se fit ordinaire à boire le poison, pour nous apprendre à avaler et ne trouver point amer le venin de la servitude. L'on ne peut pas nier que la nature n'ait en nous bonne part, pour nous tirer là où elle veut et nous faire dire bien ou mal nés ; mais si faut il confesser qu'elle a en nous moins de pouvoir que la coutume : pour ce que le naturel, pour bon qu'il soit, se perd s'il n'est entretenu ; et la nourriture nous fait toujours de sa façon, comment que ce soit, malgré la nature. Les semences de bien que la nature met en nous sont si menues et glissantes qu'elles ne peuvent endurer le moindre heurt de la nourriture contraire ; elles ne s'entretiennent pas si aisément comme elles s'abâtardissent, se fondent et viennent à rien : ni plus ni moins que les arbres fruitiers, qui ont bien tous

quelque naturel à part, lequel ils gardent bien si on les laisse venir, mais ils le laissent aussitôt pour porter d'autres fruits étrangers et non les leurs, selon qu'on les ente. Les herbes ont chacune leur propriété, leur naturel et singularité ; mais toutefois le gel, le temps, le terroir ou la main du jardinier y ajoutent ou diminuent beaucoup de leur vertu : la plante qu'on a vue en un endroit, on est ailleurs empêché de la reconnaître. Qui verrait les Vénitiens, une poignée de gens vivant si librement que le plus méchant d'entre eux ne voudrait pas être le roi de tous, ainsi nés et nourris qu'ils ne reconnaissent point d'autre ambition sinon à qui mieux avisera et plus soigneusement prendra garde à entretenir la liberté, ainsi appris et faits dès le berceau qu'ils ne prendraient point tout le reste des félicités de la terre pour perdre le moindre de leur franchise ; qui aura vu, dis-je, ces personnages-là, et au partir de là s'en ira aux terres de celui que nous appelons Grand Seigneur, voyant là des gens qui ne veulent être nés que pour le servir, et qui pour maintenir sa puissance abandonnent leur vie, penserait-il que ceux-là et les autres eussent un même naturel, ou plutôt s'il n'estimerait pas que, sortant d'une cité d'hommes, il était entré dans un parc de bêtes <sup>(1)</sup> ? Lycurgue, le policier de Sparte, avait nourri, ce dit-on, deux chiens, tous deux frères, tous deux allaités de même lait, l'un engraisé en la cuisine, l'autre accoutumé par les champs au son de la trompe et du huchet, voulant montrer au peuple lacédémonien que les hommes sont tels que la nourriture les fait, mit les deux chiens en plein marché, et entre eux une soupe et un lièvre : l'un courut au plat et l'autre au lièvre. « Toutefois, dit-il, si sont-ils frères ». Donc celui-là, avec ses lois et sa police, nourrit et fit si bien les Lacédémoniens, que chacun d'eux eut plus cher de mourir de mille morts que de reconnaître autre seigneur que le roi et la raison.

Je prends plaisir de ramentevoir un propos que tinrent jadis un des favoris de Xerxès, le grand roi des Persans, et deux Lacédémoniens. Quand Xerxès faisait les appareils de sa grande armée pour conquérir la Grèce, il envoya ses ambassadeurs par les cités grégeoises demander de l'eau et de la terre : c'était la façon que les Persans avaient de sommer les villes de se rendre à eux. À Athènes ni à Sparte n'envoya-t-il point, pour ce que ceux que Daire, son père, y avait envoyés, les Athéniens et les Spartiens en avaient jeté les uns dedans les fosses, les autres dans les puits, leur disant qu'ils prissent hardiment de là de l'eau et de la terre pour porter à leur prince : ces gens ne pouvaient souffrir

que, de la moindre parole seulement, on touchât à leur liberté. Pour en avoir ainsi usé, les Spartains connurent qu'ils avaient encouru la haine des dieux, même de Talhybie, le dieu des hérauts : ils s'avisèrent d'envoyer à Xerxès, pour les apaiser, deux de leurs citoyens, pour se présenter à lui, qu'il fût d'eux à sa guise, et se payât de là pour les ambassadeurs qu'ils avaient tués à son père. Deux Spartains, l'un nommé Sperte et l'autre Bulis, s'offrirent à leur gré pour aller faire ce paiement. De fait ils y allèrent, et en chemin ils arrivèrent au palais d'un Persan qu'on nommait Indarne, qui était lieutenant du roi en toutes les villes d'Asie qui sont sur les côtes de la mer. Il les accueillit fort honorablement et leur fit grande chère, et, après plusieurs propos tombant de l'un de l'autre, il leur demanda pourquoi ils refusaient tant l'amitié du roi. « Voyez, dit-il, Spartains, et connaissez par moi comment le roi sait honorer ceux qui le valent, et pensez que si vous étiez à lui, il vous ferait de même : si vous étiez à lui et qu'il vous eût connu, il n'y a celui d'entre vous qui ne fût seigneur d'une ville de Grèce. — En ceci, Indarne, tu ne nous saurais donner bon conseil, dirent les Lacédémoniens, pour ce que le bien que tu nous promets, tu l'as essayé, mais celui dont nous jouissons, tu ne sais que c'est : tu as éprouvé la faveur du roi ; mais de la liberté, quel goût elle a, combien elle est douce, tu n'en sais rien. Or, si tu en avais tâté, toi-même nous conseillerais-tu la défendre, non pas avec la lance et l'écu, mais avec les dents et les ongles. » Le seul Spartain disait ce qu'il fallait dire, mais certes et l'un et l'autre parlait comme il avait été nourri ; car il ne se pouvait faire que le Persan eût regret à la liberté, ne l'ayant jamais eue, ni que le Lacédémonien endurât la sujétion, ayant goûté la franchise.

Caton l'Uticain, étant encore enfant et sous la verge, allait et venait souvent chez Sylla le dictateur, tant pour ce qu'à raison du lieu et maison dont il était, on ne lui refusait jamais la porte, qu'aussi ils étaient proches parents. Il avait toujours son maître quand il y allait, comme ont accoutumé les enfants de bonne maison. Il s'aperçut que, dans l'hôtel de Sylla, en sa présence ou par son consentement, on emprisonnait les uns, on condamnait les autres ; l'un était banni, l'autre étranglé ; l'un demandait la confiscation d'un citoyen, l'autre la tête ; en somme, tout y allait non comme chez un officier de ville, mais comme chez un tyran de peuple, et c'était non pas un parquet de justice, mais un ouvroir de tyrannie. Si dit lors à son maître ce jeune gars : « Que ne me donnez-vous un poignard ? Je le cacherai sous ma robe : j'entre souvent

dans la chambre de Sylla avant qu'il soit levé, j'ai le bras assez fort pour en dépêcher la ville. » Voilà certes une parole vraiment appartenant à Caton : c'était un commencement de ce personnage, digne de sa mort. Et néanmoins qu'on ne die ni son nom ni son pays, qu'on conte seulement le fait tel qu'il est, la chose même parlera et jugera l'on, à belle aventure, qu'il était Romain et né dedans Rome, et lors qu'elle était libre. À quel propos tout ceci ? Non pas certes que j'estime que le pays ni le terroir y fassent rien, car en toutes contrées, en tout air, est amère la sujétion et plaisant d'être libre ; mais parce que je suis d'avis qu'on ait pitié de ceux qui, en naissant, se sont trouvés le joug sous le col, ou bien que si on les excuse, ou bien qu'on leur pardonne, si, n'ayant vu seulement l'ombre de la liberté et n'en étant point avertis, ils ne s'aperçoivent point du mal que ce leur est d'être esclaves. S'il y avait quelque pays, comme dit Homère des Cimmériens, où le soleil se montre autrement qu'à nous, et après leur avoir éclairé six mois continuels, il les laisse sommeillants dans l'obscurité sans les venir revoir de l'autre demie année, ceux qui naîtraient pendant cette longue nuit, s'ils n'avaient pas ouï parler de la clarté, s'ébahiraient ou si, n'ayant point vu de jour, ils s'accoutumaient aux ténèbres où ils sont nés, sans désirer la lumière ? On ne plaint jamais ce que l'on n'a jamais eu, et le regret ne vient point sinon qu'après le plaisir, et toujours est, avec la connaissance du mal, la souvenance de la joie passée. La nature de l'homme est bien d'être franc et de le vouloir être, mais aussi sa nature est telle que naturellement il tient le pli que la nourriture lui donne.

Disons donc ainsi, qu'à l'homme toutes choses lui sont comme naturelles, à quoi il se nourrit et accoutume ; mais cela seulement lui est naïf, à quoi la nature simple et non altérée l'appelle : ainsi la première raison de la servitude volontaire, c'est la coutume : comme des plus braves courtauds, qui au commencement mordent le frein et puis s'en jouent, et là où naguères ruaient contre la selle, ils se parent maintenant dans les harnais et tout fiers se gorgiassent sous la barde <sup>(1)</sup>. Ils disent qu'ils ont été toujours sujets, que leurs pères ont ainsi vécu ; ils pensent qu'ils sont tenus d'endurer le mal et se font accroire par exemple, et fondent eux-mêmes sous la longueur du temps la possession de ceux qui les tyrannisent ; mais pour vrai, les ans ne donnent jamais droit de mal faire, ainsi agrandissent l'injure. Toujours s'en trouve il quelques-uns, mieux nés que les autres, qui sentent le poids du joug et ne se peuvent tenir de le secouer ; qui ne s'appriivoisent jamais de la sujétion et qui



toujours, comme Ulysse, qui par mer et par terre cherchait toujours de voir de la fumée de sa case, ne se peuvent tenir d'aviser à leurs naturels privilèges et de se souvenir de leurs prédécesseurs et de leur premier être ; ceux sont volontiers ceux-là qui, ayant l'entendement net et l'esprit clairvoyant, ne se contentent pas comme le gros populas, de regarder ce qui est devant leurs pieds s'ils n'avisent et derrière et devant et ne remémorent encore les choses passées pour juger de celles du temps à venir et pour mesurer les présentes ; ce sont ceux qui, ayant la tête d'eux-mêmes bien faite, l'ont encore polie par l'étude et le savoir. Ceux-là, quand la liberté serait entièrement perdue et toute hors du monde, l'imaginent et la sentent en leur esprit, et encore la savourent, et la servitude ne leur est de goût, pour tant bien qu'on l'accoutre.

Le grand Turc s'est bien avisé de cela, que les livres et la doctrine donnent, plus que toute autre chose, aux hommes le sens et l'entendement de se reconnaître et d'haïr la tyrannie ; j'entends qu'il n'a en ses terres guère de gens savants ni n'en demande. Or, communément, le bon zèle et affection de ceux qui ont gardé malgré le temps la dévotion à la franchise, pour si grand nombre qu'il y en ait, demeure sans effet pour ne s'entreconnaître point : la liberté leur est toute ôtée, sous le tyran, de faire, de parler et quasi de penser ; ils deviennent tous singuliers en leurs fantaisies. Donc, Momes, le dieu moqueur, ne se moqua pas trop quand il trouva cela à redire en l'homme que Vulcain avait fait, de quoi il ne lui avait mis une petite fenêtré au cœur, afin que par là on put voir ses pensées. L'on voulsit bien dire que Brute et Casse, lorsqu'ils entreprirent la délivrance de Rome, ou plutôt de tout le monde, ne voulurent pas que Cicéron, ce grand zéléteur du bien public s'il en fut jamais, fut de la partie, et estimèrent son cœur trop faible pour un fait si haut : ils se fiaient bien de sa volonté, mais ils ne s'assuraient point de son courage. Et toutefois, qui voudra discourir les faits du temps passé et les annales anciennes, il s'en trouvera peu ou point de ceux qui voyant leur pays mal mené et en mauvaises mains, aient entrepris d'une intention bonne, entière et non feinte, de le délivrer, qui n'en soient venus à bout, et que la liberté, pour se faire paraître, ne se soit elle-même fait épauale. Harmode, Aristogiton, Thrasybule, Brute le vieux, Valère et Dion, comme ils l'ont vertueusement pensé, l'exécutèrent heureusement ; en tel cas, quasi jamais à bon vouloir ne défend la fortune. Brute le jeune et Casse ôtèrent bien heureusement la servitude, mais en ramenant la liberté ils moururent : non pas misérablement

(car quel blasphème serait-ce de dire qu'il y ait eu rien de misérable en ces gens-là, ni en leur mort, ni en leur vie ?) mais certes au grand dommage, perpétuel malheur et entière ruine de la république, laquelle fut, comme il semble, enterrée avec eux. Les autres entreprises qui ont été faites depuis contre les empereurs romains n'étaient que conjurations de gens ambitieux, lesquels ne sont pas à plaindre des inconvénients qui leur en sont advenus, étant bel à voir qu'ils désiraient, non pas ôter, mais remuer la couronne, prétendant chasser le tyran et retenir la tyrannie. À ceux-ci je ne voudrais pas moi-même qu'il leur en fut bien succédé, et suis content qu'ils aient montré, par leur exemple, qu'il ne faut pas abuser du saint nom de liberté pour faire mauvaise entreprise.

Mais pour revenir à notre propos, duquel je m'étais quasi perdu, la première raison pourquoi les hommes servent volontiers, est pour ce qu'ils naissent serfs et sont nourris tels. De celle-ci en vient une autre, qu'aisément les gens deviennent, sous les tyrans, lâches et efféminés : dont je sais merveilleusement bon gré à Hyppocras, le grand-père de la médecine, qui s'en est pris garde, et l'a ainsi dit en l'un de ses livres qu'il institue *Des maladies* <sup>(1)</sup>. Ce personnage avait certes en tout le cœur en bon lieu, et le montra bien lorsque le Grand Roi le voulut attirer près de lui à force d'offres et grands présents, il lui répondit franchement qu'il ferait grand conscience de se mêler de guérir les Barbares qui voulaient tuer les Grecs, et de bien servir, par son art à lui, qui entreprenait d'asservir la Grèce. La lettre qu'il lui envoya se voit encore aujourd'hui parmi ses autres œuvres, et témoignera pour jamais de son bon cœur et de sa noble nature. Or, est-il donc certain qu'avec la liberté se perd tout en un coup la vaillance. Les gens sujets n'ont point d'allégresse au combat ni d'âpreté : ils vont au danger quasi comme attachés et tous engourdis, par manière d'acquiescement, et ne sentent point bouillir dans leur cœur l'ardeur de la franchise qui fait mépriser le péril et donne envie d'acheter, par une belle mort entre ses compagnons, l'honneur et la gloire. Entre les gens libres, c'est à l'envi à qui mieux mieux, chacun pour le bien commun, chacun pour soi, ils s'attardent d'avoir tous leur part au mal de la défaite ou au bien de la victoire ; mais les gens asservis, outre ce courage guerrier, ils perdent aussi en toutes autres choses la vivacité, et ont le cœur bas et mol et incapable de toutes choses grandes. Les tyrans connaissent bien cela, et, voyant qu'ils prennent ce pli, pour les faire mieux avachir, encore ils

aident-ils.

Xénophon, historien grave et du premier rang entre les Grecs, a fait un livre auquel il fait parler Simonide avec Hiéron, tyran de Syracuse, des misères du tyran. Ce livre est plein de bonnes et graves remontrances, et qui ont aussi bonne grâce, à mon avis, qu'il est possible. Que plutôt à Dieu que les tyrans qui ont jamais été l'eussent mis devant les yeux et s'en fussent servi de miroir ! Je ne puis pas croire qu'ils n'eussent reconnu leurs verrues et eu quelque honte de leurs taches. En ce traité il conte la peine en quoi sont les tyrans, qui sont contraints, faisant mal à tous, se craindre de tous. Entre autres choses, il dit cela, que les mauvais rois se servent d'étrangers à la guerre et les soudoient, ne s'osant fier de mettre à leurs gens, à qui ils ont fait tort, les armes en main. (Il y a bien eu de bons rois qui ont eu à leur solde des nations étrangères, comme les Français mêmes, et plus encore d'autrefois qu'aujourd'hui, mais à une autre intention, pour garder des leurs, n'estimant rien le dommage de l'argent pour épargner les hommes. C'est ce que disait Scipion, ce crois-je, le grand Africain, qu'il aimerait mieux avoir sauvé un citoyen que défait cent ennemis.) Mais, certes, cela est bien assuré, que le tyran ne pense jamais que la puissance lui soit assurée, sinon quand il est venu à ce point qu'il n'a sous lui homme qui vaille : donc à bon droit lui dire on cela, que Thrason en Térence se vante avoir reproché au maître des éléphants :

*Pour cela si brave vous êtes  
Que vous avez charge des bêtes.*

Mais cette ruse de tyrans d'abêtir leurs sujets ne se peut pas connaître plus clairement que Cyrus fit envers les Lydiens, après qu'il se fut emparé de Sardis, la maîtresse ville de Lydie, et qu'il eut pris à merci Crésus, ce tant riche roi, et l'eut amené quand et soi : on lui apporta nouvelles que les Sardains s'étaient révoltés ; il les eut bientôt réduits sous sa main ; mais, ne voulant pas ni mettre à sac une tant belle ville, ni être toujours en peine d'y tenir une armée pour la garder, il s'avisa d'un grand expédient pour s'en assurer : il y établit des bordaux, des tavernes et jeux publics, et fit publier une ordonnance que les habitants eussent à en faire état. Il se trouva si bien de cette garnison que jamais depuis contre les Lydiens il ne fallut tirer un coup d'épée. Ces pauvres et misérables gens s'amusèrent à inventer toutes sortes de jeux, si bien que les Latins en ont tiré leur mot, et ce que nous

appelons *passé-temps*, ils l'appellent ludi, comme s'ils voulaient dire Lydi. Tous les tyrans n'ont pas ainsi déclarés exprès qu'ils voulsissent efféminer leurs gens ; mais, pour vrai, ce que celui ordonna formellement et en effet, sous main ils l'ont pourchassé la plupart. À la vérité, c'est le naturel du mérite populaire, duquel le nombre est toujours plus grand dedans les villes, qu'il est soupçonneux à l'endroit de celui qui l'aime, et simple envers celui qui le trompe. Ne pensez pas qu'il y ait nul oiseau qui se prenne mieux à la pipée, ni poisson aucun qui, pour la friandise du ver, s'accroche plus tôt dans le haim que tous les peuples s'allèchent vite à la servitude, par la moindre plume qu'on leur passe, comme l'on dit, devant la bouche ; et c'est chose merveilleuse qu'ils se laissent aller ainsi tôt, mais seulement qu'on les chatouille. Les théâtres, les jeux, les farces, les spectacles, les gladiateurs, les bêtes étranges, les médailles, les tableaux et autres telles drogueries, c'étaient aux peuples anciens les appâts de la servitude, le prix de leur liberté, les outils de la tyrannie. Ce moyen, cette pratique, ces allèchements avaient les anciens tyrans, pour endormir leurs sujets sous le joug. Ainsi les peuples, assotés, trouvent beaux ces *passé-temps*, amusés d'un vain plaisir, qui leur passait devant les yeux, s'accoutumaient à servir aussi niaisement, mais plus mal, que les petits enfants qui, pour voir les luisantes images des livres enluminés, apprennent à lire. Les Romains tyrans s'avisèrent encore d'un autre point : de festoyer souvent les dizaines publiques, abusant cette canaille comme il fallait, qui se laisse aller, plus qu'à toute autre chose, au plaisir de la bouche : le plus avisé et entendu d'entre eux n'eut pas quitté son esculée de soupe pour recouvrer la liberté de la république de Platon. Les tyrans faisaient largesse d'un quart de blé, d'un sestier de vin et d'un sesterce ; et lors c'était pitié d'ouïr crier : *Vive le roi !* Les lourdauds ne s'avisèrent pas qu'ils ne faisaient que recouvrer une partie du leur, et que cela même qu'ils recouvraient, le tyran ne leur eut pu donner, si devant il ne l'avait ôté à eux-mêmes. Tel eut amassé aujourd'hui le sesterce, et se fut gorgé au festin public, bénissant Tibère et Néron, et leur belle libéralité qui, le lendemain, étant contraint d'abandonner ses biens à leur avarice, ses enfants à la luxure, son sang même à la cruauté de ces magnifiques empereurs, ne disait mot, non plus qu'une pierre, ne remuait non plus qu'une souche <sup>(1)</sup>. Toujours le populaire a eu cela : il est, au plaisir qu'il ne peut honnêtement recevoir, tout ouvert et dissolu, et, au tort et à la douleur qu'il ne peut honnêtement souffrir, insensible. Je ne vois pas maintenant personne qui, oyant parler de Néron, ne

tremble même au surnom de ce vilain monstre, de cette orde et sale peste du monde ; et toutefois, de celui-là, de ce boutefeu, de ce bourreau, de cette bête sauvage, on peut bien dire qu'après sa mort, aussi vilaine que sa vie, le noble peuple romain en reçut tel déplaisir, se souvenant de ses jeux et de ses festins, qu'il fut sur le point d'en porter le deuil ; ainsi l'a écrit Corneille Tacite, auteur bon et grave, et l'un des plus certains. Ce qu'on ne trouvera pas étrange, vu que ce peuple là même avait fait auparavant à la mort de Jules César, qui donna congé aux lois et à la liberté, auquel personnage il n'y eut, ce me semble, rien qui vaille, car son humanité même, que l'on prêche tant, fut plus dommageable que la cruauté du plus sauvage tyran qui fut oncques, pour ce qu'à la vérité ce fut cette sienne venimeuse douceur qui, envers le peuple romain, sucra la servitude ; mais, après sa mort, ce peuple-là, qui avait encore en la bouche ses banquets et en l'esprit la souvenance de ses prodigalités, pour lui faire ses honneurs et le mettre en cendre, amoncelait à l'envi les bancs de la place, et puis lui éleva une colonne, comme au Père du peuple (ainsi le portait le chapiteau), et lui fit plus d'honneur, tout mort qu'il était, qu'il n'en devait faire par droit à homme du monde, si ce n'était par aventure à ceux qui l'avaient tué. Ils n'oublièrent pas aussi cela, les empereurs romains, de prendre communément le titre de tribun du peuple, tant pour que ce que cet office était tenu pour saint et sacré qu'aussi il était établi pour la défense et protection du peuple, et sous la faveur de l'État. Par ce moyen, ils s'assuraient que le peuple se fierait plus d'eux, comme s'il devait en ouïr le nom, et non pas sentir les effets au contraire. Aujourd'hui ne font pas beaucoup mieux ceux qui ne font guère mal aucun, même de conséquence, qu'ils ne passent devant quelque joli propos du bien public et soulagement commun : car tu sais bien, ô Longa, le formulaire, duquel en quelques endroits ils pourraient user assez finement ; mais, à la plupart, certes, il n'y peut avoir de finesse là où il y a tant d'impudence. Les rois d'Assyrie, et encore après eux ceux de Méde, ne se présentaient en public que le plus tard qu'ils pouvaient, pour mettre en doute ce populas s'ils étaient en quelque chose plus qu'hommes, et laisser en cette rêverie les gens qui font volontiers les imaginatifs aux choses desquelles ils ne peuvent juger de vue. Ainsi tant de nations, qui furent assez longtemps sous cet empire assyrien, avec ce mystère s'accoutumaient à servir et servaient plus volontiers, pour ne savoir pas quel maître ils avaient, ni à grand'peine s'ils en avaient, et craignaient tous, à crédit, un que personne jamais n'avait vu. Les premiers

rois d'Égypte ne se montraient guère, qu'ils ne portassent tantôt un chat, tantôt une branche, tantôt du feu sur la tête ; et, ce faisant, par l'étrangeté de la chose ils donnaient à leurs sujets quelque révérence et admiration, où, aux gens qui n'eussent été trop sots ou trop asservis, ils n'eussent apprêté, ce m'est avis, sinon passe-temps et risée. C'est pitié d'ouïr parler de combien de choses les tyrans du temps passé faisaient leur profit pour fonder leur tyrannie ; de combien de petits moyens ils se servaient, ayant de tout temps trouvé ce populas fait à leur poste, auquel il ne savait si mal tendre filet qu'ils n'y vinssent prendre lequel ils ont toujours trompé à si bon marché qu'ils ne l'assujettissaient jamais tant que lorsqu'ils s'en moquaient le plus.

Que dirai-je d'une autre belle bourde que les peuples anciens prindrent pour argent comptant ? Ils crurent fermement que le gros doigt de Pyrrhe, roi des Épirotes, faisait miracles et guérissait les malades de la rate ; ils enrichirent encore mieux le conte, que ce doigt, après qu'on eut brûlé tout le corps mort, s'était trouvé entre les cendres, s'étant sauvé, malgré le feu. Toutefois ainsi le peuple sot fait lui-même les mensonges, pour puis après les croire. Prou de gens l'ont ainsi écrit, mais de façon qu'il est bel à voir qu'ils ont amassé cela des bruits de ville et du vain parler du populas. Vespasien, revenant d'Assyrie et passant à Alexandrie pour aller à Rome, s'emparer de l'empire, fit merveilles : il adressait les boiteux, il rendait clairvoyants les aveugles, et tout plein d'autres belles choses auxquelles qui ne pouvait voir la faute qu'il y avait, il était à mon avis plus aveugle que ceux qu'il guérissait. Les tyrans même trouvaient bien étrange que les hommes pussent endurer un homme leur faisant mal ; ils voulaient fort se mettre la religion devant pour gardecorps, et, s'il était possible, emprunter quelque échantillon de la divinité pour le maintien de leur méchante vie. Donc Salmonée, si l'on croit à la sibylle de Virgile en son enfer, pour s'être ainsi moquée des gens et avoir voulu faire du Jupiter, en rend maintenant compte, et elle le vit en l'arrière-enfer,

*Souffrant cruels tourments, pour vouloir imiter  
Les tonnerres du ciel, et feux de Jupiter,  
Dessus quatre coursiers, celui allait, branlant,  
Haut monté, dans son poing un grand flambeau brillant.  
Par les peuples grégeois et dans le plein marché,  
Dans la ville d'Élide haut il avait marché*

*Et faisant sa bravade ainsi entreprenait  
Sur l'honneur qui, sans plus, aux dieux appartenait.  
L'insensé, qui l'orage et foudre inimitable  
Contrefaisait, d'airain, et d'un cours effroyable  
De chevaux cornepieds, le Père tout puissant ;  
Lequel, bientôt après, ce grand mal punissant,  
Lança, non un flambeau, non pas une lumière  
D'une torche de cire, avecque sa fumière,  
Et de ce rude coup d'une horrible tempête,  
Il le porta à bas, les pieds par-dessus tête (1).*

Si celui qui ne faisait que le sot est à cette heure bien traité là-bas, je crois que ceux qui ont abusé de la religion, pour être méchants, s'y trouvent encore à meilleures enseignes.

Les nôtres semèrent en France je ne sais quoi de tel, des crapauds, des fleurs de lis, l'ampoule et l'oriflamme. Ce que de ma part, comment qu'il en soit, je ne veux pas mécroire, puisque nous ni nos ancêtres n'avons eu jusqu'ici aucune occasion de l'avoir mécréu, ayant toujours eu des rois si bons en la paix et si vaillants en la guerre, qu'encore qu'ils naissent rois, il semble qu'ils ont été non pas faits comme les autres par la nature, mais choisis par le Dieu tout-puissant, avant que naître, pour le gouvernement et la conservation de ce royaume ; et encore, quand cela n'y serait pas, si ne voudrais-je pas pour cela entrer en lice pour débattre la vérité de nos histoires, ni les éplucher si privément, pour ne tollir ce bel ébat, où se pourra fort escrimer notre poésie française, maintenant non pas accoutrée, mais, comme il semble, faite toute à neuf par notre Ronsard, notre Baïf, notre du Bellay, qui en cela avancent bien tant notre langue, que j'ose espérer que bientôt les Grecs ni les Latins n'auront guère, pour ce regard, devant nous, sinon, possible, le droit d'aïnesse. Et certes je ferais grand tort à notre rime, car j'use volontiers de ce mot, et il ne me déplaît point pour ce qu'encore que plusieurs l'eussent rendue mécanique, toutefois je vois assez de gens qui sont à même pour la rennoblir et lui rendre son premier honneur ; mais je lui ferais, dis-je, grand tort de lui ôter maintenant ces beaux contes du roi Clovis, auxquels déjà je vois, ce me semble, combien plaisamment, combien à son aise s'y égayera la veine de notre Ronsard, en sa *Franciade* (1). J'entends la portée, je connais l'esprit aigu, je sais la grâce de l'homme : il fera ses besognes de l'oriflamb

aussi bien que les Romains de leurs ancilles

*et les boucliers du ciel en bas jettés,*

ce dit Virgile ; il ménagera notre ampoule aussi bien que les Athéniens le panier d'Erichtone <sup>(2)</sup> ; il fera parler de nos armes aussi bien qu'eux de leur olive qu'ils maintiennent être encore en la tour de Minerve. Certes je serais outrageux de vouloir démentir nos livres et de courir ainsi sur les erres de nos poètes. Mais pour retourner d'où, je ne sais comment, j'avais détourné le fil de mon propos, il n'a jamais été que les tyrans, pour s'assurer, ne se soient efforcés d'accoutumer le peuple envers eux, non seulement à obéissance et servitude, mais encore à dévotion. Donc ce que j'ai dit jusques ici, qui apprend les gens à servir plus volontiers, ne sert guère aux tyrans que pour le menu et grossier peuple.

Mais maintenant je viens à un point, lequel est à mon avis le ressort et le secret de la domination, le soutien et fondement de la tyrannie. Qui pense que les hallebardes, les gardes et l'assiette du guet garde les tyrans, à mon jugement se trompe fort ; et s'en aident-ils, comme je crois, plus pour la formalité et épouvantail que pour fiance qu'ils y aient. Les archers gardent d'entrer au palais les mal habillés qui n'ont nul moyen, non pas les bien armés qui peuvent faire quelque entreprise <sup>(1)</sup>. Certes, des empereurs romains il est aisé à compter qu'il n'y en a pas eu tant qui aient échappé quelque danger par le secours de leurs gardes, comme de ceux qui ont été tués par leurs archers mêmes. Ce ne sont pas les bandes des gens à cheval, ce ne sont pas les compagnies des gens de pied, ce ne sont pas les armes qui défendent le tyran. On ne le croira pas du premier coup, mais certes il est vrai : ce sont toujours quatre ou cinq qui maintiennent le tyran, quatre ou cinq qui tiennent tout le pays en servage. Toujours il a été que cinq ou six ont eu l'oreille du tyran, et s'y sont approchés d'eux-mêmes, ou bien ont été appelés par lui, pour être les complices de ses cruautés, les compagnons de ses plaisirs, les maquereaux de ses voluptés, et communs aux biens de ses pilleries. Ces six adressent si bien leur chef, qu'il faut, pour la société, qu'il soit méchant, non pas seulement par ses méchancetés, mais encore des leurs. Ces six ont six cents qui profitent sous eux, et font de leurs six cents ce que les six font au tyran. Ces six cents en tiennent sous eux six mille, qu'ils ont élevé en état, auxquels ils font donner ou le gouvernement des provinces, ou le maniement



des deniers, afin qu'ils tiennent la main à leur avarice et cruauté et qu'ils l'exécutent quand il sera temps, et fassent tant de maux d'ailleurs qu'ils ne puissent durer que sous leur ombre, ni s'exempter que par leur moyen des lois et de la peine. Grande est la suite qui vient après cela, et qui voudra s'amuser à dévider ce filet, il verra que, non pas les six mille, mais les cent mille, mais les millions, par cette corde, se tiennent au tyran, s'aident d'icelle comme, en Homère, Jupiter qui se vante, s'il tire la chaîne, d'emmener vers soi tous les dieux. De là venait la crue du Sénat sous Jules, l'établissement de nouveaux États, érection d'offices ; non pas certes à le bien prendre, réformation de la justice, mais nouveaux soutiens de la tyrannie. En somme que l'on en vient là, par les faveurs ou sous-faveurs, les gains ou regains qu'on a avec les tyrans, qu'il se trouve enfin quasi autant de gens auxquels la tyrannie semble être profitable, comme de ceux à qui la liberté serait agréable. Tout ainsi que les médecins disent qu'en notre corps, s'il y a quelque chose de gâté, dès lors qu'en autre endroit il s'y bouge rien, il se vient aussitôt rendre vers cette partie véreuse : pareillement, dès lors qu'un roi s'est déclaré tyran, tout le mauvais, toute la lie du royaume, je ne dis pas un tas de larroneaux et essorillés, qui ne peuvent guère en une république faire mal ni bien, mais ceux qui sont tâchés d'une ardente ambition et d'une notable avarice, s'amassent autour de lui et le soutiennent pour avoir part au butin, et être, sous le grand tyran, tyranneaux eux-mêmes. Ainsi font les grands voleurs et les fameux corsaires : les uns découvrent le pays, les autres chevalent les voyageurs ; les uns sont en embûche, les autres au guet ; les autres massacrent, les autres dépouillent, et encore qu'il y ait entre eux des prééminences, et que les uns ne soient que valets, les autres chefs de l'assemblée, si n'y en a-il à la fin pas un qui ne se sente sinon du principal butin, au moins de la recherche. On dit bien que les pirates siciliens ne s'assemblèrent pas seulement en si grand nombre, qu'il fallut envoyer contre eux Pompée le grand ; mais encore tirèrent à leur alliance plusieurs belles villes et grandes cités aux hâvres desquelles ils se mettaient en sûreté, revenant des courses, et pour récompense, leur baillaient quelque profit du recèlement de leur pillage.

Ainsi le tyran asservit les sujets les uns par le moyen des autres, et est gardé par ceux desquels, s'ils valaient rien, il se devrait garder ; et, comme on dit, pour fendre du bois il fait des coins du bois même. Voilà ses archers, voilà

ses gardes, voilà ses hallegardiers ; non pas qu'eux-mêmes ne souffrent quelquefois de lui, mais ces perdus et abandonnés de Dieu et des hommes sont contents d'endurer du mal pour en faire, non pas à celui qui leur en fait, mais à ceux qui en endurent comme eux, et qui n'en peuvent mais. Toutefois, voyant ces gens-là, qui nacquettent <sup>(1)</sup> le tyran pour faire leurs besognes de sa tyrannie et de la servitude du peuple, il me prend souvent ébahissement de leur méchanceté, et quelquefois pitié de leur sottise : car, à dire vrai, qu'est-ce autre chose de s'approcher du tyran que se tirer plus arrière de sa liberté, et par manière de dire serrer à deux mains et embrasser la servitude ? Qu'ils mettent un petit à part leur ambition et qu'ils se déchargent un peu de leur avarice, et puis qu'ils se regardent eux-mêmes et qu'ils se reconnaissent, et ils verront clairement que les villageois, les paysans, lesquels tant qu'ils peuvent ils foulent aux pieds, et en font pis que de forçats ou esclaves, ils verront, dis-je, que ceux-là, ainsi malmenés, sont toutefois, au prix d'eux, fortunés et aucunement libres. Le laboureur et l'artisan, pour tant qu'ils soient asservis, en sont quittes en faisant ce qu'ils ont dit ; mais le tyran voit les autres qui sont près de lui, coquinant et mendiant sa faveur : il ne faut pas seulement qu'ils fassent ce qu'il dit, mais qu'ils pensent ce qu'il veut, et souvent, pour lui satisfaire, qu'ils préviennent encore ses pensées. Ce n'est pas tout à eux que de lui obéir, il faut encore lui complaire ; il faut qu'ils se rompent, qu'ils se tourmentent, qu'ils se tuent à travailler en ses affaires et puis qu'ils se plaisent de son plaisir, qu'ils laissent leur goût pour le sien, qu'ils forcent leur complexion, qu'ils dépouillent leur naturel ; il faut qu'ils se prennent garde à ses paroles, à sa voix, à ses signes et à ses yeux ; qu'ils n'aient ni œil, ni pied, ni main, que tout ne soit au guet pour épier ses volontés et pour découvrir ses pensées. Cela est-ce vivre heureusement ? cela s'appelle-il vivre ? est-il au monde rien moins supportable que cela, je ne dis pas à un homme de cœur, je ne dis pas à un bien né, mais seulement à un qui ait le sens commun, ou, sans plus, la face d'homme ? Quelle condition est plus misérable que de vivre ainsi, qu'on n'aie rien à soi, tenant d'autrui son aise, sa liberté, son corps et sa vie ?

Mais ils veulent servir pour avoir des biens : comme s'ils pouvaient rien gagner qui fût à eux, puisqu'ils ne peuvent pas dire de soi qu'ils soient à eux-mêmes ; et comme si aucun pouvait avoir rien de propre sous un tyran, ils veulent faire que les biens soient à eux, et ne se souviennent pas que ce sont

eux qui lui donnent la force pour ôter tout à tous, et ne laisser rien qu'on puisse dire être à personne. Ils voient que rien ne rend les hommes sujets à sa cruauté que les biens ; qu'il n'y a aucun crime envers lui digne de mort que le dequoi ; qu'il n'aime que les richesses et ne défait que les riches, et ils se viennent présenter, comme devant le boucher, pour s'y offrir ainsi pleins et refaits et lui en faire envie. Ses favoris ne se doivent pas tant souvenir de ceux qui ont gagné autour des tyrans beaucoup de biens comme de ceux qui, ayant quelque temps amassé, puis après y ont perdu et les biens et les vies ; il ne leur doit pas tant venir en l'esprit combien d'autres y ont gagné de richesses, mais combien peu de ceux-là les ont gardées. Qu'on découvre toutes les anciennes histoires, qu'on regarde celles de notre souvenance, et on verra tout à plein combien est grand le nombre de ceux qui, ayant gagné par mauvais moyens l'oreille des princes, ayant ou employé leur mauvaistié ou abusé de leur simplesse, à la fin par ceux-là mêmes ont été anéantis et autant qu'ils y avaient trouvé de facilité pour les élever, autant y ont-ils connu puis après d'inconstance pour les abattre. Certainement en si grand nombre de gens qui se sont trouvés jamais près de tant de mauvais rois, il en a été peu, ou comme point, qui n'aient essayé quelquefois en eux-mêmes la cruauté du tyran qu'ils avaient devant attisée contre les autres : le plus souvent s'étant enrichis, sous l'ombre de sa faveur, des dépouilles d'autrui, ils l'ont à la fin eux-mêmes enrichi de leurs dépouilles.

Les gens de bien mêmes, si toutefois il s'en trouve quelqu'un aimé du tyran, tant soient-ils avant en sa grâce, tant reluisse en eux la vertu et intégrité, qui voire aux plus méchants donne quelque révérence de soi quand on la voit de près, mais les gens de bien, dis-je, n'y sauraient durer, et faut qu'ils se sentent du mal commun, et qu'à leurs dépens ils éprouvent la tyrannie. Un Sénèque, un Burre, un Trasée, cette terne de gens de bien, desquels même les deux leur mâle fortune approcha du tyran et leur mit en main le maniement de ses affaires, tous deux estimés de lui, tous deux chéris, et encore l'un l'avait nourri et avait pour gages de son amitié la nourriture de son enfance ; mais ces trois-là sont suffisants témoins par leur cruelle mort, combien il y a peu d'assurance en la faveur d'un mauvais maître ; et, à la vérité, quelle amitié peut-on espérer de celui qui a bien le cœur si dur que d'haïr son royaume, qui ne fait que lui obéir, et lequel, pour ne se savoir pas encore aimer, s'appauvrit lui-même et détruit son empire ?

Or, si l'on veut dire que ceux-là pour avoir bien vécu sont tombés en ces inconvénients, qu'on regarde hardiment autour de celui-là même, et on verra que ceux qui vindrent en sa grâce et s'y maintindrent par mauvais moyens ne furent pas de plus longue durée. Qui a ouï parler d'amour si abandonnée, d'affection si opiniâtre ? qui a jamais lu d'homme si obstinément acharné envers femme que celui-là envers Popée ? Or, fut-elle après empoisonnée par lui-même. Agrippine, sa mère, avait tué son mari Claude, pour lui faire place à l'empire ; pour l'obliger, elle n'avait jamais fait difficulté de rien faire ni de souffrir : donc son fils même, son nourrisson, son empereur fait de sa main, après l'avoir souvent faillie, enfin lui ôta la vie ; il n'y eut lors personne qui ne dit qu'elle avait trop bien mérité cette punition, si ç'eut été par les mains de tout autre que de celui à qui elle l'avait baillée. Qui fut onc plus aisé à manier, plus simple, pour le dire mieux, plus vrai niais que Claude l'empereur ? Qui fut onc plus coiffé que femme que lui de Messaline ? Il la mit enfin entre les mains du bourreau. La simplesse demeure toujours aux tyrans, s'ils en ont, à ne savoir bien faire, mais je ne sais comment à la fin, pour user de cruauté, même envers ceux qui leur sont près, si peu qu'ils ont d'esprit, cela même s'éveille. Assez commun est le beau mot de cet autre qui, voyant la gorge de sa femme découverte, laquelle il aimait le plus, et sans laquelle il semblait qu'il n'eut su vivre, il la caressa de cette belle parole : « Ce beau col sera tantôt coupé, si je le commande. » Voilà pourquoi la plupart des tyrans anciens étaient communément tués par leurs plus favoris, qui, ayant connu la nature de la tyrannie, ne se pouvaient tant assurer de la volonté du tyran comme ils se défiaient de sa puissance. Ainsi fut tué Domitien par Étienne, Commode par une de ses amies mêmes, Antonin par Macrin, et de même quasi tous les autres <sup>(1)</sup>.

C'est cela que certainement le tyran n'est jamais aimé ni n'aime. L'amitié, c'est un nom sacré, c'est une chose sainte ; elle ne se met jamais qu'entre gens de bien, et ne se prend que par une mutuelle estime ; elle s'entretient non tant par bienfaits que par la bonne vie. Ce qui rend un ami assuré de l'autre, c'est la connaissance qu'il a de son intégrité : les répondants qu'il en a, c'est son bon naturel, la foi et la constance. Il n'y peut avoir d'amitié là où est la cruauté, là où est la déloyauté, là où est l'injustice ; et entre les méchants, quand ils s'assemblent, c'est un complot, non pas une compagnie ; ils ne s'entraiment pas, mais ils s'entrecraignent ; ils ne sont pas amis, mais

ils sont complices.

Or, quand bien cela n'empêcherait point, encore serait-il malaisé de trouver en un tyran un amour assuré, parce qu'étant au-dessus de tous, et n'ayant point de compagnon, il est déjà au delà des bornes de l'amitié, qui a son vrai gibier en l'égalité, qui ne veut jamais clocher, ainsi est toujours égale. Voilà pourquoi il y a bien entre les voleurs (ce dit-on) quelque foi au partage du butin, pour ce qu'ils sont pairs et compagnons, et s'ils ne s'entraiment, au moins ils s'entrecraignent et ne veulent pas, en se désunissant, rendre leur force moindre ; mais du tyran, ceux qui sont ses favoris n'en peuvent avoir jamais aucune assurance, de tant qu'il a appris d'eux-mêmes qu'il peut tout, et qu'il n'y a droit ni devoir aucun qui l'oblige, faisant son état de compter sa volonté pour raison, et n'avoir compagnon aucun, mais d'être de tous maître. Donc n'est-ce pas grande pitié que, voyant tant d'exemples apparents, voyant le danger si présent, personne ne se veuille faire sage aux dépens d'autrui, et que, de tant de gens s'approchant si volontiers des tyrans, qu'il n'y pas un qui ait l'avisement et la hardiesse de leur dire ce que dit, comme porte le conte, le renard au lion qui faisait le malade : « Je t'irais voir en ta tanière ; mais je vois bien assez de traces de bêtes qui vont en avant vers toi, mais qui reviennent en arrière je n'en vois pas une. »

Ces misérables voient reluire les trésors du tyran et regardent tout ébahis les rayons de sa braveté ; et, alléchés de cette clarté, ils s'approchent, et ne voient pas qu'ils se mettent dans la flamme qui ne peut faillir de les consommer : ainsi le satyre indiscret (comme disent les fables anciennes), voyant éclairer le feu trouvé par Prométhée, le trouva si beau qu'il l'alla baiser et se brûla ; ainsi le papillon qui, espérant jouir de quelque plaisir, se met dans le feu, pour ce qu'il reluit, il éprouve l'autre vertu, celle qui brûle, comme dit le poète toscan<sup>(1)</sup>. Mais encore, mettons que ces mignons échappent les mains de celui qu'ils servent, ils ne se sauvent jamais du roi qui vient après : s'il est bon, il faut rendre compte et reconnaître au moins lors la raison ; s'il est mauvais et pareil à leur maître, il ne sera pas qu'il n'ait aussi bien ses favoris, lesquels aucunement ne sont pas contents d'avoir à leur tour la place des autres, s'ils n'ont encore le plus souvent et les biens et les vies. Se peut-il donc faire qu'il se trouve aucun qui, en si grand péril et avec si peu d'assurance, veuille prendre cette malheureuse place, de servir en si grande peine un si dangereux maître ? Quelle peine, quel martyre est-ce, vrai Dieu ?

Être nuit et jour après pour songer de plaire à un, et néanmoins se craindre de lui plus que d'homme du monde ; avoir toujours l'œil au guet, l'oreille aux écoutes, pour épier d'où viendra le coup, pour découvrir les embûches, pour sentir la ruine de ses compagnons, pour aviser qui le trahit, rire à chacun et néanmoins se craindre de tous, n'avoir aucun ni ennemi ouvert ni ami assuré ; ayant toujours le visage riant et le cœur transi, ne pouvoir être joyeux, et n'oser être triste !

Mais c'est plaisir de considérer qu'est-ce qui leur revient de ce grand tourment, et le bien qu'ils peuvent attendre de leur peine de leur misérable vie. Volontiers le peuple, du mal qu'il souffre, n'en accuse point le tyran, mais ceux qui le gouvernent : ceux-là, les peuples, les nations, tout le monde à l'envi, jusqu'aux paysans, jusqu'aux laboureurs, ils savent leur nom, ils déchiffrent leurs vices, ils amassent sur eux mille outrages, mille vilenies, mille maudissons ; toutes leurs oraisons, tous leurs vœux sont contre ceux-là ; tous les malheurs, toutes les pestes, toutes leurs famines, ils les leur reprochent ; et si quelquefois ils leur font par apparence quelque honneur lors même qu'ils les maugréent en leur cœur, et les ont en horreur plus étrange que les bêtes sauvages. Voilà la gloire, voilà l'honneur qu'ils reçoivent de leur service envers les gens, desquels, quand chacun aurait une pièce de leur corps, ils ne seraient pas encore, ce leur semble, assez satisfaits ni à-demi saoulés de leur peine ; mais certes, encore après qu'ils sont morts, ceux qui viennent après ne sont jamais si paresseux que le nom de ces mange-peuples ne soit noirci de l'encre de mille plumes, et leur réputation déchirée dans mille livres, et les os mêmes, par manière de dire, traînés par la postérité, les punissant, encore après leur mort, de leur méchante vie<sup>(1)</sup>.

Apprenons donc quelquefois, apprenons à bien faire ; levons les yeux vers le ciel, ou pour notre honneur, ou pour l'amour même de la vertu, ou certes, à parler à bon escient, pour l'amour et honneur de Dieu tout-puissant, qui est assuré témoin de nos faits et juste juge de nos fautes. De ma part, je pense bien, et ne suis pas trompé, puisqu'il n'est rien si contraire à Dieu, tout libéral et débonnaire, que la tyrannie, qu'il réserve là-bas à part pour les tyrans et leurs complices quelque peine particulière<sup>(1)</sup>.



# NOTES

Page 49. — <sup>(1)</sup> C'est le titre que La Boétie lui-même avait donné. Ce témoignage est confirmé dans les *Essais* : « C'est un discours auquel il donne nom : *De la servitude volontaire* ; mais ceux qui l'ont ignoré l'ont bien proprement depuis rebaptisé : *Le Contr'un*. » (*Essais*, t. I, ch. 28.)

Page 49. — <sup>(2)</sup> À ce propos, Feugère a rappelé des passages d'Hérodote, de Polybe et de Plutarque. On y peut joindre d'autres noms, Xénophon et Tacite notamment. (L. Delornelle, *L'inspiration antique dans le « Discours de la Servitude volontaire »*, *Revue d'histoire littéraire de la France*, t. XVII (17<sup>e</sup> année), p. 34-72.)

Page 51. — <sup>(1)</sup> C'est ici que commence le long fragment de La Boétie qui a été publié, pour la première fois, dans le second dialogue du *Réveille-matin des François* en 1574 et qui donne le premier texte connu de *La Servitude volontaire*, accommodée aux besoins du moment.

Page 53. — <sup>(1)</sup> On a mis plusieurs noms sous le personnage du tyran, et on a voulu y voir un portrait. Il est vraisemblable d'y reconnaître une figure symbolique, qui rassemble et qui groupe les éléments historiques d'un personnage à la fois précis et indéterminé. « Ainsi, dit M. Delornelle (*loco citato*), tous les traits de cette figure anonyme se retrouvent dans l'image que l'histoire nous a laissée de Néron. Plusieurs mêmes ne s'appliquent à personne mieux qu'à l'empereur romain. C'est de lui, nous pouvons maintenant l'affirmer, que La Boétie s'est souvenu dans cette page pour incarner le type du tyran. »

Page 54. — <sup>(1)</sup> *Guerdon*, récompense : *entretènement*, nous dirions maintenant entretien, *loyer* : récompense.

Page 54. — <sup>(2)</sup> *Se rebouche*, s'émousse.

Page 55. — <sup>(1)</sup> *Mâtine*, maltraite. Montaigne parle « de se laisser mâliner contre l'honneur de son rang ». (*Essais*, III, 3.)

Page 57. — <sup>(1)</sup> *Est à dire*, leur manque, lui fait défaut. Il est aisé de dire comment La Boétie en est venu à l'idée que la liberté fait partie des droits naturels, imprescriptibles de l'humanité : c'est par Cicéron qu'il connaît sa doctrine, et par ses traités philosophiques.

Page 64. — <sup>(1)</sup> Ces vers ne se trouvent pas dans les vers déjà connus de La Boétie et ceci confirmerait ce que l'auteur vient d'en dire.

Page 64. — <sup>(2)</sup> Guillaume de Lur de Longa, conseiller-lay au Parlement de Bordeaux depuis 1528. C'était un fervent ami des lettres. Il fut reçu le 24 mars 1524, se démit de ses fonctions le 20 janvier 1553, en faveur de La Boétie lui-même, et garda ses entrées au Parlement, malgré la cession de son office, sans toutefois y « avoir opinion ». Il mourut en 1557.

Page 65. — <sup>(1)</sup> On pourrait croire que cette énumération du tyran provient de la *Politique* d'Aristote. Il n'en est rien et ce passage résume d'autres faits historiques connus alors de La Boétie.

Page 70. — <sup>(1)</sup> C'est sans doute ce passage qui a donné lieu à Montaigne de croire que La Boétie « eût mieux aimé être né à Venise qu'à Sarlat ». (*Essais*, I, I, ch. 27.)

Page 74. — <sup>(1)</sup> *Se gorgiasent sous la barde*, c'est-à-dire se pavanent sous l'armure.



Page 78. — (1) Ce n'est pas dans le traité *Des Maladies*, mentionné par La Boétie, mais bien dans celui *Des airs, des eaux et des lieux*, que La Boétie aurait dû alléguer Hippocrate.

Page 83. — (1) Autour de cette idée principale : que le peuple est lâche et crédule, viennent s'énumérer et se grouper un assez grand nombre d'exemples historiques d'origine diverse : allusion à l'opuscule de *Hiéron* sur le tyran ; comment on abêtit les Lygiens, et comment les rois d'Assyrie et d'Égypte abusent le peuple. À noter cependant une allusion aux événements contemporains, qui prouve le loyalisme de l'auteur, par le souci de ménager le sang et les forces des Français.

Page 87. — (1) On ne reconnaîtrait guère, sous cette traduction peu poétique, les beaux vers de Virgile, *Énéide*, ch. vi, v. 385 et suiv.

Page 88. — (1) Les quatre premiers chants de *La Franciade*, — les seuls qui parurent, — furent publiés seulement en 1572, quelques jours après la Saint-Barthélémy. Mais Ronsard avait conçu le projet de ce poème épique plus de vingt ans auparavant. Il en avait longuement entretenu ses amis et ses protecteurs. Le prologue de *La Franciade* fut lu devant Henri II par Lancelot de Carie, le jour des Rois de 1550 ou 1551, si l'on en croit Olivier de Magny, qui assistait lui-même à cette audition.

Page 88. — (2) La Boétie fait allusion ici aux Panathénées, fêtes religieuses instituées, dit-on, par Erichlorius, roi d'Athènes (1573-1556 avant Jésus-Christ). On sait que, pendant ces fêtes, avaient lieu des processions de *canéphores*, c'est-à-dire de jeunes filles, portant sur leur tête des corbeilles enguirlandées.

Page 89. — (1) Serait-ce ce passage qui pourrait expliquer le *Discours de la servitude volontaire* ? « Vous aviez le livre de la *Servitude volontaire* fait par La Boétie, conseiller au parlement de Bordeaux, irrité de ce que, voulant voir la salle de bal, un archer de la garde, qui le sentit à l'écolier, lui laissa tomber sa hallebarde sur le pied ; de quoi cestui-ci, criant justice par le Louvre, n'eut que risée des grands qui l'entendirent. » (Agrippa d'Aubigné, *Histoire universelle*, édition de Ruble, 1890, t. IV (1573-1575, p. 189.) En ce cas, cet incident, que d'Aubigné place sous la date de 1573, aurait été antérieur à la date véritable qu'il aurait dû avoir.

Page 92. — (1) Ils *nacquetent*, ils servent. Le *nacquet* était, proprement, le valet qui servait les joueurs, au jeu de paume.

Page 98. — (1) La Boétie interprète ici les souvenirs antiques dont son esprit était plein et qui se transforment sous sa plume.

Page 100. — (1) *Le poète toscan*, Pétrarque, sonnet 17.

Page 101. — (1) On ne saurait mettre en doute la parfaite authenticité du texte même de La Boétie, d'abord parce que nous en avons deux copies complètes et contemporaines, et aussi parce que nous en possédons une analyse, par Jean-Jacques de Mesme, complète également et qui suit pas à pas le texte de La Boétie.

Page 102. — (1) On a déjà fait remarquer que cette conclusion s'adapte mal à l'ensemble du *Discours*. « Notre étonnement sera moindre, dit M. Delornelle (*loco citato*), si, à côté de la *Servitude volontaire*, nous ouvrons, à la dernière page aussi, de l'*Économique* de Xénophon, que La Boétie avait traduit aussi. On remarque aisément que La Boétie dépasse la portée de cet ouvrage d'économie rurale. « L'exemple de Xénophon lui aura fermé les yeux sur ce que cette conclusion avait de brusque et d'inattendu. »



# Bônus

Espero que tenha gostado deste livro. Conheça também as cartas de Sêneca a Lucílio.

Nas páginas seguinte estão as primeira carta do [Volume I](#) e [Volume II](#), aproveite.

***Mantenha-se Forte. Mantenha-se Bem.***

## OBRAS FILOSÓFICAS DE [SÊNECA](#):

- [Cartas de um Estoico, Vol I](#) (*Epistulae morales ad Lucilium*)
- [Cartas de um Estoico, Vol II](#)
- [Cartas de um Estoico, Vol III](#)
- [Sobre a Ira](#) (*De Ira*)
- [Consolação a Márcia](#) (*Ad Marciam, De consolatione*)
- [Consolação a Minha Mãe Hêlvia](#) (*Ad Helviam matrem, De consolatione*)
- [Consolação a Políbio](#) (*De Consolatione ad Polybium*)
- [Sobre a Brevidade da vida](#) (*De Brevitate Vitae*)
- [Da Clemência](#) (*De Clementia*)
- [Sobre Constância do sábio](#) (*De Constantia Sapientis*)
- [A Vida Feliz](#) (*De Vita Beata*)
- [Sobre os Benefícios](#) (*De Beneficiis*)
- [Sobre a Providencia da alma](#) (*De Tranquillitate Animi*)
- [Sobre o Ócio](#) (*De Otio*)
- [Sobre a Providência Divina](#) (*De Providentia*)

## OBRAS FILOSÓFICAS

- [O Manifesto Comunista](#), por Marx e Engels
- [A Ideologia Alemã](#), por Marx e Engels

- [Deus e o Estado](#), por Mikhail Bakunin
- [A América Latina: Males de Origem](#), por Manoel Bomfim
- [História da Revolução Russa](#), por Leon Trótski
- [A Desobediência Civil](#), por Henry David Thoreau
- [Dicionário Filosófico](#), por Voltaire
- [O Estado Corporativo](#), por Benito Mussolini
- [O Livro Verde: A Terceira Teoria Universal](#), por Muammar al-Gaddafi
- [Esquerdismo, Doença Infantil do Comunismo](#), por Lênin
- [A Comuna de Paris](#), por Lênin
- [Do Socialismo Utópico ao Socialismo Científico](#), por Engels
- [Fascismo e Democracia](#), por George Orwell
- [Por que Escrevo](#), por George Orwell
- [A Revolução dos Bichos](#), por George Orwell
- [1984](#), por George Orwell
- [A Lei](#) por *Frédéric Bastiat*
- [O Que se vê e O Que não se vê](#) por *Frédéric Bastiat*
- [Meditações de Marco Aurélio](#)
- [Discurso da Servidão Voluntária](#) por *Étienne de La Boétie*
- [A Vida Intelectual](#) por *Antonin-Dalmace Sertillanges*
- [A Arte de ter Razão](#) por *Arthur Schopenhauer*
- [Estoicismo, Guia Definitivo](#) por *St. George Stock*
- [Ciropédia](#) por *Xenofonte*
- [Utopia](#) por *Thomas More*
- [Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres](#) por *Diógenes Laércio*
- [Andar a Pé](#) por *Henry David Thoreau*
- [Carta a Meneceu sobre a felicidade](#) por *Epicuro*
- [Epicuro, Cartas e Princípios](#) por *Epicuro*
- [O Dever do Advogado](#) por *Ruy Barbosa*
- [Os Sermões](#) por *Padre Antônio Vieira*



**Montecristo**  
Editora



# I. Sobre aproveitar o tempo

Saudações de Sêneca a Lucílio.

1. Continue a agir assim, meu querido Lucílio – liberte-se por conta própria; poupe e salve o seu tempo, que até recentemente tem sido retirado a força de você, ou furtado, ou simplesmente escapado de suas mãos. Faça-se acreditar na verdade de minhas palavras, – que certos momentos são arrancados de nós, que alguns são removidos suavemente, e que outros fogem além de nosso alcance. O tipo mais desgraçado de perda, no entanto, é aquela, devida ao descuido. Ademais, se você prestar atenção ao problema, você verá que a maior parte de nossa vida passa enquanto estamos fazendo coisas desagradáveis, uma boa parte enquanto não estamos fazendo nada, e tudo isso enquanto estamos fazendo o que não se deveria fazer.

2. Qual homem você pode me mostrar que coloque algum valor em seu tempo, que dá o devido valor a cada dia, que entende que está morrendo diariamente? Pois estamos equivocados quando pensamos que a morte é coisa do futuro; a maior parte da morte já passou. Quaisquer anos atrás de nós já estão nas mãos da morte. Portanto, Lucílio, faça como você me escreve que você está fazendo: mantenha cada hora ao seu alcance. Agarre a tarefa de hoje, e você não precisará depender tanto do amanhã. Enquanto estamos postergando, a vida corre.

3. **Nada, Lucílio, é nosso, exceto o tempo. A natureza nos deu o privilégio desta única coisa, tão fugaz e escorregadia que qualquer um pode esbulhar tal posse.** Que tolos esses mortais são! Eles permitem que as coisas mais baratas e inúteis, que podem ser facilmente substituídas, sejam contabilizadas depois de terem sido adquiridas; mas nunca se consideram em dívida quando recebem parte dessa preciosa mercadoria, o tempo! E, no entanto, o tempo é o único empréstimo que nem o mais agradecido destinatário pode pagar.

4. Você pode desejar saber como eu, que prego a você, estou praticando. Confesso francamente: meu saldo em conta corrente é como o esperado de

alguém generoso mas cuidadoso. Não posso vangloriar-me de não desperdiçar nada, mas pelo menos posso lhe dizer o que estou desperdiçando, a causa e a maneira de desperdício; posso lhe dar as razões pelas quais sou um homem pobre. Minha situação, no entanto, é a mesma de muitos que são reduzidos à miséria sem culpa própria: todos os perdoam, mas ninguém vem em seu socorro.

5. Qual é o estado das coisas, então? É isto: eu não considero um homem como pobre, se o pouco que lhe resta o é suficiente. Contudo, aconselho-o a preservar o que é realmente seu; e nunca é cedo demais para começar. Pois, como acreditavam os nossos antepassados, é demasiado tarde para gastarmos quando chegarmos à raspa do tacho. Daquilo que permanece no fundo, a quantidade é pouca, e a qualidade é vil.

Mantenha-se Forte. Mantenha-se Bem.

## LXVI. Sobre vários aspectos da virtude

Saudações de Sêneca a Lucílio.

1. Acabei de ver meu ex-colega de escola, Clarano, pela primeira vez em muitos anos. Você não precisa esperar que acrescente que ele é um homem velho; Mas asseguro-lhe que o encontrei são em espírito e robusto, embora ele esteja lutando com um corpo frágil e fraco. Pois a Natureza agiu de forma injusta quando lhe deu um pobre domicílio para uma alma tão rara; ou talvez fosse porque ela queria nos provar que uma mente absolutamente forte e feliz pode estar escondida sob qualquer exterior. Seja como for, Clarano supera todos esses obstáculos, e por desprezar seu próprio corpo chegou a um estágio onde ele pode desprezar outras coisas também.

2. O poeta que cantou:

*Valor mostra mais agradável em uma forma que é justa  
gratior et pulchro veniens e corpore virtus.*<sup>1</sup>

Está, na minha opinião, enganado. Pois a virtude não precisa de nada para compensá-la; é sua própria glória, e santifica o corpo em que habita. De qualquer modo, comecei a considerar Clarano sob uma luz diferente; ele parece-me simpático, e bem construído tanto em corpo como na mente.

3. Um grande homem pode nascer em um casebre; assim pode uma linda e grande alma em um corpo feio e insignificante. Por esta razão a natureza parece criar alguns homens deste selo com a ideia de provar que a virtude nasce em qualquer lugar. Se tivesse sido possível produzir almas sozinhas e nuas, ela o teria feito; como é fato, a natureza faz uma coisa ainda maior, pois ela produz certos homens que, embora impedidos em seus corpos, ainda assim rompem a obstrução.

4. Creio que Clarano foi produzido como um padrão, para que possamos entender que a alma não é desfigurada pela feiura do corpo, mas pelo contrário, que o corpo é embelezado pela beleza da alma. Agora, apesar de Clarano e eu termos passados muitos poucos dias juntos, temos, no entanto, muitas conversas, que vou em seguida verter e transmitir para você.



5. O primeiro dia em que investigamos esse problema: como os bens podem ser iguais se forem de três tipos<sup>2</sup>? Pois alguns deles, de acordo com os nossos princípios filosóficos, são primários, como a alegria, a paz e o bem-estar de um país. Outros são de segunda ordem, moldados de um material infeliz, como a resistência ao sofrimento e o autocontrole durante uma doença grave. Rezaremos abertamente pelos bens da primeira classe; para a segunda classe, oraremos somente se a necessidade surgir. Há ainda uma terceira variedade, como, por exemplo, um andar modesto, um semblante calmo e honesto, e um comportamento que se adapte ao homem de sabedoria.

6. Agora, como podem estas coisas ser iguais quando as comparamos, se você conceder que devemos orar por um e evitar o outro? Se fizermos distinções entre eles, devemos retornar ao Primeiro Bem, e considerar qual é a sua natureza: a alma que olha para a verdade, que é hábil no que deve ser buscado e no que deve ser evitado, estabelecendo padrões de valor não de acordo com a opinião, mas de acordo com a natureza, – a alma que penetra o mundo inteiro e dirige seu olhar contemplativo sobre todos os seus fenômenos, prestando atenção estrita aos pensamentos e ações, igualmente grande e vigorosa, superior às dificuldades e às lisonjas, cedendo a nem dos extremos da fortuna, acima de todas as bênçãos e aflições, absolutamente linda, perfeitamente equipada com graça, bem como com força, saudável e vigorosa, imperturbável, nunca consternada, que nenhuma violência possa destruir, uma que os acaso não podem exaltar nem deprimir – uma alma como esta é a própria virtude.

7. Lá você tem a sua aparência externa, se nunca deve vir sob um único aspecto e mostrar-se uma vez em toda a sua integridade. Mas há muitos aspectos disso. Desdobram-se de acordo com a vida e ações; mas a própria virtude não se torna menor ou maior. Pois o Bem Supremo não pode diminuir, nem a virtude retroceder; em vez disso, é transformada, agora em uma qualidade e agora em outra, moldando-se de acordo com a função que está a desempenhar.

8. Tudo o que toca leva à semelhança consigo mesmo, e tinge com sua própria cor. Adorna nossas ações, nossas amizades e, às vezes, casas inteiras que entrou e pôs em ordem. O que seja o que for que tenha tocado imediatamente torna-o amável, notável, admirável. Portanto, o poder e a grandeza da virtude não podem elevar-se a alturas maiores, porque o

incremento é negado àquilo que é superlativamente grande. Você não encontrará nada mais reto do que o reto, nada mais verdadeiro do que a verdade, e nada mais temperado do que o que é temperado.

9. Toda virtude é ilimitada; pois limites dependem de medições definidas. A constância não pode avançar mais do que a fidelidade, a veracidade ou a lealdade. O que pode ser acrescentado ao que é perfeito? Nem se pode acrescentar nada à virtude, pois, se alguma coisa puder ser acrescentada a ela, seria necessária alguma imperfeição. Honra, também, não permite adição; pois é honrado por causa das mesmas qualidades que mencionei. E então? Você acha que a correção, a justiça, a legalidade, também não pertencem ao mesmo tipo, e que elas são mantidas dentro de limites fixos? A capacidade de melhorar é a prova de que uma coisa ainda é imperfeita.

10. O bem, em todos os casos, está sujeito a essas mesmas leis. A vantagem da situação e do indivíduo estão juntas; na verdade, é tão impossível separá-los quanto separar o louvável do desejável. Portanto, as virtudes são mutuamente iguais; e assim são as obras da virtude, e todos os homens que são tão afortunados de possuir essas virtudes.

11. Mas, como as virtudes das plantas e dos animais são perecíveis, são também frágeis, passageiras e incertas. Elas brotam, e elas afundam novamente, e por isso não são avaliadas ao mesmo valor; mas às virtudes humanas apenas uma regra se aplica. Pois a razão correta é única e de um só tipo. Nada é mais divino do que o divino, ou mais celestial do que o celestial.

12. As coisas mortais decaem, caem, são desgastadas, crescem, são esgotadas, e reabastecidas. Assim, no caso delas, em vista da incerteza de sua fortuna, há desigualdade; mas das coisas divinas a natureza é única. A razão, entretanto, não é nada mais do que uma porção do espírito divino colocado em um corpo humano. Se a razão é divina, e o bem nunca carece de razão, então o bem é sempre divino. E além disso, não há distinção entre as coisas divinas; conseqüentemente também não existe nenhum entre bens. Daí resulta que a alegria e uma corajosa e obstinada resistência à tortura são bens equivalentes; pois em ambos há a mesma grandeza de alma descontraída e alegre em um caso, no outro um combativo e pronto para a ação.

13. O quê? Você não acha que a virtude daquele que bravamente ataca a fortaleza do inimigo é igual à daquele que sofre um cerco com a maior

paciência? Grande é Cipião quando ele cerca Numância, e constrange e compele as mãos de um inimigo, que ele não poderia conquistar, para lançar mão à sua própria destruição<sup>3</sup>. Grande também são as almas dos defensores – homens que sabem que, enquanto o caminho para a morte está aberto, o cerco não é completo, os homens que respiram até o fim nos braços da liberdade. Do mesmo modo, as outras virtudes também são iguais entre si: tranquilidade, simplicidade, generosidade, constância, equanimidade, resistência. Porque subjacente a todas elas há uma única virtude – o que torna a alma reta e inabalável.

14. "O que então", você diz; "Não há diferença entre a alegria e a obstinada resistência à dor?" De forma alguma, não em relação às próprias virtudes; muito grande, no entanto, nas circunstâncias em que uma dessas duas virtudes é exibida. Em um caso, há um relaxamento natural e afrouxamento da alma; no outro há uma dor não natural. Daí que estas circunstâncias, entre as quais uma grande distinção pode ser estabelecida, pertencem à categoria de coisas indiferentes, mas a virtude mostrada em cada caso é igual.

15. A virtude não é alterada pela questão com a qual trata; se a matéria é dura e teimosa, não piora a virtude; se agradável e alegre, não a torna melhor. Portanto, a virtude permanece necessariamente igual. Pois, em cada caso, o que se faz é feito com igual retidão, com igual sabedoria e com igual honra. Assim, os estados de bondade envolvidos são iguais, e é impossível para um homem ultrapassar esses estados de bondade, por conduzir-se melhor, seja o um homem em sua alegria, ou o outro em meio a seu sofrimento. E dois bens, que nenhum dos quais possa ser melhor que o outro, são iguais.

16. Pois se as coisas que são extrínsecas à virtude podem diminuir ou aumentar a virtude, então o que é honroso deixa de ser o único bem. Se você aceitar isso, a honra perece completamente. E porque? Deixe-me dizer-lhe: é porque nenhum ato é honrado quando é feito por um agente involuntário, quando é obrigatório. Cada ato honorável é voluntário. Misture-o com relutância, queixas, covardia ou medo, e perde sua melhor característica – auto aprovação. O que não é livre não pode ser honrado; pois medo significa escravidão.

17. O honorável está totalmente livre da ansiedade e é calmo; se alguma vez objeta, lamenta ou considera qualquer coisa como um mal, torna-se sujeito a

perturbação e começa a chafurdar em meio a grande confusão. Pois, de um lado, a aparência de correção o atrai, por outro, a suspeita do mal o arrasta para trás, portanto, quando um homem está prestes a fazer algo honorável, ele não deve considerar quaisquer obstáculos como infortúnios, embora os considere como inconvenientes, mas ele deve querer fazer a ação, e fazê-la de boa vontade. Pois todo ato honorável é feito sem ordens ou coação; é puro e não contém mistura de mal.

18. Eu sei o que você pode me responder neste momento: "Você está tentando fazer-me acreditar que não importa se um homem sente a alegria, ou se encontra-se sob tortura e esgota seu torturador?" Poderia dizer em resposta: "Epicuro também sustenta que o sábio, embora esteja sendo queimado no touro de Fálaris<sup>4</sup>, clamará:" É agradável, e não me preocupa em absoluto. "Por que você precisa se admirar, se eu afirmo que aquele que repousa num banquete e a vítima que resiste firmemente à tortura possuem bens iguais, quando Epicuro mantém uma coisa que é mais difícil de acreditar, ou seja, que é agradável ser assado desta maneira?

19. Mas a resposta que eu dou, é que há grande diferença entre alegria e dor; se me pedem para escolher, vou procurar a primeira e evitar a última. A primeira está de acordo com a natureza, a segunda é contrária a ela. Enquanto são classificados por este padrão, há um grande abismo entre elas; mas quando se trata de uma questão da virtude envolvida, a virtude em cada caso é a mesma, quer venha através da alegria ou através da tristeza.

20. A vexação, a dor e outros inconvenientes não têm consequências, pois são vencidos pela virtude. Assim como o brilho do sol escurece todas as luzes menores, assim a virtude, por sua própria grandeza, quebra e abrandando todas as dores, aborrecimentos e erros; e onde quer que seu brilho chegue, todas as luzes que brilham sem a ajuda da virtude são extintas; e os inconvenientes, quando entram em contato com a virtude, não desempenham um papel mais importante do que uma nuvem de tempestade no mar.

21. Isto pode ser provado para você pelo fato que o bom homem apressar-se-á sem hesitação a qualquer ação nobre; mesmo que seja confrontado com o carrasco, o torturador e o pelourinho, ele persistirá, não quanto ao que ele deve sofrer, mas quanto ao que deve fazer; e desempenhará tão prontamente a uma ação honrosa quanto a um homem bom; ele o considerará vantajoso para

si mesmo, seguro e propício. E ele manterá o mesmo ponto de vista sobre uma ação honrosa, ainda que seja carregada de tristeza e dificuldades, como sobre um homem bom que é pobre ou desperdiçado no exílio.

22. Agora, compare um bom homem extremamente rico com um homem que não tem nada, exceto que em si mesmo tem todas as coisas; eles serão igualmente bons, embora experimentem fortuna desigual. Este mesmo padrão, como tenho observado, deve ser aplicado tanto às coisas quanto aos homens; a virtude é tão louvável se ela habita num corpo sadio e livre, como em alguém que está doente ou em escravidão.

23. Portanto, quanto à sua própria virtude, não a louvará mais, se a fortuna a favorecer, concedendo-lhe um corpo sadio, do que se a fortuna lhe der um corpo que é mutilado em algum membro, pois isso significaria classificar inferiormente um mestre porque ele está vestido como um escravo. Pois todas aquelas coisas sobre as quais a fortuna tem influência, bens materiais, dinheiro, posses, posição; elas são fracas, inconstantes, propensas a perecer, e de posse incerta. Por outro lado, as obras da virtude são livres e insubmissas, nem mais dignas de ser procuradas quando a fortuna as trata com bondade, nem menos digna quando alguma adversidade pesa sobre elas.

24. A amizade no caso dos homens corresponde à desejabilidade no caso das coisas. Você não gostaria, eu imagino, de amar um bom homem, se ele fosse rico, mais do que se fosse pobre, e não amaria uma pessoa forte e musculosa mais do que uma pessoa delgada e de constituição delicada. Assim, nem procurará nem amará uma coisa boa que seja divertida e tranquila mais do que uma que é cheia de perplexidade e labuta.

25. Ou, se você fizer isso, você vai, no caso de dois homens igualmente bons, gostar mais de quem é limpo e bem-asseado do que daquele que é sujo e despenteado. Você chegaria ao ponto de se importar mais com um homem bom que é sã em todos os seus membros e sem defeito, do que com alguém que é fraco ou cego; e gradualmente sua exigência alcançaria tal ponto que, de dois homens igualmente justos e prudentes, você escolheria aquele que tem cabelos longos e ondulados! Sempre que a virtude em cada um é igual, a desigualdade em seus outros atributos não é aparente. Pois todas as outras coisas não são partes, mas apenas acessórios.

26. Qualquer homem julgaria seus filhos de modo tão injusto a fim de se

preferir mais um filho saudável do que um doente, ou a um filho alto, de estatura incomum, mais do que a outro de pouca ou de baixa estatura? Os animais selvagens não mostram nenhum favoritismo entre sua prole; eles se deitam para amamentar todos igualmente; aves fazem a distribuição justa de seus alimentos. Ulisses apressa-se de volta às rochas de sua Ítaca tão ansiosamente quanto Agamenon acelera até as majestosas muralhas de Micenas. Porque nenhum homem ama a sua terra natal porque é grande; ele a ama porque é sua.

27. E qual é o propósito de tudo isso? Que você saiba que a virtude considera todas as suas obras sob a mesma luz, como se fossem seus filhos, mostrando a mesma bondade a todos e ainda mais profunda bondade para aqueles que encontram dificuldades; pois mesmo os pais inclinam-se com mais afeição para filhos de quem sentem piedade. A virtude, também, não necessariamente ama mais profundamente aquelas de suas obras que vê em problemas e sob pesados fardos, mas, como bons pais, ela lhes dá mais de seus cuidados de acolhimento.

28. Por que nenhum bem é maior do que qualquer outro bem? É porque nada pode ser mais apropriado do que aquele que é apropriado, e nada mais nivelado do que aquilo que está nivelado. Você não pode dizer que uma coisa é mais igual a um objeto determinado do que outra coisa; daí também nada é mais honrado do que aquilo que é honroso.

29. Assim, se todas as virtudes são iguais por natureza, as três variedades de bens são iguais. Isto é o que quero dizer: há uma igualdade entre sentir alegria com autocontrole e sofrer dor com autocontrole. A alegria em um caso não ultrapassa no outro a firmeza da alma que afoga o gemido quando está nas garras do torturador; são desejáveis os bens do primeiro tipo, enquanto os do segundo são dignos de admiração; e, em cada caso, não são menos iguais, porque qualquer inconveniente atribuído a este último é compensado pelas qualidades do bem, que é muito maior.

30. Qualquer homem que os julgue desiguais está se afastando das próprias virtudes e está examinando meras exterioridades; os bens verdadeiros têm o mesmo peso e a mesma largura. O tipo espúrio contém muito vazio; portanto, quando são pesados, percebemos sua deficiência, embora pareçam imponentes e grandiosos ao olhar.

31. Sim, meu caro Lucílio, o bem que a verdadeira razão aprova é sólido e eterno; fortalece o espírito e exalta-o, para que ele esteja sempre nas alturas; Mas as coisas que são irrefletidamente elogiadas, e são bens na opinião da multidão meramente nos enchem de alegria vazia. e, novamente, aquelas coisas que são temidas como se fossem males apenas inspiram ansiedade na mente dos homens, pois a mente é perturbada pela aparência do perigo, assim como os animais também o são perturbados.

32. Portanto, é sem razão que ambas as coisas distraem e picam o espírito; um não é digno de alegria, nem o outro de medo. Somente a razão é imutável e se apega a suas decisões. Pois a razão não é um escrava dos sentidos, mas uma governante sobre eles. A razão é igual à razão, como uma linha reta para outra; portanto, a virtude também é igual à virtude. A virtude não é nada mais do que razão correta. Todas as virtudes são razões. As razões são razões, se são razões certas. Se elas estão certas, elas também são iguais.

33. Como a razão é, assim também são as ações; portanto, todas as ações são iguais. Pois, uma vez que se assemelham à razão, também se assemelham umas as outras. Além disso, considero que as ações são iguais entre si, na medida em que são ações honradas e corretas. Haverá, naturalmente, grandes diferenças de acordo com a variação do material, como se torna agora mais amplo e agora mais estreito, agora glorioso e agora inferior, agora múltiplo no alcance e agora limitado. No entanto, o que é melhor em todos estes casos é igual; eles são todos honrados.

34. Da mesma forma, todos os homens bons, na medida em que são bons, são iguais. Há, de fato, diferenças de idade, um é mais velho, outro mais jovem; do corpo, – um é agradável, outro é feio; da fortuna, – este homem é rico, esse homem pobre, este é influente, poderoso e conhecido pelas cidades e povos, aquele homem é desconhecido para a maioria, e é obscuro. Mas todos, em relação àquilo em que são bons, são iguais.

35. Os sentidos não decidem sobre coisas boas e más; eles não sabem o que é útil e o que não é útil<sup>5</sup>. Eles não podem registrar sua opinião a menos que sejam confrontados com um fato; eles não podem ver o futuro nem se lembrar do passado; e eles não sabem o que resulta do quê. Mas é a partir desse conhecimento que uma sequência e sucessão de ações é tecida, e uma unidade de vida é criada, – uma unidade que prosseguirá em um curso reto. A

razão, portanto, é o juiz do bem e do mal; o que é estrangeiro e externo ela considera como escória, e o que não é nem bom nem mau ela julga como apenas acessório, insignificante e trivial. Pois todo o seu bem reside na alma.

36. Mas há certos bens que a razão considera primordiais, aos quais ela se dirige deliberadamente; estes são, por exemplo, a vitória, os bons filhos e o bem-estar de um país. Alguns outros considera secundários; estes se tornam manifestos apenas na adversidade, – por exemplo, a equanimidade em suportar uma doença grave ou exílio. Certos bens são indiferentes; estes não são mais de acordo com a natureza do que contrárias à natureza, como, por exemplo, um andar discreto e uma postura tranquila em uma cadeira. Pois sentar é um ato que não é menos de acordo com a natureza do que ficar em pé ou andar.

37. Os dois tipos de bens que são de ordem superior são diferentes; os primários são de acordo com a natureza, – como a alegria derivada do comportamento obediente de seus filhos e do bem-estar de seu país. Os secundários são contrários à natureza, como a força moral em resistir à tortura ou na aceitação da sede quando a doença torna os órgãos vitais febris.

38. "O que então", você diz; "alguma coisa que é contrária à natureza pode ser um bem?" Claro que não; mas aquela em que esse bem eleva-se a sua origem é por vezes contrária à natureza. Por estarem feridos, esvaindo-se sobre um fogo, aflitos com má saúde, – tais coisas são contrárias à natureza; mas é de acordo com a natureza que um homem preserve uma alma indomável em meio a tais aflições.

39. Para explicar brevemente o meu pensamento, o material com o qual o bem se relaciona às vezes é contrário à natureza, mas um bem em si mesmo nunca é contrário, pois nenhum bem existe sem razão e a razão está de acordo com a natureza. "O que, então," você pergunta, "é a razão?" É copiar a natureza. "E o que," você diz, "é o maior bem que o homem pode possuir?" É conduzir-se de acordo com o que a natureza deseja.

40. "Não há dúvida", diz o opositor, "que a paz proporciona mais felicidade quando não é atacada do que quando é recuperada a custo de grande matança". "Também não há dúvida de que a saúde, que não foi comprometida, oferece mais felicidade do que a saúde que foi restituída à solidez por meio da força, por assim dizer, e pela resistência ao sofrimento,



depois de doenças graves que ameaçaram a vida em si e, da mesma forma, não há dúvida de que a alegria é um bem maior do que a luta de uma alma para suportar até o fim os tormentos das feridas ou da tortura".

41. De modo algum. Pois coisas que resultam do risco admitem ampla distinção, uma vez que são avaliadas de acordo com sua utilidade aos olhos daqueles que as experimentam, mas em relação aos bens, o único ponto a ser considerado é que eles estão de acordo com a natureza; e isso é igual no caso de todos os bens. Quando em uma reunião do senado nós votamos em favor da proposta de alguém, não pode ser dito, "A. está mais de acordo com a proposta do que B." Todos votam pela mesma proposta. Eu faço a mesma declaração com respeito às virtudes, – todos elas estão de acordo com a natureza; e eu o faço em relação aos bens igualmente, – estão todos de acordo com a natureza.

42. Um homem morre jovem, outro na velhice, e ainda outro na infância, tendo desfrutado nada mais do que um simples vislumbre na vida. Todos eles foram igualmente sujeitos à morte, embora a morte tenha permitido a um avançar mais ao longo do caminho da vida, cortou a vida do segundo em sua flor, e quebrou a vida do terceiro em seu início.

43. Alguns recebem sua quitação na mesa do jantar. Outros prolongam seu sono na morte. Alguns são eliminados durante a devassidão. Agora, compare essas pessoas com aquelas que foram perfuradas pela espada, ou levadas à morte por cobras, ou esmagadas em um desabamento, ou torturadas até a morte pela torção prolongada de seus tendões. Algumas dessas partidas podem ser consideradas melhores, outras piores; mas o ato de morrer é igual em tudo. Os métodos de acabar com a vida são diferentes; mas o fim é um e o mesmo. A morte não tem graus maiores ou menores; pois tem o mesmo limite em todos os casos, – o fim da vida.

44. A mesma coisa é verdade, asseguro-lhe, em relação aos bens; você encontrará um em circunstâncias de puro prazer, outro em meio a tristeza e amargura. Uma pessoa controla os favores da fortuna; a outra supera seus ataques. Cada um é igualmente um bem, embora um viaja em uma estrada plana e fácil, e o outro em uma estrada áspera. E o fim de todos eles é o mesmo – eles são bens, eles são dignos de louvor, eles acompanham a virtude e a razão. A virtude faz todas as coisas que toca iguais entre si.

45. Você não precisa duvidar que este é um dos nossos princípios; encontramos nos trabalhos de Epicuro dois bens, dos quais é composto o seu Bem Supremo, ou bem-aventurança, isto é, um corpo livre de dor e uma alma livre de perturbação. Estes bens, se estiverem completos, não aumentam; pois como pode o que é completo aumentar? O corpo é, suponhamos, livre da dor; que aumento pode haver a essa ausência de dor? A alma é serena e calma; que aumento pode haver para esta tranquilidade?

46. Assim como o tempo bom, purificado no mais puro brilho, não admite um grau ainda maior de clareza; assim, quando um homem cuida de seu corpo e de sua alma, tecendo a textura de seu bem de ambos, sua condição é perfeita, e ele atingiu a meta de suas orações, se não há comoção em sua alma ou dor em seu corpo. Quaisquer que sejam os encantos que receba em relação a estas duas coisas não aumentam o seu Supremo Bem; eles simplesmente condimentam-no, por assim dizer, e acrescentam tempero a ele. Pois o bem absoluto da natureza do homem é satisfeito com a paz no corpo e a paz na alma.

47. Posso mostrar-lhe neste momento nos escritos de Epicuro uma lista graduada dos bens, assim como a da nossa própria escola. Pois há algumas coisas, ele declara, que prefere receber, tais como descanso corporal livre de qualquer inconveniente e relaxamento da alma enquanto se deleita na contemplação de seus próprios bens. E há outras coisas que, embora preferisse que não acontecessem, mesmo assim elogia e aprova, por exemplo, o tipo de resignação, em momentos de má saúde e sofrimento grave, a que aludi há pouco, os quais Epicuro exibiu naquele último e mais abençoado dia de sua vida. Pois ele nos diz que teve que suportar a excruciante agonia de uma bexiga doente e de um estômago ulcerado, sofrimento tão aguçado que não permitiria aumento da dor; "E ainda," ele diz, "aquele dia não foi menos feliz." E nenhum homem pode passar tal dia em felicidade a menos que possua o Bem Supremo.

48. Portanto, encontramos, até mesmo em Epicuro, bens que seriam melhor não experimentar; que, no entanto, porque circunstâncias assim o decidem, devem ser acolhidos e aprovados e colocados ao nível dos bens mais elevados. Não podemos dizer que o bem que preencheu uma vida feliz, o bem pelo qual Epicuro deu graças nas últimas palavras que pronunciou, não é igual ao maior.

49. Permita-me, excelente Lucílio, pronunciar uma palavra ainda mais ousada: se qualquer mercadoria pudesse ser maior do que outras, eu preferiria aquelas que parecem acres as que são brandas e sedutoras, e as declararia maior. Pois é uma conquista maior superar as barreiras do caminho do que manter a alegria dentro dos limites estreitos.

50. Exige o mesmo uso da razão, estou plenamente consciente, um homem suportar a prosperidade bem e também suportar a desgraça corajosamente. Que homem pode ser tão corajoso que durma em frente às muralhas sem medo de perigo quando nenhum inimigo ataca o acampamento, como o homem que, quando os tendões de suas pernas são cortados, se levanta de joelhos e não solta suas armas; mas é para o soldado manchado de sangue que retorna da frente que os homens clamam: "Bem feito, herói!" E por isso, eu devo conceder maior louvor aos bens que foram julgados e mostraram coragem, e lutaram contra a fortuna.

51. Devo hesitar em dar maior elogio à mão mutilada e seca de Mucio do que à mão inofensiva do homem mais corajoso do mundo? Lá estava Múcio<sup>6</sup>, desprezando o inimigo e desprezando o fogo, e observando sua mão enquanto pingava sangue sobre o fogo no altar de seu inimigo, até que Porsena, invejando a fama do herói a quem ele impingiu o castigo, ordenou que o fogo fosse removido contra a vontade de sua vítima.

52. Por que não devo considerar este bem entre os bens primários, e julgá-lo como muito maior do que aqueles outros bens que são desacompanhados de perigo e não foram testados pela fortuna, pois é uma coisa mais rara superar um inimigo com uma mão perdida do que com uma mão armada. – E então? Você diz; "Você deseja esse bem para si mesmo?" Claro que sim. Pois esta é uma coisa que um homem não pode alcançar a menos que também a possa desejar.

53. Devo desejar, em vez disso, que me permitam esticar os meus membros para que os meus escravos façam massagens, ou que uma mulher, ou um travesti, puxe as articulações dos meus dedos? Não posso deixar de acreditar que Múcio teve mais sorte porque manipulou as chamas tão calmamente como se estivesse estendendo a mão para o massagista. Ele havia aniquilado todos os seus erros anteriores; terminou a guerra desarmado e mutilado; e com aquele toco de uma mão ele conquistou dois reis.

Mantenha-se Forte. Mantenha-se Bem.



## NOTAS:

1 Trecho de Eneida de Virgílio.

2 Sêneca não está falando aqui das três virtudes genéricas (físicas, éticas, lógicas), nem dos três tipos de bens (baseados na vantagem corporal) que foram classificados pela escola peripatética; Ele só está falando de três tipos de circunstâncias sob as quais o bem pode se manifestar. E no § 36 e seguintes ele mostra que considera apenas as duas primeiras classes como bens reais.

3 O exército de Cipião montou dois acampamentos e construiu uma muralha de circunvalação à volta da cidade espanhola com sete torres a partir das quais seus arqueiros podiam atirar por cima da muralha numantina. Ele também represou o pântano vizinho e criou um lago entre a muralha da cidade e sua própria muralha. Para proteger seus acampamentos, Cipião construiu também muralhas exteriores (cinco no total). Para completar o cerco, Cipião isolou a cidade do rio Douro: nos pontos onde o rio entrava e saía da cidade, pares de torres foram construídas e, entre os pares, cabos com lâminas foram estendidos através do rio para evitar a passagem de barcos e nadadores.

4 Touro de Fálaris, foi uma das mais cruéis máquinas de tortura e execução, cujo invento é atribuído a Fálaris, tirano de Agrigento. O aparelho era uma esfinge de bronze oca na forma de um touro mugindo, com duas aberturas, no dorso e na parte frontal localizada na boca. Após colocada a vítima, a entrada da esfinge era fechada e posta sobre uma fogueira. À medida que a temperatura aumentava no interior do Touro, o ar ficava escasso, e o executado procuraria meios para respirar, recorrendo ao orifício na extremidade do canal. Os gritos exaustivos do executado saíam pela boca do Touro, fazendo parecer que a esfinge estava viva.

5 Aqui, Sêneca está lembrando Lucílio, como muitas vezes faz nas cartas anteriores, que a evidência dos sentidos é apenas um degrau para ideias superiores – um princípio do epicurismo.

6 Caio Múcio Cévola (em latim: Gaius Mucius Scaevola). Logo depois da fundação da República Romana, Roma se viu rapidamente sob a ameaça etrusca representada por Lar Porsena. Depois de rechaçar um primeiro ataque, os romanos se refugiaram atrás das muralhas da cidade e Porsena iniciou um cerco. Conforme o cerco se prolongou, a fome começou a assolar a população romana e Múcio, um jovem patrício, decidiu se oferecer para invadir sorrateiramente o acampamento inimigo para assassinar Porsena. Disfarçado, Múcio invadiu o acampamento inimigo e se aproximou de uma multidão que se apinhava na frente do tribunal de Porsena. Porém, como ele nunca tinha visto o rei, ele se equivoca e assassina uma pessoa diferente. Imediatamente preso, foi levado perante o rei, que o interrogou. Longe de se intimidar, Múcio respondeu às perguntas e se identificou como um cidadão romano disposto a assassiná-lo. Para demonstrar seu propósito e castigar seu próprio erro, Múcio colocou sua mão direita

no fogo de um braseiro aceso e disse: "Veja, veja que coisa irrelevante é o corpo para os que não aspiram mais do que a glória!". Surpreso e impressionado pela cena, o rei ordenou que Múcio fosse libertado. Como reconhecimento, Múcio confessa que trezentos jovens romanos haviam jurado, assim como ele, estar prontos a sacrificar-se para matá-lo. Aterrorizado por esta revelação, Porsena teria baixado suas armas e enviado embaixadores a Roma.